



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

**GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

WALLACE FELIPE CARDOZO DE JESUS

***PODCAST* REG DE RAP:**

A HISTÓRIA DO RAP EM SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA

Salvador
2020

WALLACE FELIPE CARDOZO DE JESUS

***PODCAST* REG DE RAP:
A HISTÓRIA DO RAP EM SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação com Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Regina Lucia Gomes Souza e Silva

Salvador
2020

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação com Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura apresenta fundamentação teórica e memorial descritivo do processo de produção do *podcast* Reg de Rap. O produto final narra, em quatro episódios, a história do gênero musical rap em Salvador e região metropolitana, no período compreendido entre as décadas de 1990 e 2010. A investigação se deu através de pesquisa bibliográfica, entrevistas, análise de músicas, álbuns, videoclipes, matérias jornalísticas, eventos, filmes e artigos que se relacionassem ao rap e aos recortes geográfico e de tempo. Os objetivos do produto final são o resgate e a valorização da memória dos agentes que atuaram e atuam na promoção do gênero musical no território soteropolitano, além do reconhecimento da importância do rap enquanto fenômeno cultural. O *podcast* Reg de Rap foi distribuído nas principais plataformas de *streaming* e no YouTube.

Palavras-chave: rap, hip hop, Salvador, Bahia, *podcast*, cultura, música, memória.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representantes de Salvador e Lauro de Freitas no 2º Encontro Baiano de Hip-Hop, em Itapetinga	24
Figura 2 – Cartaz de divulgação do evento Arreção Hip Hop	26
Figura 3 – Busca no Google do termo “música de Salvador”	27
Figura 4 – Marca do <i>podcast</i> Reg de Rap	39
Figura 5 – Capa do segundo episódio do <i>podcast</i> Reg de Rap	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 Rap: pedaço do movimento	8
2.2 O rap do Brasil: nosso país	13
2.3 Rap em Salvador e região: Zeroseteum.....	22
2.4 <i>Podcast</i> : mundo moderno.....	30
3. O PRODUTO.....	34
3.1 Roteiros.....	35
3.2 Gravação	36
3.3 Edição	37
3.4 Distribuição.....	37
3.5 Identidade Visual	38
3.6 Divulgação.....	40
3.7 Dificuldades	40
3.8 Orçamento.....	41
4. NOTAS FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A	45
APÊNDICE B	81

1. INTRODUÇÃO

Produção Cultural é uma área estranha. Conheço gente que nunca assistiu a uma aula de Elaboração de Projetos, mas realiza eventos incríveis e é referência no mercado. Também conheço quem tenha concluído o mesmo curso no qual estou me formando agora e preferiu atuar em outras frentes da comunicação. A propósito, a faculdade me ajudou a entender a relação entre cultura e comunicação.

Eu, por exemplo, já atuava na cultura antes mesmo de pisar na Faculdade de Comunicação (FACOM) pela primeira vez, em novembro de 2016. Já era artista há três anos e, há pelo menos um, integrava a organização da Batalha do Caranga, uma batalha de MCs que acontece na principal praça do bairro onde moro, Itinga, em Lauro de Freitas. Lotávamos o Largo do Caranguejo toda sexta-feira sem sequer saber o que é um *release*. Eu já era produtor cultural antes mesmo de entrar na faculdade, então de que serve este diploma, afinal?

Além da Batalha, eu já atuava como MC do grupo WWL RAP. Eu, Wesley e Lucas começamos a escrever músicas em 2013 e tivemos uma caminhada de muito aprendizado no rap. Absorvi muita coisa, conheci pessoas incríveis e me apaixonei pela cultura hip hop. Após o fim do grupo, em 2019, segui carreira solo. Segui, também, acreditando no potencial transformador da cultura.

Eu sempre fui encantado com a Comunicação. Desde pequeno, gostava de imitar jornalistas e observar peças publicitárias, fossem elas na TV ou em *outdoors*. Graças ao Google e ao YouTube, aprendi por conta própria a fotografar, editar vídeos e escrever roteiros básicos. Experimentei tudo isso durante a trajetória do WWL RAP, onde produzi todos os videoclipes lançados. Era um sinal de que a cultura e a comunicação se cruzariam em meu caminho.

Após concluir o ensino médio, eu tinha a certeza de que cursaria Publicidade e Propaganda. Fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e fui aprovado para um dos cursos de Comunicação ofertados pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Eram duas opções: “Comunicação Social” e “Comunicação Social – Jornalismo”. Eu havia passado na primeira e poderia apostar que se não era Jornalismo, só podia se tratar de Publicidade e Propaganda. Só descobri que estava errado na Semana do Calouro.

O nome do curso era enorme: Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura. Não fazia ideia do que se tratava, mas gostei, sobretudo, da última

parte. Comunicação e cultura eram duas áreas com as quais eu me identificava e resolvi dar uma chance.

Me lembro que, ainda no primeiro semestre, fiz questão de escolher o hip hop como tema para a primeira atividade avaliativa escrita, na disciplina Política da Cultura e da Comunicação. E foi assim durante o resto do curso: onde dava para falar de hip hop ou de rap, lá estava eu teorizando a minha prática. Óbvio, não seria diferente com o Trabalho de Conclusão de Curso.

Passei um ano e meio como membro do Programa de Educação Tutorial em Comunicação da UFBA (Petcom), onde, dentre outras atividades, integrei a equipe multimídia e escrevi para a Revista Fraude, publicação anual de jornalismo cultural. Comunicação e cultura, mais uma vez. Também no Pet, ministrei oficina de fotografia e tive um primeiro contato com a pesquisa acadêmica.

Outra experiência interessante da minha trajetória na FACOM foi o Quadra Hip Hop, evento realizado pela turma da disciplina Oficina de Produção Cultural, em 2017.2. Sugeri que produzíssemos um evento de hip hop na UFBA, visando atrair o público jovem e periférico que já ocupava outros espaços públicos da cidade para ocupar, mesmo que simbolicamente, a universidade pública. Fui o coordenador geral do evento, que, modéstia à parte, foi um sucesso. Sempre falarei do Quadra com muito carinho e orgulho.

A experiência de realizar um evento de rap me fez pensar, durante muito tempo, que o meu trabalho final seria o projeto de um outro evento. Essa ideia ainda iria mudar bastante. Já pensei em fazer uma revista, um site, uma monografia, até chegar no *podcast*. Eu já vinha observando a ascensão desse formato no Brasil há um tempo. Confesso que demorei um pouco para começar a consumi-lo, mas depois fui conquistado. Eu sou um adepto da oralidade, gosto de ouvir e contar histórias, e sempre admirei a radiofonia.

No semestre 2019.2, quando já tentava definir de que forma abordaria o rap no meu TCC, resolvi me matricular na disciplina Oficina de Radiojornalismo. Era a virada de chave que faltava para que o *podcast* Reg de Rap começasse a tomar forma. Antes disso, eu estava decidido a escrever uma monografia onde pesquisaria as transformações do gênero rap no Brasil. O recorte precisou ser diminuído duas vezes – primeiro para o estado da Bahia, e depois, finalmente, para Salvador e região metropolitana – até chegar ao definitivo.

Além da minha afinidade com o formato, a decisão por produzir um *podcast* ao invés de “simplesmente” escrever uma monografia vem da minha vontade de tornar o conteúdo tão democrático e acessível quanto possível. O *podcast* Reg de Rap visa contar a história do rap de Salvador e região metropolitana e este trabalho estará dividido em duas partes.

A primeira delas será a fundamentação teórica, dividida em quatro subcapítulos. O título de cada subcapítulo remeterá a uma música do rap local: *Pedaço do Movimento*, do grupo Fúria Consciente, *Nosso País*, do grupo Contenção 33, *Zeroseteum*, do grupo WWL RAP e *Mundo Moderno*, do grupo Nova Era. Os subcapítulos tratarão, respectivamente, do rap e a cultura hip hop, do rap no Brasil, do rap em Salvador e região e, por fim, dos conceitos relacionados ao formato *podcast*.

Na segunda parte, farei um relato do processo de produção do *podcast* Reg de Rap. Narrarei, em primeira pessoa, a construção dos roteiros, as gravações, as edições, a distribuição do produto, a definição da identidade visual e as dificuldades do processo. Por fim, anexarei os roteiros dos quatro episódios e a entrevista concedida por Cesar Mayko, ex-integrante do Leões do Rap, primeiro grupo de rap de Salvador.

Os episódios do *podcast* Reg de Rap, assim como o presente documento, serão disponibilizados para audição no Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Rap: pedaço do movimento

O rap, sigla para ritmo e poesia (*rhythm and poetry*, em inglês), surgiu em meados dos anos 1970 em comunidades periféricas dos Estados Unidos. O bairro do Bronx, em Nova Iorque, era um desses lugares. Como qualquer comunidade à margem dos grandes centros urbanos, este carecia de políticas culturais oriundas do poder público e as gangues criminosas tornavam-se atraentes para os jovens. De acordo com Teperman (2015, p. 17), a população do bairro era formada por imigrantes caribenhos – de Jamaica, Porto Rico e Cuba, por exemplo, após uma onda migratória motivada pelo fim da Segunda Guerra Mundial – e latinos, além de afro-americanos estabelecidos.

Com poucas opções de lazer, os moradores organizavam suas próprias festas nas ruas. Populares na Jamaica, os *sound systems* – carros equipados com potentes caixas de som – chegaram ao Bronx junto com os imigrantes. Há controvérsias sobre a origem do movimento em solo jamaicano, mas uma das versões mais coerentes dão conta de que este era uma alternativa acessível encontrada pelas pessoas que não tinham condições financeiras de frequentar as festas privadas ou comprar aparelhos sonoros para as suas residências (COSTA; CATALAN, 2019, p. 528-529).

Os organizadores dos *sound systems* punham discos de gêneros da *black music*¹ para tocar e animar o público. Dono de um dos mais famosos sistemas de som da região, o jamaicano Kool Herc ficou famoso por desenvolver técnicas como o *back to back*, que consiste em “repetir ciclicamente um mesmo trecho curto, criando como que uma nova música” (TEPERMAN, 2015, p. 18). Sobre os *breakbeats*, bases instrumentais que surgiam através das manipulações do *back to back*, executados pelos primeiros *DJs* (*disc jockeys*, manipuladores de disco) da história do rap, os primeiros *MCs* (*masters of ceremony*, mestres de cerimônia) arriscavam rimas improvisadas ou pequenos trechos previamente memorizados e facilmente memorizáveis para o público.

O rap se popularizou a partir de então e começou a tomar forma enquanto produto cultural. As músicas eram, agora, escritas pelos *MCs* para serem gravadas em estúdios com o aparato tecnológico necessário e disponível à época. Apesar de, a essa altura, Kool Herc já ter desenvolvido o *back to back*, que resultava nos *breakbeats*,

Os primeiros discos gravados de hip hop não usavam breaks. Nos históricos lançamentos dos selos Sugarhill, Enjoy e Winley a parte instrumental da música ficava a cargo de uma banda de estúdio, reproduzindo o groove “emprestado”. Em “Rapper’s Delight”, primeiro (e ainda um dos maiores) hits do hip hop, é a banda da Sugarhill que replica o groove de “Good Times”, do Chic. Mesmo “The Breaks”, de Kurtis Blow, é banda, e nesse caso o groove nem mesmo é inspirado em algum anterior. Na fase seguinte, a do electro, lançado por “Planet Rock”, de Afrika Bambaataa e Soul Sonic Force, a batida ficava a cargo de baterias eletrônicas. O electro não usa breakbeats, apesar de ser quebrado. As baterias de músicas de Grandmaster Flash, Jonzun Crew, Davy DMX e Whodini, entre outros caras do período, são compostas e programadas pelos próprios produtores, não tiradas de um registro existente. (AIMEC, 2010)

¹ Magalhães e Souza (2012, p. 2) definem a *black music* como um “termo utilizado para designar a música afro-americana nos Estados Unidos. Atualmente o termo é amplamente conhecido pelo mundo e engloba diversos gêneros musicais surgidos na América e derivados de elementos da cultura africana, tais como *blues*, *soul*, *rhythm and blue* (sic), *jazz*, [...] e *funk*”.

As letras dos primeiros raps geralmente traziam trocadilhos e brincadeiras que estimulavam a dança nas pistas, como em *Rapper's Delight*², do trio Sugarhill Gang. No entanto, não demorou a surgir letras que versavam sobre a violenta rotina das comunidades periféricas. Na música *The Message*³, lançada em 1982 pelo grupo Grandmaster Flash & The Furious Five, um dos *rappers* relata a vida de um jovem que cresce num gueto americano e acaba sendo preso, estuprado e assassinado na cadeia, por exemplo. *Renegades of Funk*⁴, de Afrika Bambaataa, ilustra o tom de protesto que o rap assumia. Na faixa, o artista diz palavras de ordem como “não importa o quanto vocês tentem, vocês não conseguirão nos parar agora” (tradução nossa) e cita os líderes negros Malcolm X e Martin Luther King Jr.

As músicas e festas começaram a chamar a atenção e atrair os jovens das periferias estadunidenses. As rimas despudoradas e repletas de gírias e referências que faziam parte do cotidiano dos ouvintes proporcionavam um sentimento de identificação entre público e obra que viria a se tornar uma das principais características do rap. Essa identificação da recepção com a narrativa se justifica, de acordo com Gomes (2004, p. 295), pois “uma narrativa [...] tanto pode despertar em mim um determinado conjunto de sentimentos quanto podem (sic) me fazer pensar determinadas coisas, produzir em mim determinadas convicções que funcionam como substrato cognitivo”.

É comum que haja uma confusão entre rap e hip hop, geralmente com a utilização equivocada do segundo termo para se referir ao primeiro. Na verdade, o rap é uma parte do movimento artístico-cultural denominado hip hop, por sua vez composto por quatro elementos. O *grafitti*, ou grafite, é o elemento do eixo das artes visuais, enquanto o *break dance*, ou dança de rua, o do eixo cênico. O *MC* e o *DJ* são os outros dois elementos, e, juntos, fazem o rap, eixo musical do hip hop. Em suma, o hip hop é formado por três eixos (artes visuais, artes cênicas e música) e quatro elementos (grafite, dança de rua, *MC* e *DJ*).

Quanto à etimologia, o termo hip hop surgiu em um dos improvisos do *DJ* e *MC* Lovebug Starski (TEPERMAN, 2015, p. 19) e é uma brincadeira entre o verbete *hip*, que significa quadril, e o verbo *to hop*, que pode ser traduzido como dançar. Os dançarinos do hip hop são chamados *b-boys* e *b-girls*, onde a letra B faz referência aos *breakbeats*. Os

² SUGARHILL GANG. *Rapper's Delight*. Englewood: Sugar Hill Records, 1979.

³ GRANDMASTER Flash & The Furious Five. *The Message*. Englewood: Sugar Hill Records, 1982.

⁴ BAMBAATAA, Afrika. *Renegades of Funk*. Nova Iorque: Tommy Boy Records, 1983.

responsáveis pelo grafite são os únicos no hip hop cuja nomenclatura tem versão em língua portuguesa: grafiteiros.

Além da confusão entre hip hop e rap, existe um equívoco entre as noções de *DJ* e de *beatmaker*, inclusive por parte de alguns estudiosos do hip hop. O *beatmaker* é um componente recente e não se trata, oficialmente, de um elemento do movimento artístico-cultural. No início, conforme explanado acima, as técnicas de repetição de trechos de músicas pré-existentes aplicadas pelos *DJs* eram o que formava o *beat*, instrumental sobre o qual os *MCs* rimam. A prática não deixou de existir, todavia a evolução da tecnologia e a consequente expansão do gênero rap possibilitaram que a produção desses *beats* seja feita no computador, através da simulação de instrumentos musicais e de novas formas de samplear⁵. O profissional que atua produzindo *beats* através do computador é o *beatmaker*, que pode também exercer a função de *DJ* em apresentações, mas não necessariamente o faz.

Uma outra controvérsia, essa entre os atores e consumidores do hip hop, diz respeito à obrigatoriedade ou não da politização das obras e apresentações artísticas. Sobre tal questão, Hilton (2018, p. 15-16) propõe uma diferenciação entre as noções de cultura hip hop e movimento hip hop. Em resumo, a cultura hip hop diz respeito à arte e seu fomento, incluindo as disputas do mercado cultural e da divulgação do hip hop. O movimento hip hop, por sua vez, trata da articulação, da arte-educação enquanto ferramenta de transformação da realidade. A proposição sugerida por essa divisão diz que “a Cultura está no Movimento, mas nem sempre o Movimento está na Cultura” (HILTON, 2018, p. 15).

Uma das premissas utilizadas pelo autor é a existência de um quinto elemento do hip hop, o conhecimento, defendido por Afrika Bambaataa quando da criação da Zulu Nation, uma das principais organizações do hip hop mundial, em 1977 (TEPERMAN, 2015, p. 27). O quinto elemento foi “estabelecido em sua origem como princípio interdisciplinar e consolidador do H2. Agrega os elementos artísticos, imprimindo um caráter de comprometimento pedagógico e histórico” (HILTON, 2018, p. 13). H2 é uma usual abreviação do termo hip hop.

⁵ *Sample* é a utilização de trechos de gravações de áudio em novas montagens sonoras. No rap, é comum o uso de partes instrumentais de músicas de outros gêneros para construir novos beats e de trechos de falas de jornalistas em telejornais para iniciar uma música, por exemplo.

No rap nacional, a noção de quinto elemento costuma ser reivindicada pelos *MCs* do chamado “rap de mensagem”⁶. Um dos principais defensores do quinto elemento, o *rapper* Marechal criou a Batalha do Conhecimento, em 2007. O evento é um contraponto às tradicionais batalhas de *MCs*, onde os artistas se enfrentam trocando ofensas enquanto rimam, na modalidade batizada de “batalha de sangue”. Na alternativa proposta por Marechal, os improvisadores são desafiados a rimar sobre um tema sugerido, e vence quem demonstrar mais “conhecimento”. Na música *Griot*⁷, apenas disponível em forma de captações de áudio de apresentações ao vivo do artista, Marechal reforça: “as batalhas falavam merda, eu fiz a do conhecimento”.

A popularização da cultura hip hop por todo o mundo teve grande contribuição das produções audiovisuais, fossem elas filmes longas-metragens ou seriados. O filme estadunidense *Breakin’* (dirigido por Joel Silberg, 1984), retrata o surgimento do *break dance* e fez algum sucesso no Brasil, por ter sido exibido algumas vezes na TV aberta durante as décadas de 1980 e 1990. A produção foi citada várias vezes ao longo do livro *Bahia com H de Hip-Hop*, de Jorge Hilton, como sendo um dos primeiros contatos de diversos artistas baianos com a cultura de rua. O longa também foi lembrado por Cesar Mayko (informação verbal)⁸, fundador do primeiro grupo de rap de Salvador – Leões do Rap –, em entrevista para este Trabalho.

A maioria dos seriados que abordam em seus enredos a juventude negra dos Estados Unidos dos anos 1980 fazem alguma referência ao hip hop. Dois exemplos de grande sucesso no Brasil, também por conta da exibição em TV aberta, os seriados *Todo Mundo Odeia o Chris* (2005-2009) e *Um Maluco no Pedaço* (1990-1996) ilustram a afirmação. O primeiro contém, em alguns episódios, cenas de bailes com *DJs* animando a plateia e exercendo também a função de *MC*, além de destacar as vestimentas e costumes comuns aos atores da cultura hip hop naquele momento. O hip hop é tema do episódio “Todo mundo odeia *DJs*”⁹, onde o protagonista, Chris, se arrisca como *DJ* em um baile, enquanto um *MC* improvisa. Já

⁶ Termo utilizado no meio do rap para se referir às músicas cujas letras possuem algum comprometimento pedagógico ou denuncioso, logo, com o conhecimento. Está em oposição ao rap que não faz questão de ser politizado e trata de temáticas diversas

⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=eH2doV-F1zM>>. Acesso em 3 de jun. de 2020

⁸ Entrevista concedida ao autor deste trabalho em 12/03/2020. Apêndice B.

⁹ Décimo sétimo episódio da segunda temporada de *Todo Mundo Odeia o Chris*, foi ao ar pela primeira vez em 19 de março de 2007 e conta com participação especial de DJ Quik interpretando o DJ Hilly Hill

Um Maluco no Pedaco, série protagonizada pelo ator e *rapper* Will Smith, expõe referências ao hip hop já em sua abertura. A música-tema do seriado é o rap *The Fresh Prince of Bel-Air*¹⁰, da dupla da qual Will fazia parte, DJ Jazzy Jeff & The Fresh Prince. Além disso, o protagonista aparece grafitando um muro e a tipografia utilizada digitalmente nos créditos iniciais da obra remete à arte visual do hip hop. Recentemente, a história do hip hop foi tema principal do seriado *The Get Down* (2016-2017), da Netflix.

Os filmes, seriados, livros e todos os outros materiais a respeito do hip hop e, consequentemente, do rap foram importantes para difundir a cultura ao redor do mundo. Ao longo do tempo, outros filmes, alguns de maior destaque na crítica, surgiram abordando o rap, como *8 Mile - Rua das Ilusões* (dirigido por Curtis Hanson, 2002), estrelado pelo *rapper* Eminem e vencedor do Oscar de melhor canção original. O contexto de violência que inspirava letras e grafites nas periferias em que os bailes surgiam não era exclusividade dos guetos novaiorquinos, outro fator que gerava curiosidade e identificação em muitos lugares em que a então novata cultura chegava.

2.2 O rap do Brasil: nosso país

Assim como os estadunidenses, os centros urbanos brasileiros tinham uma rotina violenta no fim do século XX, principalmente em suas comunidades periféricas. A cidade de São Paulo era uma das mais sangrentas do país, tendo registrado um aumento de 134% na taxa de homicídios entre os anos 1980 e 1989. No último ano deste intervalo, a capital paulista registrou mais que o dobro no índice de assassinatos a cada cem mil habitantes, em comparação com a cidade do Rio de Janeiro – 40,8 contra 20,1 (SOUZA, 1998, p. 195).

As características do cotidiano urbano que aproximavam o contexto das periferias de São Paulo ao do bairro do Bronx, em Nova Iorque, abriram espaço para a chegada do hip hop ao Brasil. A maioria dos encontros davam-se no Largo São Bento e reunia dançarinos e admiradores para disputas de *break dance*. Os rachas, como eram chamadas as empolgadas batalhas de dança, foram os primeiros passos do rap no Brasil, e não eram bem vistos pelas autoridades, como destaca uma reportagem¹¹ do site Hypheness:

¹⁰ DJ Jazzy Jeff & The Fresh Prince. *The Fresh Prince of Bel Air*. Nova Iorque: TVT Records, 1996.

¹¹ DEMOS um rolê a pé para retomar a história do hip-hop em SP. Hypheness, mai. de 2016. Roteiro Hypheness. Disponível em: <<https://www.hypheness.com.br/2016/05/roteiro-hypheness-role-a-pe-retoma-a-historia-do-hip-hop-em-sp/>>. Acesso em 05 de dez. de 2018

Na época, havia muita repressão com essa galera, que era parada pela polícia para averiguação o tempo todo. Este era apenas um dos reflexos do preconceito, que acabavam se tornando desabafo ao longo das músicas. O rap trouxe novas vertentes para a música nacional, dando voz à periferia e aos problemas que ninguém quer ver ou falar sobre, como prostituição, consumismo, preconceito, militarismo e violência.

O contexto de repressão vivido no período está diretamente relacionado ao teor que a maioria das letras do rap nacional assumiria naquele momento. Na segunda metade da década de 1980, o Brasil vivia a ressaca do regime ditatorial, e, de acordo com Teperman (2015, p. 10) “o fortalecimento dos movimentos sociais com o fim da ditadura civil-militar brasileira (1964-85) criou um terreno fértil para a politização do rap”.

O novato gênero musical rap alçara a si mesmo à categoria de movimento social ao se incumbir da missão de denunciar, sobretudo, questões relacionadas à violência e à pobreza nas favelas brasileiras. Tendo como público-alvo inicial os moradores das comunidades periféricas, cujas vivências coincidiam com as situações narradas pelos *rappers* em suas músicas, as letras de rap, para além das narrativas cotidianas, tinham uma linguagem comum a essas pessoas, com a utilização de gírias e expressões que eram populares no ambiente periférico. Para Zibordi (2015, p. 91), “essa opção afasta da tradição literária, mas, por outro lado, aproxima do público visado pelo rap, justamente porque reforça o elo com o contexto preferencial dos marginalizados”.

Outro elemento importante para a identificação entre público-alvo e rap era o fato de a maioria dos *rappers* daquele momento inicial também serem moradores de comunidades periféricas. Muitas das músicas costumavam ser ricas em detalhes sobre consumo e tráfico de drogas ou armamento, por exemplo, e algumas delas eram narradas em primeira pessoa.

Cabe destacar que nem todos os *rappers* e grupos de rap seguiam a linha de cantar sobre o contexto de violência, nos termos explicitados nos dois últimos parágrafos. Entretanto, essa tendência foi predominante no rap nacional do final do século XX e a ela foi dada o nome de *gangsta rap*.

Um dos grandes expoentes do *gangsta rap* brasileiro na época foi a dupla 509-E, formada por Dexter e Afro X. O nome do grupo faz referência ao código da cela que ocupavam na Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru. Os *rappers* se conheceram quando ambos estavam em condição de privação de liberdade e as músicas do grupo tratam de assuntos correlatos à situação, como encarceramento e violência, por exemplo.

Por conta do rap, os dois *MCs* eram autorizados a deixar temporariamente a prisão, escoltados, para realizar atividades como shows e entrevistas. Numa dessas oportunidades, eles participaram do programa *Altas Horas*, da TV Globo, onde tiveram um debate acalorado com o deputado estadual Conte Lopes, ex-policial e atual componente da chamada “bancada da bala”¹², no Congresso. Os *rappers* questionaram o parlamentar principalmente a respeito da violenta atuação policial nas favelas. Os ânimos se acirraram, os dois lados trocaram acusações e o debate precisou ser interrompido pelo apresentador do programa.

Esse episódio é ilustrativo a respeito do posicionamento de denúncia e busca por melhorias, inerente ao *gangsta rap*, frente às situações vivenciadas nas comunidades periféricas brasileiras, das quais os protagonistas do subgênero eram originários. Para uma das principais estudiosas do hip hop, a socióloga Tricia Rose (*apud* ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p. 70),

jovens nascidos na desorganização das sociedades pós-industriais metropolitanas identificam-se com o universo do break, do grafite e do rap, fazendo dessa produção cultural não só mais uma mercadoria comercializável, mas também uma forma de reivindicação de espaço sociocultural.

A utilização da música para dar visibilidade às pautas dos moradores da periferia não era, entretanto, uma exclusividade do rap; o funk também estava emergindo no Brasil nesse mesmo período histórico. No livro *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena*, o pesquisador Micael Herschmann analisa o despontar dos dois movimentos culturais. Ao se referir ao disco *Funk Brasil*¹³, de 1989, Herschmann (2005, p. 28) destaca que "o sucesso alcançado por essa coletânea redimensionou o mercado fonográfico nacional, abrindo caminho para que vários jovens 'adquirissem voz' e saíssem do anonimato, colocando em evidência uma 'realidade dura' e uma cultura do subúrbio".

Existem pelo menos duas outras curiosas aproximações entre o funk e o rap nacionais. A primeira é a utilização, por ambos os gêneros musicais, do termo *MC* para nomear os intérpretes vocais das músicas. Como visto no subcapítulo anterior, *MC* é uma sigla em inglês para *masters of ceremony*, mestre de cerimônia. A segunda curiosidade diz respeito ao fato de

¹² A enciclopédia colaborativa *online* Wikipedia define “bancada da bala” como um “nome pejorativo usado para referir à frente parlamentar composta por políticos que defendem o armamento civil, flexibilização de leis relacionadas a armas e contra políticas desarmamentistas”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bancada_da_bala>. Acesso em 21 de mai. de 2020

¹³ FUNK Brasil. DJ Marlboro. Rio de Janeiro: Polydor, 1989. 1 LP.

alguns dos funks mais famosos da década de 1990 levarem o nome de rap, a exemplo dos clássicos *Rap do Silva*¹⁴, de MC Bob Rum, *Rap do Solitário*¹⁵, de MC Marcinho, e *Rap da Felicidade*¹⁶ e *Rap das Armas*¹⁷, ambas da dupla Cidinho & Doca. Com o tempo e a popularização de ambos os gêneros musicais, essa prática caiu em desuso.

A principal maneira de se identificar uma música do gênero rap, até hoje, é a forma de cantar, algo entre o canto e a fala. Em muitos momentos, o *rapper* faz apenas uma fala sobre o instrumental. A maioria dos autores consultados para este Trabalho dão a esse modo de cantar o nome de canto-falado.

A música contém fortes características da fala, mas, diferente da declamação de uma poesia,

o rap se apresenta como um canto-falado mas não recitado; a acentuação rítmica e a presença do pulso no contexto da narrativa é que lhe confere distinção em relação à simples narrativa poética. Quem lê uma letra de rap e ouve-a no contexto da música percebe a distinção, ou seja, é o ritmo combinado com a acentuação vocal e o ambiente sonoro que o diferencia da mera exposição oral. Neste caso, ritmo e poesia combinam-se para produzir uma síntese de outra natureza, não se trata mais de ritmo + poesia em separado, mas rap: amálgama de ritmos, poética e sons de diferentes espécies orientados pelo ciclo rítmico. (SILVA, 1988, p. 213-214 *apud* ZIBORDI, 2015, p. 85)

Apesar das diferenças, a atual cena do rap está intrinsecamente ligada à cena da poesia marginal, inclusive na Grande Salvador. A maioria dos jovens que recitam poesias, autorais ou não, em veículos do transporte público da capital baiana são, de alguma maneira, ligados ao rap. Da mesma forma, os *saraus* e *slams*¹⁸ de poesia têm protagonistas, organizadores e público, muitas vezes, comuns ao gênero musical.

Outro movimento que compartilha de público similar é o das batalhas de *MCs*. As batalhas – duelos ou rinhas, a depender da região do Brasil – são embates entre dois ou mais *rappers*, que devem fazer rimas improvisadas na hora, um contra o outro. O público decide quem vence a disputa, mas não é rara a presença de jurados, geralmente outros *MCs*.

¹⁴ MC BOB RUM. *Rap do Silva*. In: *Está Escrito*. [S. l.]: Spotlight Records, 1996.

¹⁵ MC MARCINHO. *Rap do Solitário*. In: *Sonhos*. [S. l.]: Labidad Music, 1999.

¹⁶ CIDINHO & DOCA. *Rap da Felicidade*. In: *Eu só quero é ser feliz*. [S. l.]: Spotlight Records, 1995.

¹⁷ Mc Cidinho e Doca - Rap Das Armas [Original]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2odzHABaG6w>>. Acesso em 4 de jun. de 2020

¹⁸ Competição de declamação de poesias autorais, geralmente de cunho político

Apesar de terem um circuito organizado a nível nacional, as batalhas, em geral, são organizadas de maneira independente pelos próprios artistas. Costumam acontecer semanalmente em quase todos os bairros de Salvador e ocupam praças, como por exemplo a Batalha do Dendê, na Praça do Dendezeiros, a Batalha de São Caetano, na quadra de esportes do bairro, e a Batalha do Caranga, no Largo do Caranguejo, em Lauro de Freitas.

Em Salvador, além das batalhas dos bairros, existe o 3º Round, evento que acontece semanalmente no Pelourinho e é o responsável por definir, através de edições eliminatórias, quem vai representar o estado da Bahia no Duelo de MCs Nacional, evento que ocorre anualmente sob o Viaduto Santa Tereza, em Belo Horizonte. Em 2014, o MC Larício, de Lauro de Freitas, foi campeão do Duelo.

Uma batalha¹⁹ entre os MCs Emicida e Cabal, em 2006, é um dos principais episódios do rap nacional. A disputa daquela noite, assim como seus respectivos desdobramentos, é abordada por Ricardo Teperman no antepenúltimo capítulo de seu livro *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. Dentre outras, duas das questões tensionadas durante e após a batalha entre os dois *rappers* foram os debates racial e de classe no rap. Emicida, negro e de origem humilde, utilizou os fatos de Cabal ser branco e possuir uma condição financeira privilegiada como argumentos fundamentais do seu ataque na referida batalha.

A legitimidade de pessoas brancas em posição de protagonismo no rap divide opiniões. O motivo da polêmica é a origem do gênero musical estar diretamente ligada à *black music* e a pessoas negras em situação periférica, geralmente cantando sobre os problemas relacionados a essas condições. A música feita pelo grupo de rap mais bem sucedido do Brasil, Racionais MC's, alcançou prestígio nacional seguindo essa linha.

Gabriel o Pensador, *rapper* branco e de classe média, fez grande sucesso no Brasil, no início da década de 1990. O artista viralizou – e foi censurado – com a música *Tô feliz (Matei o Presidente)*²⁰, onde insinua, com detalhes, ter assassinado Fernando Collor, à época Presidente da República. Ainda no livro supracitado, Teperman (2015, p. 59) aponta que, no Brasil, “o rap só se tornou massivamente popular ao atingir ‘as camadas brancas’ da sociedade”.

¹⁹ Emicida x Cabal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jr2jL1qjnK4>>. Acesso em 4 de jun. de 2020

²⁰ GABRIEL o Pensador. *Tô Feliz (Matei O Presidente)*. In: Gabriel o Pensador. Rio de Janeiro: Sony Music, 1993.

Não há como negar que Gabriel o Pensador contribuiu, à sua maneira, para a disseminação do gênero musical no país (TEPERMAN, 2015, p. 59-60). De acordo com Miranda (2015, p. 45), “em Salvador e outras cidades brasileiras, o Racionais MC’s só passa a ser conhecido bem depois de Gabriel, que ganha projeção nacional a partir de 1993”. Da mesma forma, não há como negar que muitos dos espaços que foram concedidos a ele provavelmente não o teriam sido caso não se tratasse de um artista branco e de origem abastada.

Cabe destacar que o autor aqui citado como Miranda é o mesmo referido com o nome de Hilton em outros momentos deste Trabalho. Trata-se de Jorge Hilton de Assis Miranda, *rapper* e pesquisador do gênero. Hilton investigou a polêmica questão dos *rappers* brancos no Brasil em sua dissertação “Perspectivas de *rappers* brancos/as brasileiros/as sobre as relações raciais: um olhar sobre a branquitude”.

Além da questão sobre negros e brancos no rap, outra dicotomia que rende boas análises, e, com certeza, será tema de mais de um episódio durante a trajetória do *podcast*, é a “velha escola *versus* nova escola”. Grosso modo, a velha escola diz respeito à primeira geração de *rappers* e grupos de rap do país, compreendendo os artistas surgidos até o segundo terço da década de 2000. Os artistas que emergiram após esse momento, sobretudo impulsionados pela internet, compõem a nova escola.

A observação desses dois momentos do rap nacional, além de diferentes momentos históricos, contrasta musicalidades, relações, linguagens e unanimidades distintas. Tais atualizações reforçam o universo do rap, composto, dentre outras coisas, por gírias, moda e comportamento, enquanto uma linguagem, pois “todos os sistemas e formas de linguagem tendem a se comportar como sistemas vivos, ou seja, eles reproduzem, se readaptam, se transformam e se regeneram como as coisas vivas” (SANTAELLA, 1983, p. 14). Um exemplo ilustrativo é a ida de artistas do rap brasileiro a programas de grandes emissoras de TV. O que, para a velha escola, normalmente seria uma espécie de traição ao movimento mostrou-se uma oportunidade de expansão de mercado para a nova escola. Essa postura da nova geração do rap “contradiu preceitos iniciais como distanciamento total da mídia e dos intelectuais institucionalizados na academia, conquista de público socialmente privilegiado, retorno financeiro significativo” (ZIBORDI, 2015, p. 141-142).

A chegada da internet foi um divisor de águas no rap nacional, pois legitimou a independência dos artistas e expandiu o acesso aos ouvintes. Aos poucos, tocar na rádio ou

aparecer na televisão deixou de ser fundamental ao sucesso de quem fazia música, e a produção musical, por sua vez, dependia cada vez menos das grandes gravadoras. Era o início de uma “democratização” do acesso aos meios de produção do rap. Como o gênero musical não necessita, via de regra, de instrumentos musicais orgânicos, a parte instrumental das músicas costuma ser produzida digitalmente e a rede mundial de computadores facilitou o intercâmbio de material e de informações. Conseqüentemente, a quantidade de *MCs*, grupos, *DJs* e *beatmakers* cresceu, o que, provavelmente, é um dos motivos da expansão da popularidade do rap nacional a partir dos anos 2000.

Os artistas da nova geração do rap ressignificaram a utilização da internet, utilizando a tecnologia para divulgar as suas músicas, comercializar produtos e criar uma rede ainda maior de ouvintes-consumidores. Com tantas novas facilidades possibilitadas pelo avanço tecnológico, naturalmente “os artistas da chamada nova escola mostraram-se muito mais desvoltos na profissionalização de suas carreiras, obtendo grande e inédito sucesso na criação de novos sistemas de gestão do rap como *negócio*” (TEPERMAN, 2015, p. 11).

Assim como as gestões das carreiras dos artistas, o gênero rap também se atualizou. A maior facilidade de intercâmbio cultural trouxe aos *MCs* do rap nacional novas referências, narrativas e subgêneros musicais. Vale destacar que o novo século trouxe consigo algum grau, mesmo que mínimo, de mobilidade social no Brasil, o que possibilitou aos novos artistas, em geral, um maior acesso à informação e aos bens de consumo (TEPERMAN, 2015, p. 124).

Sem dúvidas, a visão empreendedora é uma característica marcante da nova geração de *rappers*. Contudo, “ao mesmo tempo que o mercado possibilitava a disseminação de elementos que eles reconheciam como legítimos e desejáveis, havia o temor, justificado, de que se perdesse o controle sobre a produção de significados” (TEPERMAN, 2015, p. 26). Cedendo, em alguma medida, à lógica do mercado capitalista, que era um dos alvos de reprovação por parte da velha escola, a nova escola mergulha no paradoxo do rap enquanto integrante da indústria cultural.

O rap surgiu e ganhou notoriedade no Brasil assumindo para si a função de denunciar situações de violências e desigualdades, sendo este – a denúncia – o enredo mais comum aos principais raps da velha escola. Tal característica não deixou de ser relevante no contexto mais recente das letras de rap, mas Teperman (2015, p. 97) defende que houve alguma estandardização em sua produção. A sua hipótese dá conta de que “se por um lado essa rotinização implica uma diluição do teor crítico concentrado que o rap pôde ter nos primeiros

anos da década de 90, por outro é o que permitiu que o rap ganhasse relevância no mercado da música e presença significativa em âmbito nacional”.

Não há, entretanto, como atribuir apenas a essa rotinização a expansão do rap pelo território brasileiro. Por exemplo, o desenvolvimento da tecnologia e a “democratização” do acesso à mesma potencializaram de forma intensa a difusão outrora feita principalmente através de rádios comunitárias e, portanto, com alcance limitado a alguns quilômetros. Fóruns, blogs e sites especializados em rap possibilitaram que produções independentes, mesmo as que ainda seguiam os moldes da velha escola, chegassem ao conhecimento de pessoas de diversas regiões do país.

Um dos teóricos da indústria cultural, Adorno (1977, p. 288) provavelmente concordaria com a ideia de que se desenvolveu uma rotina, já que afirma que “tôda a *praxis* da indústria cultural transfere, sem mais, a motivação do lucro às criações espirituais. A partir do momento em que essas mercadorias asseguram a vida de seus produtores no mercado, elas já estão contaminadas por essa motivação”. Esse paradoxo divide opiniões entre os artistas e consumidores de rap, mas a ideia de que é preciso rentabilizar as obras para que os artistas possam continuar produzindo é praticamente unânime.

Todavia, ao contrário da passividade que a indústria cultural costuma delegar aos ouvintes, no rap seu “papel é ativo, não de indiferentes receptores” (ZIBORDI, 2015, p. 145). Existe uma expectativa do público para com o artista que ultrapassa os limites da obra. Para os ouvintes, é importante que o *MC* tenha aquilo que canta nas músicas como a sua verdade. Cabe registrar que, diferente do que ocorre em outros gêneros musicais, não há no rap, em geral, a separação das funções de compositor e intérprete. Quase sempre, o *MC* canta músicas as quais ele mesmo compôs e, por isso, espera-se uma postura condizente na vida real, uma espécie de aplicação prática do quinto elemento.

O uso de artigo definido e pronome masculinos para se referir à pessoa responsável por compor e cantar os versos do rap não se dá exclusivamente por conta do chamado masculino genérico²¹ na língua portuguesa. Tradicionalmente, a imagem do *rapper* no imaginário popular é de um homem que utiliza roupas largas, acessórios como o boné e tem

²¹ “O ‘masculino genérico’ pode ser definido como o uso do gênero gramatical masculino para denotar ambos os gêneros (homens e mulheres). Este uso é tradicionalmente explicado pelo conceito de ‘gênero não marcado’ – o masculino seria semântica e morfológicamente o gênero não marcado”. MADER, Guilherme Ribeiro Colaço; MOURA, Heronides Maurílio de Melo. O Masculino Genérico Sob Uma Perspectiva Cognitivo-Funcionalista. *Revista do GELNE*, Natal, v. 17, nº 1/2, p. 33, 2015. Disponível em <<http://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/10173/7179>>. Acesso em 30 de mai. de 2020

uma feição enraivecida, dentre outros estereótipos. Este, assim como o teor majoritariamente denunciioso das letras, pode ser considerado um dos postulados do rap nacional, isto é, características que ajudam a compor o sentido produzido pelo rap. Nas palavras de Santaella (1983, p. 12),

considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido.

Desse modo, o rap consegue constituir laços de identificação com o receptor por conta de sua potência cultural e artística, enquanto estabelece comunicação com este mesmo ouvinte. Ambas as conexões se dão através da linguagem que eles – emissor e receptor, *rapper* e ouvinte – compartilham. Entretanto, com a popularização do gênero musical no Brasil, outros grupos, para além do padrão de homens cisgênero, heterossexuais e de origem periférica, passaram a se apropriar dessa linguagem – isto é, utilizar de sua forma de comunicar através da arte – para também gerar identificação e produzir sentido através dela. Como introduzido por Teperman (2015, p. 10-11),

a capacidade de mobilização do rap passou a interessar grupos que, até então, haviam tido espaço reduzido no campo. Mais e mais, ‘minorias’ como mulheres, indígenas e homossexuais vêm encontrando espaço de expressão como rappers, inserindo novas reivindicações na pauta e propondo novas elaborações estéticas.

Para finalizar este capítulo, registre-se que uma das principais motivações para este Trabalho se mostrou ainda mais pertinente durante sua execução. A enorme maioria dos pesquisadores do tema rap nacional, e, portanto, potenciais autores para servir como referência nesta pesquisa, estão, em verdade, se referindo ao rap feito no estado de São Paulo quando dizem abordar o rap brasileiro. Quando fogem a essa regra, citam outros estados das regiões Sudeste, Centro-Oeste ou Sul, ou fazem breve citação a algum estado nordestino, como se este, sozinho, compreendesse o que existe nas cenas do rap de toda a região Nordeste.

Essa percepção evidencia o quanto é fundamental que artistas e pesquisadores do rap façam questão de estudar, registrar e divulgar, sobretudo, a cena das regiões de onde eles se originam. A invisibilização aos estados do Norte e do Nordeste, imposta pela maioria dos pesquisadores do rap brasileiro, e a homogeneidade suposta implicitamente pelos mesmos ao

rap nordestino em nada contribuem para a compreensão desse complexo movimento cultural. Registrado tudo isso, o capítulo seguinte tratará do rap de Salvador e região metropolitana.

2.3 Rap em Salvador e região: Zeroseteum

Apesar de os primeiros grupos de rap terem surgido em Salvador na década de 1990, o hip hop já havia chegado à capital baiana na década anterior, inicialmente através do *break dance*. Essa informação é relevante para compreender o início da cena do rap soteropolitano, pois nessa época era comum o acúmulo de funções por parte dos integrantes da cultura hip hop. Dançarinos compunham e cantavam, assim como *DJs* dançavam e *MCs* grafitavam, dentre todos os outros cruzamentos possíveis.

Dentro desse contexto, o Leões do Rap, primeiro grupo de rap de Salvador, foi formado pelos integrantes do grupo de dança Break Cia, em 1991. De acordo com Cesar Mayko (informação verbal)²², líder do grupo e um dos pioneiros no hip hop da cidade, todos os *MCs* cantavam e dançavam durante as apresentações.

Existe pouco material bibliográfico que aborda o hip hop de Salvador com datas e fontes confiáveis. Felizmente, o livro *Bahia com H de Hip-Hop*, escrito por Jorge Hilton, faz parte desse grupo e narra a história com propriedade. Hilton é cientista social, músico e ativista. Além disso, é *MC* do grupo soteropolitano Simples Rap'ortagem.

Uma das características dos primeiros passos do rap na Bahia trazidas pelo livro é a influência exercida pelo que era produzido em São Paulo. Em geral, os baianos tinham o primeiro contato com o gênero musical através de algum conhecido que havia ido a São Paulo em algum momento ou, ainda, eles próprios haviam visitado o estado, que, na década de 1990, já tinha as músicas do Racionais MC's fazendo algum sucesso entre os moradores de suas favelas.

A relação do rap de Salvador e região metropolitana com São Paulo, inclusive, não se limitou à inspiração inicial. Sem a internet, tudo chegava primeiro à capital paulista, inclusive os vinis, matéria prima do rap à época. Provavelmente, isso tem relação com o fato de o rap ter se desenvolvido de maneira mais rápida em território paulistano. Em entrevista, Cesar

²² Entrevista concedida ao autor deste trabalho em 12/03/2020. Apêndice B.

Mayko (informação verbal)²³ relatou que “eu tinha que ir para São Paulo para trazer os vinis. Antigamente, era os vinis mesmo porque lá tinha a fábrica de vinil, os caras produziam as bases, produziam o trabalho deles em fita cassete e passavam para vinil. E eu trazia esse vinil de São Paulo pra cá”.

Ao longo dos anos, São Paulo se estabeleceu como principal expoente do rap nacional. Com importantes grupos e *MCs* alcançando status de artistas nacionais, a cena do rap paulista rapidamente percebeu a necessidade de se profissionalizar e segue como referência nesse sentido até hoje.

O entendimento de que é preciso viajar a São Paulo para receber o devido reconhecimento permanece comum entre os artistas soteropolitanos. Além de ser o berço do rap nacional, a capital paulista é a sede dos principais festivais musicais e veículos de mídia do país. Se os artistas soteropolitanos ainda hoje precisam ir a São Paulo buscar festivais para tocar e veículos de imprensa para visibilizá-los, cabe aos profissionais de comunicação e produtores da área da cultura em Salvador assumir essa responsabilidade de impulsionamento para si.

Ainda hoje, a maioria dos grupos e artistas de rap de Salvador não contam com produtores ou agentes culturais. A ausência desses profissionais e/ou da capacitação desses artistas resulta em alguma dose de amadorismo, que termina por prejudicar o potencial da cena soteropolitana. Por exemplo, é comum o lançamento de músicas e álbuns sem que se haja escrito um *release* para os veículos de imprensa, requisito básico ensinado em oficinas de Produção Cultural.

Na década de 2000, essas e outras questões relacionadas à evolução e à autonomia do hip hop regional já estavam em pauta. Em 2003 e 2004, foram realizadas três edições do Encontro Baiano de Hip Hop, as duas primeiras no município de Itapetinga, e a última em Vitória da Conquista. Os Encontros reuniram, ao todo, treze municípios baianos, cujos representantes puderam debater e articular ideias para o movimento estadual.

Vale ressaltar que a iniciativa partiu dos municípios do interior do estado e, de acordo com Hilton (2018, p. 142), “na capital, não se tinha a menor dimensão da capacidade organizacional da galera no interior, e isso fez com que passássemos a ter maior atenção e admiração ao H2 fora da capital”.

²³ idem

Figura 1 – Representantes de Salvador e Lauro de Freitas no 2º Encontro Baiano de Hip-Hop, em Itapetinga



Fonte: Site²⁴ do livro *Bahia com H de Hip-Hop*, de Jorge Hilton

A necessidade de se organizar era urgente. Além das dificuldades financeiras e falta de apoio, a repressão sofrida pelos artistas e simpatizantes do rap nos anos 2000 era grave, como denuncia Cesar Mayko (informação verbal)²⁵:

Eu tive caixas de som que policiais não gostavam, não gostaram do evento que eu fiz, porque eu tava dando aula ali dentro da Baixa do Tubo e ele dar tiro na minha caixa de som. Falar "não, isso aqui tá incomodando, essa música de bandido, essa música de preto, de ladrão, de maconheiro..." e deu tiro nas minhas caixas de som. E a gente ter que correr atrás, ir de novo, refazer, reformar os alto-falantes e colocar de novo e quando a gente viu, algumas pessoas que estavam nos apoiando falavam assim "ói, a polícia entrou na rua tal", aí desligava o som para os policiais passarem, quando eles terminavam de fazer a "bateção" deles e o trabalho deles, a gente voltava de novo, as crianças sentadas no chão esperando. Quer dizer, um trabalho que nós fazíamos o trabalho para que eles não tivessem o trabalho que eles têm hoje: o trabalho de prevenção. O trabalho de não deixar a molecada ir para a criminalidade.

²⁴ Disponível em: <https://zuluhilton.wixsite.com/livrohiphopbahia/galeria?lightbox=image_10xr>. Acesso em 7 de mai. de 2020

²⁵ Entrevista concedida ao autor deste trabalho em 12/03/2020. Apêndice B.

Assim como a estadual, a cena do hip hop soteropolitano se articulava como podia e realizava reuniões presenciais. Os encontros aconteciam semanalmente, às quartas-feiras e domingos, no Pelourinho e no Passeio Público, respectivamente (HILTON, 2018, p. 117). Dessas reuniões, surgiu a Posse Orí, em Salvador, influenciando a fundação de outras posses²⁶ pelo estado. Entre elas, está a Posse de Conscientização e Expressão (PCE), fundada em 2001 e atuante até os dias atuais em Lauro de Freitas.

A Rede Aiyê Hip-Hop foi outro importante articulador do hip hop baiano. Derivada da Posse Orí, existia desde 2001 mas só veio a ser batizada dessa forma em 2004, tendo como objetivo o fortalecimento das relações entre as posses e grupos artísticos.

Um dos principais debates recentes do rap nacional se dá entre os que defendem o chamado “rap raiz”, com letras majoritariamente voltadas a denúncias de problemas sociais e autodeclarado contra o “sistema”, e os que se identificam com um rap mais próximo da lógica da indústria cultural, cujas músicas podem ter um tom mais leve e descontraído. Esse debate, em geral, é feito em torno das letras das músicas.

Em seu livro, Hilton (2018, p. 167) afirma que o hip hop baiano já foi “considerado um dos mais politizados do Brasil” e que tal classificação dizia respeito “à eficácia em provocar mudanças significativas no comportamento da juventude”. Em relação a essa afirmação, no contexto do livro, a impressão do autor deste Trabalho de Conclusão de Curso é que esse reconhecimento se deu mais devido às articulações e ações realizadas pelas posses e pela Rede Aiyê, e menos por conta das letras das músicas.

Entretanto, de acordo com o *MC* do grupo Leões do Rap Cesar Mayko (informação verbal)²⁷, as músicas de seu grupo “sempre foram engajadas politicamente”. Já Lio N’zumbi (*apud* HILTON, 2018, p. 153), ativista da Rede Aiyê, defende que o hip hop foi “fundamental para aproximação do Movimento Negro com um trabalho de base”.

A principal forma de se aproximar do público-alvo era a realização de eventos, fossem eles *shows* ou rodas de conversa. Durante sua atuação, a Posse Orí realizou diversos seminários e ciclos de bate-papos. Em âmbito de registro histórico, Hilton (2018, p. 120) lembra que o primeiro evento com os quatro elementos do hip hop na capital baiana “foi

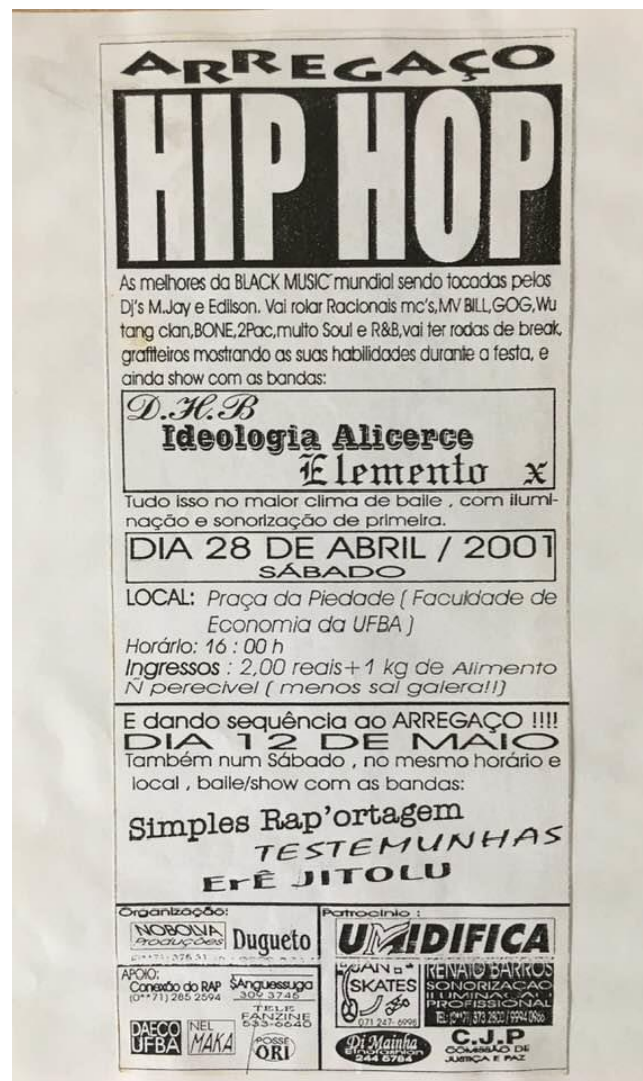
²⁶ Populares nas décadas de 1990 e 2000, “as posses são coletivos que reúnem MCs, DJs, breakers, grafiteiros ou simplesmente pessoas interessadas em rap e hip-hop para ações como shows, festas, campanhas de solidariedade, oficinas sobre os elementos do hip-hop, discussões e debates” (TEPERMAN, 2015, p. 39)

²⁷ Entrevista concedida ao autor deste trabalho em 12/03/2020. Apêndice B.

realizado em 6 de junho de 1998, no Clube Fantoches, Centro de Salvador, e arrecadou alimentos para instituições beneficentes”.

A Figura 2 mostra um cartaz de divulgação da festa Arreção Hip Hop, com duas edições realizadas nos meses de abril e maio de 2001, em Salvador. Além das atrações de rap, os eventos tinham apresentações de *DJs*, *break dance* e *grafitti*, completando o quarteto de manifestações artísticas componentes do movimento hip hop.

Figura 2 – Cartaz de divulgação do evento Arreção Hip Hop



Fonte: Perfil pessoal do pesquisador Paulo Brasil²⁸ no Facebook

²⁸ Paulo Brasil é pesquisador e fã de rap. Acompanha o rap soteropolitano desde o início e coleciona acervo de cartazes, CDs e outros itens históricos do movimento hip hop em Salvador.

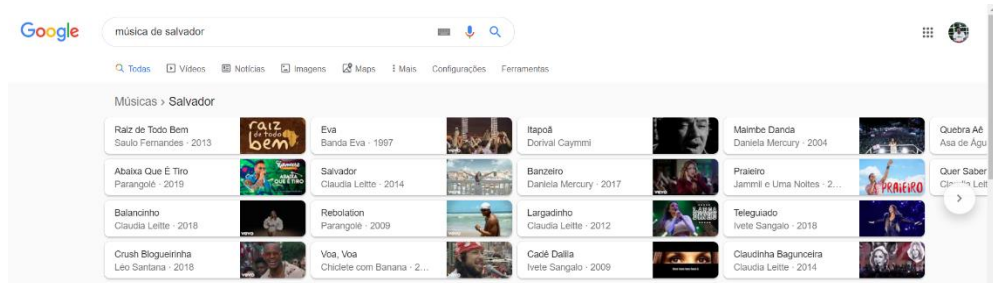
Mesmo com uma cena atuante e organizada no rap, era o axé quem ganhava força como gênero musical em Salvador. Como explicitado por Pereira (2010, p. 1),

a Axé Music monopolizou o mercado brasileiro no final da década de 80 e durante toda a década de 90 (ainda se mantém no mercado), na sua produção e consumo, sendo imprescindível ressaltarmos que a Bahia produz e consome as suas próprias músicas, além de exportá-las para todo o país e para o exterior.

Com este “monopólio”, o axé é o movimento musical mais facilmente resgatado pelo imaginário popular quando se pensa em música e em Bahia no mesmo contexto.

Em 2015, uma enquete²⁹ feita pelo portal A Tarde perguntou aos leitores qual música melhor traduz Salvador. Das seis alternativas para voto, cinco eram músicas interpretadas por artistas do *axé music*³⁰. Ao buscar o termo “música de Salvador” no Google, mais de 70% dos resultados exibidos, em novembro de 2019, eram músicas de axé. Se a banda Parangolé e o cantor Léo Santana, artistas do chamado pagode baiano, entrarem para a estatística do gênero axé, esse número sobe para 85%.

Figura 3 – Busca no Google do termo “música de Salvador”



Fonte: pesquisa feita no Google em novembro de 2019

Contudo, outros gêneros musicais como o reggae, o arrocha, o rock e o próprio pagode baiano representam considerável parte da produção e do consumo musical de Salvador, principalmente nos anos 2000. A escassez de dados estatísticos precisos se deve à forte circulação dessas produções no mercado informal daquele período. No entanto, o

²⁹ QUAL música melhor traduz Salvador para você?. Portal A Tarde, Salvador, 24 de mar. de 2015. Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/cultura/musica/noticias/1669026-qual-musica-melhor-traduz-salvador-para-voce>>. Acesso em 18 de nov. de 2019

³⁰ Segundo Pereira (2010, p. 1), o termo *axé music* “foi cunhado em 1987 por um jornalista do sul do país [...] como forma pejorativa de classificar a música que emergia em Salvador e se espalhava pelo mundo”.

protagonismo do pagode baiano no carnaval de 2019³¹ e o recente sucesso nacional de artistas como a cantora de MPB Luedji Luna e o *rapper* Baco Exu do Blues dão pistas de que artistas soteropolitanos de outros gêneros musicais podem estar conquistando espaço no mercado.

A indústria do *axé music* chegou a flertar com o rap, no fim da década de 1990. Entre as músicas do álbum *Roma Negra*³², lançado pelo Olodum em 1996, pelo menos duas podem ser identificadas como rap: *Mundo Cão*³³ e *SSA Bahia*³⁴. Esta última, foi composta por Cesar Mayko e JM Cabelinho, ambos *MCs* do grupo Leões do Rap. Os artistas inscreveram a composição para o Festival de Música e Arte Olodum (FEMADUM) daquele ano e conquistaram o primeiro lugar.

O caminho inverso também foi experimentado. Uma característica marcante do rap feito em Salvador e RMS é a influência da musicalidade local. A dupla Calibre & Fal foi uma das primeiras a misturar o samba-reggae com o rap, na música *Na Cabeça o Boné*³⁵, em 2011. Na época, batizaram o estilo novo de BAAtfun Beat. Posteriormente, Calibre desenvolveu um novo subgênero que veio a fazer sucesso alguns anos depois: o Trap Pagodão, mistura entre elementos do *trap*³⁶ e o pagode baiano³⁷.

Além das influências da música soteropolitana, o rap produzido em Salvador tem outras particularidades em comparação ao rap que é feito em outros lugares do Brasil. A cidade com a maior população negra do mundo fora da África possui, em seu rap, influências rítmicas e religiosas do continente.

³¹ PAGODE baiano ultrapassa Ivete e domina Carnaval em Salvador. Folha de São Paulo, Salvador, 9 de mar. de 2019. Alalaô. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/pagode-baiano-ultrapassa-ivete-e-domina-carnaval-em-salvador.shtml>>. Acesso em 20 de nov. de 2019

³² ROMA Negra. Olodum. Salvador: Warner Music International, 1996. 1 CD.

³³ VENENO, Reni. Mundo cão. In: OLODUM. Roma Negra. Salvador: Warner Music International, 1996, faixa 5. Disponível em <<https://youtu.be/wOJv4ziaJzYo>>. Acesso em 7 de mai. de 2020

³⁴ CABELINHO, JM; MAYKO, Cesar. SSA Bahia. In: OLODUM. Roma Negra. Salvador: Warner Music International, 1996, faixa 14. Disponível em <<https://youtu.be/KQzslbuuQBM>>. Acesso em 7 de mai. de 2020

³⁵ CALIBRE & FAL. Na Cabeça o Boné. Salvador, 2011. Disponível em <<https://youtu.be/CZ3dFzkHG9U>>. Acesso em 7 de mai. de 2020

³⁶ Estilo de instrumental caracterizado, dentre outras coisas, pelos graves mais encorpados e por utilizar menor BPM (batidas por minuto), o *trap* começou a ganhar popularidade no Brasil no início da década de 2010

³⁷ Gênero musical popular no estado da Bahia, o pagode baiano, ou pagodão, é bastante percussivo e suas letras costumam incentivar e orientar a dança. Pessoas de fora da Bahia costumam confundir com o axé

As músicas e o nome do grupo soteropolitano Opanijé são exemplos de referências a religiões de matriz africana. No candomblé, “o Opanijé é o toque de Obaluaiê, senhor da terra, orixá das doenças e da cura” (FONSECA, 2003, p. 126). Além de diversas alusões à religião nas letras, videoclipes e *beats*, o grupo ressignificou o termo para uma sigla que abrevia “Organização Popular Africana Negros Invertendo o Jogo Excludente”³⁸. A música *Orixá mandou*³⁹, do grupo Fúria Consciente, de Lauro de Freitas, também exemplifica a alusão ao candomblé.

Dessa forma, o rap produzido na Grande Salvador se diferencia do produzido em outras partes do país por conta da forte marca da diversidade de elementos culturais da cidade. Nas palavras de Silva (2009, p. 8),

a negritude de Salvador não se expressa apenas pelo seu contingente populacional, mas, sim, porque as formas de organizar e celebrar a vida, a relação com a natureza, a maneira de se vestir, de falar e, sobretudo, a religiosidade de seu povo, são extremamente marcados por valores civilizatórios de base africana.

Essa diversidade, aliada à “democratização” do acesso à internet, possibilitou ao rap de Salvador e região uma maior variedade de estilos, técnicas e experimentações. Nesse ponto, o rap soteropolitano acompanhou algumas das atualizações do gênero que aconteceram a nível nacional, como a popularização do *trap* e a mistura com outros gêneros, como o acima citado Trap Pagodão, por exemplo. Para Hall (2006, p. 13), “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

Grupos como Afrogueto, Elemento X, MD MC’s e Leões do Rap conseguiram levar seus trabalhos para fora de Salvador e do estado da Bahia. Nos dias atuais, as novas tecnologias permitem que as conexões entre lugares geograficamente distantes sejam realizadas em tempo real. Isso ajudou nomes do rap soteropolitano como Baco Exu do Blues, Jovem Dex, Rap Nova Era e Vandal, para dar alguns exemplos, a alcançarem públicos em diferentes partes do Brasil e do mundo.

³⁸ OPANIJÉ. Eu Sou. Salvador: Garimpo Música, 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/pJHLbjYksbQ>>. Acesso em 14 de nov. de 2019

³⁹ FÚRIA Consciente. Orixá Mandou. Salvador: FreedomSoul Rec, 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/oGNPjzrqRkI>>. Acesso em 22 de nov. de 2019

O subtítulo de um *post*⁴⁰ publicado em 2000 no blog CliqueMusic indica a dimensão que o fenômeno rap tomou em todo o país, no início do século XXI: “Quem apostava que o rap brasileiro não duraria mais do que a febre causada pelos Racionais MC’s em 1998 perdeu: o movimento cresceu e virou indústria”. O crescimento do movimento tem como uma de suas principais causas a revolução tecnológica que o mundo inteiro atravessava, alavancada pela popularização da internet.

Veículos tradicionais como jornais impressos e emissoras de rádio e TV também tiveram alguma participação no sucesso do gênero musical. Todavia, o esforço dos realizadores do hip hop na Grande Salvador se deu, majoritariamente, através das mídias independentes. As rádios comunitárias foram grandes aliadas na difusão do rap, por exemplo.

Os integrantes do hip hop produziam zines informativos, que se multiplicavam pela região metropolitana afora através de fotocópias feitas pelos mobilizadores locais. As rádios comunitárias, no entanto, por se tratarem de programas de áudio, conseguiam divulgar as músicas do rap local de modo mais eficiente. Os locutores, em sua maioria, eram os próprios agentes da cultura hip hop, que se encarregavam de reforçar a importância do que realizavam. Se estivessem em 2020, provavelmente o fariam no formato de *podcast*.

2.4 Podcast: mundo moderno

Podcast é o nome que se dá ao formato de programas em áudio distribuídos através da internet. Produzidos, pelo menos, desde 2004, os programas costumam ter um tema bem definido e um público fiel, interessado naquele assunto. A grande diferença entre o *podcast*, ou *pod*, e os programas de rádio é a disponibilização dos episódios do primeiro na internet (LUIZ *et al.*, 2010, p. 2), onde os consumidores têm acesso ao produto a qualquer momento. A essa distribuição, dá-se o nome de *podcasting*.

Convém, portanto, classificar como *podcast* o produto deste Trabalho de Conclusão de Curso, mesmo se tratando de um conjunto de episódios, pois “entendemos que o podcast é tanto o arquivo transmitido via podcasting quanto o coletivo desses arquivos” (LUIZ *et al.*, 2010, p. 2). Quanto à origem do termo, Luiz e colaboradores (2010, p. 2) explicam, ao se referir à palavra *podcasting*, que esta

⁴⁰ 2000 – O ANO em que o rap invadiu o sistema. CliqueMusic, 21 de dez. de 2000. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/materias/ver/2000---o-ano-em-que-o-rap-invadiu-o-sistema>>. Acesso em 5 de dez. de 2018

vem da junção do prefixo ‘pod’, oriundo de iPod (nome do mais popular tocador de mídia digital, fabricado pela empresa norte americana Apple Computer), com o sufixo ‘casting’, vindo da expressão inglesa broadcasting, transmissão pública e massiva de informações que, quando feita através de ondas eletromagnéticas de rádio, também pode ser chamado de radiodifusão.

Uma outra característica relevante do universo dos *podcasts* é a noção de comunidade existente entre os *podcasters*, os realizadores dos *pods*. Eles costumam participar de episódios de outros produtores, divulgar uns aos outros em seus próprios programas e compartilhar dicas da produção de seus *podcasts*, incentivando a criação de novos produtos nesse formato. A esse universo cada vez mais estabelecido, que compreende *podcasts*, *podcasters* e ouvintes, dá-se o nome de podosfera.

Com o avanço da tecnologia e o surgimento de *smartphones* cada vez mais tecnológicos, ter um *podcast* é uma tarefa cada vez menos complicada. Isso porque os requisitos técnicos para a produção de um *pod* são apenas dois: microfone – ou aparelho tecnológico que possua um –, para a gravação, e acesso à internet, para a distribuição. Dessa forma, a podosfera tem crescido em todo o mundo, em número de ouvintes e na quantidade de *podcasters*.

Em matéria⁴¹ publicada pelo portal O Globo, em 2019, a jornalista Luiza Barros utilizou o termo “era de ouro”, referindo-se ao período entre os meses de abril de 2017 e 2018, onde a plataforma de *streaming* Spotify afirmou que “o aumento no número médio de ouvintes no mundo inteiro de podcast diários na plataforma foi de 330%”. O Brasil não foge à regra, visto que, segundo dados divulgados⁴² em novembro de 2019 pela mesma plataforma, o consumo de *podcast* cresce 21% ao mês, desde janeiro de 2018. Ainda segundo o Spotify, “sociedade & cultura” está entre os temas com maior audiência.

Apesar de acompanhar a ascensão mundial recente, a podosfera brasileira já atua, pelo menos, desde 2005, ano em que foi realizado o Primeiro Encontro Online de Podcasters do Brasil⁴³. No mesmo ano, em dezembro, aconteceu a PodCon, primeiro evento presencial

⁴¹ A era de ouro dos podcasts: entenda o boom dos programas de áudio on-line. O Globo, 21 de abr. de 2019. Cultura. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/a-era-de-ouro-dos-podcasts-entenda-boom-dos-programas-de-audio-on-line-23612273>>. Acesso em 21 de jun. de 2020

⁴² PODCAST cresce 21% no Brasil e Spotify investe em criadores de conteúdo. TechTudo, São Paulo, 1 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/11/podcast-cresce-21percent-no-brasil-e-spotify-investe-em-criadores-de-conteudo.ghtml>>. Acesso em 20 de nov. de 2019.

⁴³ O áudio do Encontro está disponível em: <<http://abpod.com.br/media/audios/encontro-podcastbrasil-1.mp3>>. Acesso em 21 de jun. de 202

voltado ao universo do *podcast* nacional. Já em 2006, foi fundada a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod). De acordo com a própria organização, a ABPod funciona como um “órgão de associação, coordenação, orientação e representação dos produtores, locutores, comentaristas e veiculadores de podcast, em todo o território nacional”⁴⁴.

É preciso relacionar o avanço do mercado de *podcasts* ao recente fenômeno de popularização do *streaming*, sistema onde o usuário acessa e consome conteúdos através da internet, sem a necessidade de baixá-los para o armazenamento local de seu computador ou *smartphone*. Além dos *podcasts*, os clientes de serviços de *streaming* consomem principalmente filmes, seriados e músicas através dessa tecnologia.

O *streaming* tem incentivado mudanças nos hábitos de consumo e as mídias tradicionais estão precisando se reinventar. As transmissões de futebol, responsáveis por grandes audiências da televisão, já começaram a ceder ao novo formato, por exemplo. O sucesso da Netflix, serviço de *streaming* com vasto catálogo de filmes e séries, talvez seja a melhor ilustração da tendência. A lógica de consultar a grade de programação dos canais de TV e se programar para assistir ao filme desejado, no horário que a emissora definiu para transmiti-lo, não parece tão atraente quando se pode escolher em que momento do dia assisti-lo, pausá-lo sempre que desejar ou rever determinada cena.

A premissa do *streaming* é a mesma do *podcast*, ainda em sua origem: oferecer autonomia ao consumidor. Se, no início, a ideia era que o ouvinte baixasse os arquivos dos *pods* para escutar a qualquer momento em seu *iPod*, agora ele nem sequer precisa baixá-los, graças ao *streaming*. Conforme Saar (2013, p. 5), "o desenvolvimento de aparatos já conhecidos e utilizáveis ganham (sic) maior visibilidade quando adaptáveis às novas tecnologias, o que contribui para uma crescente corrida pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação".

A escolha do *podcast* como formato para o produto deste Trabalho tem duas principais motivações. A primeira delas diz respeito à “democratização” da informação, visto que o autor do Trabalho entende que a produção de conhecimento da universidade pública deve ser disponibilizada à sociedade de maneira descomplicada, o que não é necessariamente contemplado pela linguagem acadêmica utilizada nas publicações, inclusive neste Trabalho escrito. Além de permitirem um vocabulário simples, “os podcasts devem estar disponíveis

⁴⁴ A história da ABPod, assim como seu estatuto e outras informações, está disponível em: <<http://abpod.com.br/about/>>. Acesso em 21 de jun. de 2020

publicamente na internet e facilmente acessíveis, pois uma das principais características do podcasting é a liberdade oferecida para o ouvinte poder baixar e escutar os programas disponibilizados quando quiser” (LUIZ; ASSIS, 2010, p. 7), o que garante pleno acesso ao conhecimento produzido através do financiamento público à universidade.

A segunda razão é mais subjetiva e será desenvolvida em primeira pessoa, neste parágrafo e no próximo, a partir do período seguinte. Tenho envolvimento direto com o rap desde 2013, quando formei o grupo WWL RAP, junto a Lucas Santiago e Wesley Correia, dois amigos do ensino médio. Desde então, sempre despertou meu interesse o monopólio da região Sudeste em relação ao mercado do rap nacional, mesmo com a atuação de artistas muito talentosos na Bahia, especificamente na Grande Salvador, onde pude conhecer de perto e prestigiar muitos destes. Creio que o *podcast* Reg de Rap será uma forma de resgatar, visibilizar e valorizar a cultura do rap soteropolitano.

Entendo que, como eu, existem outras pessoas, entre artistas, produtores, consumidores e curiosos, interessadas em uma pesquisa sobre o rap de Salvador. Assim como em outros formatos de produtos de comunicação, no *podcast*

cada conteúdo informacional irá representar algo de interesse de determinado indivíduo. Ou seja, algumas pessoas se interessam por carros, outras por videogames, mas a representatividade disso para cada um dos indivíduos é feita de maneira diferente, levando em conta sua subjetividade (SAAR, 2013, p. 2-3).

Assim como os blogs, vlogs e outros fenômenos derivados da cultura da convergência – teoria do pesquisador Henry Jenkins em que o receptor assume papel ativo – o *podcast* cumpre o importante papel de conceder espaço para grupos culturalmente marginalizados. Nas palavras de Luiz e Assis (2010, p. 13) "é inegável o grande volume de informação produzida pelos diversos podcasts existente (sic), muitos dos quais dedicados a nichos que não encontram espaço na mídia tradicional". Ainda segundo Assis (2010, p. 10),

isso é o que acontece quando os consumidores assumem o controle das mídias. Naturalmente, esta talvez seja a melhor forma de abordar o assunto, já que na cultura tradicional não há uma divisão clara entre produtores e consumidores. Na cultura da convergência, todos são participantes – embora os participantes possam ter diferentes graus de status e influência.

Dessa forma, o *podcast* é o formato ideal para a disponibilização dessa pesquisa, pois ele permite e incentiva que consumidores se tornem pesquisadores e produtores de conteúdo dentro da podosfera. Assim, espero que o Reg de Rap, além de informar e gerar interesse na

cena do rap soteropolitano, funcione como agente encorajador de outras iniciativas comunicacionais com o objetivo de debater e visibilizar o movimento do rap em Salvador e em todo o estado da Bahia.

3. O PRODUTO

O Reg de Rap é o produto final do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Trata-se de um *podcast* que narra, em quatro episódios, a história do rap de Salvador e região metropolitana. Inicialmente, a minha ideia foi fazer uma monografia. Entretanto, logo no início da pesquisa, percebi que essa talvez não fosse a melhor maneira de disponibilizar esse conteúdo e resolvi adaptar o trabalho para este produto. Dessa forma, o meu TCC não pode ser definido como uma pesquisa ou um produto, mas um híbrido entre as duas modalidades.

É bem verdade que fazer um *podcast* sobre o rap local já estava nos meus planos há algum tempo. Em 2019, fui selecionado para a Jornada Galápagos de Jornalismo, em São Paulo, onde pude dimensionar o potencial do formato do *podcast*. No mesmo ano, cursei a disciplina Oficina de Radiojornalismo, na FACOM, ministrada pelo professor Maurício Tavares. Na oportunidade, uma das atividades que desenvolvi experimentalmente foi uma espécie de *podcast* sobre artistas da cena soteropolitano. Talvez tenha sido o primeiro protótipo do Reg de Rap.

Inicialmente, eu pretendia realizar uma pesquisa – ou um produto – que tratasse do rap a nível nacional. Logo no início, percebi que não daria conta deste recorte e o diminuí para “o rap baiano”, que também se mostrou demasiadamente abrangente para as minhas condições de pesquisa e execução. Dessa forma, reduzi finalmente o recorte para “o rap de Salvador e região metropolitana”.

Ao longo da pesquisa, notei que existe muito mais material a respeito de Salvador, e que, conseqüentemente, precisaria de mais tempo para conseguir investigar o rap nos municípios da região metropolitana. Entretanto, preferi não reduzir ainda mais o recorte do Trabalho, pois, mesmo que seja após o prazo final, o Reg de Rap tratará dessa busca. Apenas o município de Lauro de Freitas apareceu em alguns momentos da pesquisa.

O nome “Reg de Rap” surgiu depois de algumas semanas tentando encontrar um título que comunicasse o regionalismo inerente ao produto e, ao mesmo tempo, fosse original e facilmente memorizável. Uma outra questão, essa já pensando na divulgação, era ser um

“nome de usuário” disponível nas mídias sociais. Foi assim que, num dia de isolamento social como qualquer outro, eu pensei o quanto eu estava com saudades de ir a um *reg*⁴⁵. Mas não a qualquer *reg*. Eu queria mesmo ir a um *reg* de rap.

3.1 Roteiros

Após finalizar a leitura do livro *Bahia com H de Hip Hop*, de Jorge Hilton, defini, em uma projeção inicial, que o *podcast* teria três episódios. O primeiro trataria da década de 1990, e, portanto, do primeiro momento do rap em território soteropolitano. Já o episódio seguinte falaria das articulações do movimento organizado, em Salvador e região metropolitana, mas também no interior da Bahia, ao longo dos anos 2000. Ambas as décadas são abordadas na obra de Hilton.

O episódio três, por sua vez, teria como tema o decênio que vai de 2010 a 2019. Neste, as entrevistas que eu viria a realizar e as minhas memórias enquanto integrante da cena do rap local assumiriam o papel de orientação do roteiro, outrora ocupado pelo livro supracitado. Ressalto que comecei a cantar e frequentar eventos de rap na Grande Salvador em 2013. Durante a escrita do terceiro roteiro, percebi que ele precisaria ser dividido em dois, por conta da quantidade de fatos que eu queria apresentar. Portanto, o Reg de Rap ficou com quatro episódios, sendo os dois últimos sobre os anos 2010.

Desde sempre, as entrevistas com integrantes da cena do rap local eram parte fundamental do projeto. Eu pretendia realizá-las presencialmente, com o uso de um microfone de lapela. Essa ideia, no entanto, precisou ser descartada quando, ao fim de março de 2020, o Brasil iniciou as medidas mais severas de restrição em enfrentamento à pandemia do novo coronavírus. Eu cheguei a realizar uma entrevista presencial, no dia 12 do mesmo mês de março, com Cesar Mayko, ex-integrante do grupo Leões do Rap. A entrevista foi produtiva e eu gostaria de ter realizado outras desse mesmo jeito.

Precisei me adaptar, e as entrevistas já não podiam ocupar um lugar de tanto protagonismo, visto que, sem ter como eu mesmo ir ao encontro do entrevistado, não haveria como garantir a qualidade técnica dos áudios. Apesar da possibilidade de realizar as entrevistas em tempo real através da internet, questões como microfones ruins ou falhas na conexão da internet poderiam comprometer o material e eu preferi usar uma outra alternativa.

⁴⁵ “Reg” é uma expressão utilizada na Bahia para se referir a festas, confraternizações, reuniões de amigos

Adotei para os roteiros o formato de *podcast* narrativo, no qual eu conto a história e, na edição, introduzo sonoras para ilustrá-las ao longo da locução. Assim, utilizei o aplicativo WhatsApp para solicitar e receber esses arquivos de áudio.

Dois *podcasts* serviram como principais inspirações para os roteiros no formato narrativo: o Vida de Jornalista, de Rodrigo Alves, e o História Preta, de Thiago André. O primeiro consegue mesclar muito bem o desenvolvimento do roteiro com a inserção das sonoras dos convidados. Já Thiago foi a principal referência de adaptação do conteúdo de uma pesquisa acadêmica para uma narrativa em áudio.

Escolhi utilizar uma linguagem informal. Entendo que o público alvo do Reg de Rap – integrantes da cena do rap local, interessados em música baiana e na cultura soteropolitana, curiosos em geral, etc. – não é necessariamente acadêmico e, portanto, uma linguagem semelhante à utilizada neste trabalho escrito, por exemplo, não seria eficiente. Nos roteiros, faço uso de gírias, regionalismos e referências locais, como o pagode baiano, por exemplo.

Uma última característica dos roteiros são os efeitos sonoros. No *podcast* narrativo, é interessante fazer com que o ouvinte “mergulhe de cabeça” na história que está sendo contada e, visto que se trata de um produto de áudio, os efeitos sonoros inseridos na edição são um poderoso recurso imersivo.

3.2 Gravação

Todos os episódios foram gravados em minha própria casa, num *home studio* (estúdio caseiro) que montei junto com um amigo ao longo do ano de 2019. Os equipamentos são: uma mesa de som de quatro canais, um microfone condensador, um fone de ouvido estilo *headphone* e uma interface de áudio. Adquiri os conhecimentos técnicos de gravação de maneira autodidata, através de pesquisas em fóruns e tutoriais na internet, e de testes de tentativa e erro.

Para captar a minha voz, utilizei o *software* Audacity, instalado em meu computador. As entrevistas foram realizadas através do aplicativo WhatsApp, com exceção da com Cesar Mayko, realizada presencialmente, antes da pandemia, e gravada com microfone de lapela acoplado ao meu celular.

Precisei de quarenta e cinco minutos, em média, para captar a minha voz para cada episódio. Fiz as locuções lendo os roteiros, mas, ainda assim, ocorreram alguns imprevistos – os quais eu decidi pela manutenção ou pela exclusão no momento da edição.

3.3 Edição

Levei uma madrugada inteira para editar o primeiro episódio. O Audacity é um programa leve, simples e muito útil. Porém, percebi que para edições maiores, como as de um *podcast*, ele se mostra um pouco limitado. Pensei alternativas e resolvi testar o VEGAS, *software* de edição de vídeo com o qual eu já tinha familiaridade.

Criei um projeto padrão no VEGAS, montei e editei o segundo episódio através dele. Me custou tempo semelhante ao da edição do primeiro episódio, principalmente por ser a primeira vez que eu utilizava o VEGAS apenas com arquivos de áudio. Mesmo assim, senti maior eficiência devido aos atalhos de teclado e a alguns outros recursos que o Audacity não oferece. O terceiro e o quarto episódios levaram metade do tempo para serem finalizados.

3.4 Distribuição

O *podcast* Reg de Rap foi hospedado gratuitamente no Anchor⁴⁶. Dessa forma, o produto foi distribuído em dez plataformas: Anchor, Breaker, Castbox, Deezer, Google Podcasts, Orelo, Pocket Casts, RadioPublic, Spotify e YouTube. Nesta última, a distribuição foi feita manualmente, isto é, eu adaptei os arquivos em formato MP3 (áudio) para o formato MP4 (vídeo) e subi para o canal Reg de Rap Podcast, no YouTube.

Os episódios foram lançados quinzenalmente. Assim, o primeiro episódio, *Anos 90: o início do rap em Salvador*, foi ao ar no dia 1 de setembro de 2020, uma terça-feira. Duas semanas depois, no dia 15 de setembro, foi lançado o segundo episódio: *Anos 2000: articulação, posses, redes e reconhecimento*. Em 29 de setembro, o episódio *Anos 2010: o pioneirismo do rapBA, bancas e batalhas (parte 1)* foi disponibilizado. Por fim, no dia 13 de outubro, o último episódio foi distribuído, com o título *Anos 2010: da Bahia para o Brasil e o mundo (parte 2)*.

⁴⁶ O Anchor é uma plataforma online que oferece hospedagem, distribuição e outras ferramentas relacionadas à produção de *podcasts*

Para facilitar o acesso aos ouvintes, criei um site de uma página, através do serviço gratuito Carrd, que contém os links para cada uma das plataformas e também para as mídias sociais do *podcast*. O endereço é <https://regderap.carrd.co>.

3.5 Identidade Visual

A característica mais marcante de todo o material de comunicação visual do Reg de Rap é a cor vermelha. Ela é predominante na capa dos episódios e em todas as peças gráficas referentes ao *podcast*. Além de o vermelho ser uma das cores da bandeira da Bahia e de eu o achar uma cor muito bonita, ele representa características que conversam com o rap, e, portanto, com o meu *podcast*.

No rap, nós versamos sobre o ódio às injustiças sociais, mas também sobre formas de amor. Trago uma citação de Eva Heller (2013, p. 103), em sua pesquisa sobre a psicologia das cores, que resume o que estou tentando dizer da seguinte maneira:

Do amor ao ódio – o vermelho é a cor de todas as paixões, as boas e as más. Por detrás do simbolismo está a experiência: o sangue se altera, sobe à cabeça e o rosto fica vermelho, de constrangimento ou por paixão, ou por ambas as coisas simultaneamente. Enrubescemos de vergonha, de irritação ou por excitação. Quando se perde o controle sobre a razão, “vê-se tudo vermelho”. Pintamos os corações de vermelho, pois os enamorados acreditam que todo o seu sangue aflui ao coração. Também é assim em relação às rosas vermelhas e ao papel de carta vermelho: logo sugerem amor.

A cor também aparece na marca do Reg de Rap. Trata-se de uma letra R, minúscula, com um boné de aba reta vermelha (Figura 4). Os bonés de aba reta são um acessório de uso comum aos artistas e fãs de rap. O modelo das capas dos episódios é composto por uma fotografia alusiva ao seu respectivo roteiro, editada sob um filtro de cor vermelha. Os outros elementos das capas são o título do episódio e a logomarca do *podcast*.

Figura 4 – Marca do *podcast* Reg de Rap

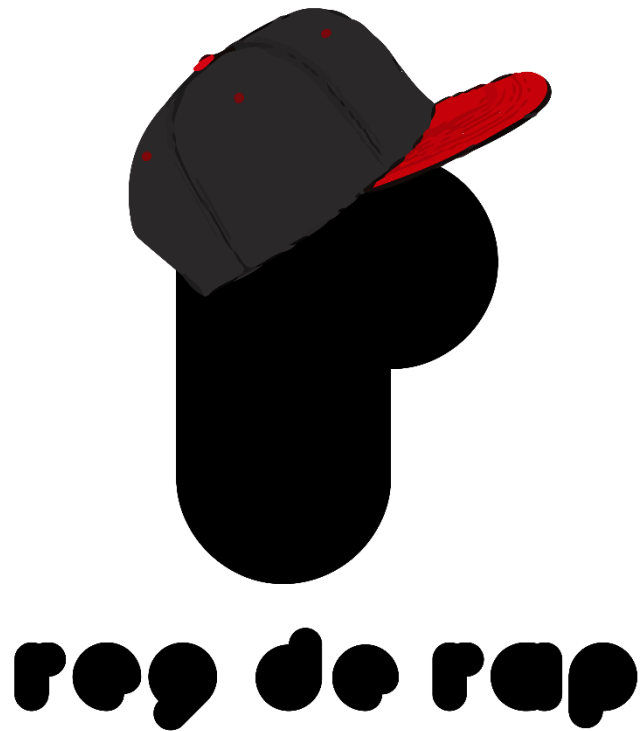


Figura 5 – Capa do segundo episódio do *podcast* Reg de Rap



3.6 Divulgação

Eu comecei a divulgar o Reg de Rap em meu perfil pessoal do Instagram quando ele ainda era uma ideia. Eu costumava falar sobre a vontade de fazer um *podcast* e isso gerou alguma expectativa por parte dos meus amigos e pessoas que me acompanham na referida mídia social.

Após a gravação dos primeiros episódios e a definição do nome e da identidade visual, criei um perfil para o Reg de Rap no Instagram e no Twitter. Num primeiro momento, tratei de apresentar o projeto e, também, de me apresentar.

Depois, passei a executar a divulgação dos episódios, em três atos, no Instagram. Dias antes do episódio ir ao ar, eu postava uma prévia de até um minuto, com algum trecho que pudesse gerar curiosidade. No dia do lançamento, fazia uma postagem para avisar que havia um novo episódio do *podcast*. Nessa postagem, eu também ressaltava quanto tempo aquele episódio levou para ficar pronto, com o objetivo de sensibilizar a audiência em relação ao trabalhoso processo de produção. Por fim, publicava a capa, junto a fotografias ou vídeos que têm a função de conteúdo complementar ao episódio, alguns dias após o lançamento.

3.7 Dificuldades

Houve alguns percalços durante o processo de produção do *podcast*. Um dos principais problemas foi a ausência de silêncio no momento da captação da voz. No contexto do isolamento social por conta da pandemia, as pessoas quase sempre estavam em casa. Isso inclui quem mora comigo e a minha vizinhança, que é um pouco barulhenta. A falta de um outro isolamento, o acústico, dificultou um pouco o processo de gravação, por mais que o fato de eu ter um estúdio caseiro tenha sido um ótimo acelerador. A alternativa foi gravar em horários estratégicos, como o início da manhã.

Tive, também, um problema com direitos autorais. A utilização de trechos de músicas não é admitida pelo Anchor e eu recebi essa notícia da pior maneira possível. À 0h31 do dia 28 de setembro de 2020, recebi um e-mail cujo título, em tradução livre, era “Seu podcast foi removido por uma violação aos Termos de Serviço”. Eu estava me preparando para dormir e, apesar do choque, não iria conseguir resolver nada com sono e durante a madrugada.

De manhã, notei que eu não conseguia mais logar no Anchor e o *podcast* já havia desaparecido de algumas plataformas. No fim, consegui abrir um requerimento e expliquei

que se tratava de uma pesquisa acadêmica e me comprometi a remover os trechos que violassem direitos autorais. Por esse motivo, os episódios contam com momentos de silêncio ao serem reproduzidos nas plataformas. A exceção é o YouTube, onde faço o *upload* sem intermédio do Anchor.

Gravei um aviso e inseri no início dos episódios distribuídos pelo Anchor, com o seguinte texto: “Salve! Que bom ter você aqui no Reg de Rap! Se você tá ouvindo essa parte aqui antes de começar o episódio, você tá escutando o *podcast* em uma das plataformas, seja o Spotify, o Deezer, o Google Podcasts ou alguma outra, né? Você vai notar alguns períodos de silêncio ao longo do episódio. Esses espaços correspondem a trechos de música que eu precisei remover por questões de direitos autorais aqui das plataformas. Os episódios sem essas restrições, com todos os trechos de músicas que eu coloquei pra contar as histórias, estão lá no YouTube, no canal Reg de Rap Podcast. Aproveita e se inscreve lá também enquanto ouve o episódio que tá começando agora”.

Uma última adversidade foi a demora dos entrevistados para enviar os áudios com as respostas. No planejamento, eu, inocentemente, contava com respostas imediatas e não havia previsto esse tempo a mais. Como eu precisava ter todos os áudios referentes a cada episódio em mãos para redigir os respectivos roteiros, precisei modificar meus cronogramas algumas vezes, devido a algumas sonoras que eu queria muito utilizar, mas ainda não tinham chegado a mim.

3.8 Orçamento

As únicas despesas previstas seriam com o deslocamento para a realização das entrevistas presenciais, o que precisei suspender, como expliquei acima. A distribuição pelo Anchor é gratuita e preferi não impulsionar as publicações nas mídias sociais. Dessa forma, não precisei realizar investimentos financeiros para a realização desse produto.

4. NOTAS FINAIS

Os processos de pesquisa e de produção do *podcast* Reg de Rap resgataram histórias e personagens até então desconhecidos por boa parte do próprio público do rap soteropolitano. A memória parece não ter sido uma grande preocupação ao longo dessa trajetória e alguns registros acabaram se perdendo no tempo.

Entretanto, nem tudo está perdido, já que existe muita gente interessada em ouvir essas histórias e as pessoas que as viveram querem contá-las. A recepção positiva ao *podcast*, percebida através de mensagens do público ouvinte e também dos próprios protagonistas citados nos episódios, demonstra que existe um interesse nesse resgate e na valorização das pessoas que ajudaram a construir essa cena cultural.

Salvador é uma cidade conhecida, dentre outras coisas, pela sua diversidade cultural. A cultura da capital baiana consegue ser, ao mesmo tempo, diversa e singular, múltipla e original. É muito difícil imaginar uma cena soteropolitana de rap – ou de qualquer outra manifestação cultural – que não possuísse em sua essência as particularidades das influências locais, fossem elas musicais, linguísticas, religiosas ou ancestrais. Isso é resistência.

Assim como o pagode baiano, o rap feito aqui é único. E, também como o pagode, o rap é marginalizado e invisibilizado e, por isso, precisa resistir. Essa negligência não pode mais ser naturalizada. Os movimentos culturais que emergem das comunidades periféricas em tom de denúncia, sobretudo o rap e a poesia marginal, têm estabelecido suas cenas e conseguido ocupar mídias alternativas e espaços públicos de Salvador e região, como os ônibus coletivos. Isso é resistência.

O *podcast* Reg de Rap surgiu para ser mais uma mídia alternativa que visa somar com a visibilização dos agentes culturais do gênero musical rap em território soteropolitano e sua região metropolitana. Em alguns locais, o rap chega a funcionar como uma espécie de política pública, incentivando a juventude a desenvolver o seu potencial artístico, educando e formando cidadãos críticos. Isso é resistência.

Então, sigamos resistindo. Vida longa ao rap e ao Reg de Rap.

REFERÊNCIAS

- _____. CONHEÇA um pouco sobre essa miscelânea sonora chamada BREAKBEAT. **AIMEC**, 2010. Disponível em: <https://www.aimec.com.br/conheca-um-pouco-sobre-essa-miscelanea-sonora-chamada-breakbeat/>. Acesso em 4 de dez. de 2018.
- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. *In*: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Editora Nacional, 1977, p. 287-295.
- ASSIS, Pablo de. A cultura da convergência e o caminho da produção amadora de podcasts. *In*: LUIZ, Lucio *et al.* O podcast no Brasil e no mundo: democracia, comunicação e tecnologia. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 4., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/psicolog/ABCiber2010podcast.pdf>. Acesso em 27 de jul. de 2020.
- COSTA, Anderson; CATALAN, Lucas Barreto. O emergir da música popular e suas interfaces com a indústria fonográfica. **Caderno CRH**. Salvador, v. 32, n. 87, p. 517-535, set./dez, 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/32241/20481>. Acesso em 27 de jul. de 2020.
- FONSECA, Edilberto José de Macedo. **O Toque do gã: Tipologia preliminar das linhas-guia do candomblé Ketu-Nagô no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Música. Dissertação de Mestrado em Música, 2003.
- GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- HILTON, Jorge. **Bahia com H de hip-hop**. 1ª ed. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018.
- LUIZ, Lucio *et al.* O podcast no Brasil e no mundo: democracia, comunicação e tecnologia. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 4., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/psicolog/ABCiber2010podcast.pdf>. Acesso em 27 de jul. de 2020.
- LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em 27 de jul. de 2020.

MAGALHÃES, Maria Cristina; SOUZA, Ana Guiomar. Identidade cultural na música negra: o exemplo do soul e do rap. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG*, 3., 2012, Jataí. **Anais** [...]. Jataí: UFG, 2012. Disponível em: <http://www.congressohistoriajatai.org/2012/anais2012.html>. Acesso em 27 de jul. de 2020.

MIRANDA, Jorge. **Perspectivas de rappers brancos/as brasileiros/as sobre as relações raciais**: um olhar sobre a branquitude. Salvador: Universidade Estadual da Bahia, Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. Dissertação de Mestrado em Educação e contemporaneidade, 2015.

PEREIRA, Ianá Souza. Axé-Axé: o megafenômeno baiano. **Revista África e Africanidades**. São Paulo, n. 8, fev. de 2010. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Axe-axe_megafenomeno_baiano.pdf. Acesso em 19 de nov. de 2019.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop - A periferia grita**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. Disponível em: https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/hip_hop_0.pdf. Acesso em 27 de jul. de 2020.

SAAR, Cláudia Maria Arantes de Assis. A utilização do podcast como forma de segmentação, colaboração e informação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 36., 2013, Manaus. **Anais** [...]. Manaus: Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0948-2.pdf>. Acesso em 27 de jul. de 2020.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Maria Alice Pereira da. Candomblé. **Revista VeraCidade**. Salvador, ano IV, n. 5, out. de 2009. Disponível em: <http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/pdf%5Cartigo6.pdf>. Acesso em 17 de nov. de 2019.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Mortalidade por homicídios na década de 80: Brasil e capitais de regiões metropolitanas. *In: BARRETO, Maurício Lima; FILHO, Naomar de Almeida; VERAS, Renato Peixoto; BARATA, Rita Barradas (Orgs.). Epidemiologia, serviços e tecnologias em saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Abrasco, 1998.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. 1ª ed. Coleção Agenda Brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

ZIBORDI, Marcos Antonio. **Hip hop paulistano, narrativa de narrativas culturais**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, 2015.

APÊNDICE A – Roteiros dos quatro episódios do *podcast* Reg de Rap.

A versão final dos episódios conta com improvisos e cortes na locução, logo, não é fidedigna aos roteiros-guia.

Episódio 1

Anos 90: o início do rap em Salvador

[áudios Caio, Airan e Giovanna]

VOCÊ ACABOU DE OUVIR CAIO CÉSAR, AIRAN ALBINO E GIOVANNA HELIODORO CITANDO ARTISTAS DO RAP DAS ANTIGAS LÁ NAS ÁREAS DELES: RESPECTIVAMENTE RIO DE JANEIRO / RIO GRANDE DO SUL / E MINAS GERAIS.// E AGORA VOCÊ DEVE ESTAR SE PERGUNTANDO POR QUE ESSE PODCAST / QUE SE PROPÕE A ENALTECER O RAP DE SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA / COMEÇOU CITANDO GRUPOS DO SUL E DO SUDESTE DO BRASIL.// PRA FAZER VOCÊ REFLETIR.// VOCÊ SABE CITAR TRÊS GRUPOS DE RAP DA SALVADOR DOS ANOS 90?//

QUEM FALA É WALL CARDOZO E NESSE PRIMEIRO EPISÓDIO / BORA TROCAR UMA IDEIA SOBRE OS PRIMEIROS PASSOS DO RAP EM SALVADOR E REGIÃO / O ÚNICO LUGAR DO MUNDO ONDE VOCÊ PODE IR NUM REG DE RAP.//

[vinheta]

JÁ QUE ESSE AQUI É O PRIMEIRO EPISÓDIO DO REG DE RAP / VAMOS COMEÇAR DO COMEÇO / DEVAGAR E SEMPRE.// ESSE É UM PODCAST DE RAP / E NÃO DE HIP HOP / MAS NÃO TEM COMO FALAR DO RAP DE SALVADOR / SEM FALAR DO MOVIMENTO HIP HOP DE SALVADOR.// A PROPÓSITO / VOCÊ SABE QUAL A DIFERENÇA ENTRE HIP HOP E RAP?//

[transição]

ESTAMOS NO BAIRRO DO BRONX / EM NOVA IORQUE / NOS ESTADOS UNIDOS / EM ALGUM MOMENTO DA DÉCADA DE 70.// ASSIM COMO COSME DE FARIAS / EM SALVADOR / O BRONX É UM BAIRRO PERIFÉRICO DE UMA CIDADE GRANDE EM DESENVOLVIMENTO.// E AQUI NÃO IMPORTA SE VOCÊ FALA “OXENTE” OU “OH SHIT”.// EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO / AS COMUNIDADES MARGINAIS / OU SEJA / AQUELAS QUE ESTÃO À MARGEM DO CRESCIMENTO DOS GRANDES CENTROS URBANOS / SOFREM COM A AUSÊNCIA DE POLÍTICAS CULTURAIS POR PARTE DO PODER PÚBLICO / E COM A SEDUÇÃO DAS FACÇÕES CRIMINOSAS.//

A POPULAÇÃO AQUI DO BRONX É FORMADA POR LATINOS / AFRO-AMERICANOS / E IMIGRANTES CARIBENHOS / UMA GALERA QUE VEIO DA JAMAICA / DE PORTO RICO / DE CUBA... / APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.//

LÁ NA JAMAICA / EXISTIA UMA TRADIÇÃO DE FESTAS POPULARES / QUE BASICAMENTE CONSISTIA EM REUNIR A GALERA DA COMUNIDADE NA RUA PRA SE DIVERTIR AO SOM DE CARROS EQUIPADOS COM POTENTES CAIXAS DE SOM / CHAMADOS SOUND SYSTEMS.// AÍ EM SALVADOR / A GENTE HOJE EM DIA CHAMA ISSO DE PAREDÃO NÉ?// A COMUNIDADE ABRAÇOU ESSA TRADIÇÃO AQUI NO BRONX / E GERALMENTE OS ORGANIZADORES COLOCAM PRA TOCAR DISCOS DE

GÊNEROS DO CHAMADO BLACK MUSIC / COMO O JAZZ / O SOUL E O FUNK.// COMO DIRIA O GRUPO SOTEROPOLITANO “SACA SÓ”: SE ELES NÃO FAZ, NÓS FAZ.//

TEVE UM CARA QUE FOI GANHANDO DESTAQUE NESSA CENA POR AQUI.// ELE ERA UM JAMAICANO DONO DE UM DOS SISTEMAS DE SOM MAIS FAMOSOS DA REGIÃO / E FICOU FAMOSO POR DESENVOLVER O BACK TO BACK / QUE BASICAMENTE É UMA TÉCNICA DE MANIPULAÇÃO DOS DISCOS DE VINIL PRA QUE ELES FIQUEM REPETINDO DE MANEIRA CÍCLICA O MESMO TRECHO DE UMA MÚSICA.// O RESULTADO DISSO / ESSA REPETIÇÃO INFINITA / ERA CHAMADO DE BREAKBEAT.// O NOME DESSE BROTHER É KOOL HERC E / ASSIM COMO AFRIKA BAMBAATAA / ELE FOI UM DOS PRIMEIROS DJ'S DA HISTÓRIA DO RAP.// A GENTE AINDA VAI FALAR MAIS SOBRE QUEM É AFRIKA BAMBAATAA EM OUTROS EPISÓDIOS.//

DJ É UMA SIGLA PRA DISC JOCKEY / QUE SIGNIFICA ALGO COMO “MANIPULADOR DE DISCOS”.// ELES ERAM OS RESPONSÁVEIS POR ANIMAR A GALERA NAS PICAPES E TAMBÉM FALANDO NO MICROFONE.// NESSA BRINCADEIRA ELES COMEÇARAM A FAZER UMAS RIMAS CURTAS PRA GALERA APRENDER E REPETIR DURANTE AS FESTAS.// SÓ QUE COM O DESENVOLVIMENTO DAS NOVAS TÉCNICAS / OS DJ'S ESTAVAM FICANDO CADA VEZ MAIS OCUPADOS E AÍ HOUE A NECESSIDADE DE EXISTIR UM CAMARADA PRA FICAR RESPONSÁVEL PELO MICROFONE ENQUANTO O DJ SE CONCENTRAVA NO TRABALHO DELE.// FELIZMENTE SURGIRAM VÁRIOS CAMARADAS / QUE FICARAM CONHECIDOS COMO MASTERS OF CERIMONY / OU SEJA / MESTRES DE CERIMÔNIA.// OU SOMENTE MC.//

COMO OS MC'S TAVAM APENAS NA FUNÇÃO DO MICROFONE / ELES COMEÇARAM A IMPROVISAR TRECHOS MAIORES / CRIAR UNS REFRÕES CHICLETE E POUCO TEMPO DEPOIS ELES JÁ TAVAM ESCRREVENDO MÚSICAS INTEIRAS PRA CANTAR EM CIMA DOS BREAKBEATS.//

EM UM DESSES VERSOS / O DJ E MC LOVEBUG STARSKI CANTOU A SEGUINTE FRASE “HIP HOP, YOU DON'T STOP / THAT MAKES YOUR BODY ROCK” / QUE É TIPO “QUADRIL / SALTO / NÃO PARE / ISSO FAZ SEU CORPO BALANÇAR. / EM UMA TRADUÇÃO LIVRE// O QUE IMPORTA AQUI É O TROCADILHO DO INÍCIO / O “HIP HOP” / QUE PEGOU E É USADO ATÉ HOJE.// ESSE VERSO / INCLUSIVE / LEMBRA UM DOS PRIMEIROS RAPS DA HISTÓRIA / A MÚSICA “RAPPER'S DELIGHT” / DO GRUPO “THE SUGARHILL GANG”.// ESSA MÚSICA INCLUSIVE TEM UM PROCESSO DE REINVENÇÃO BEM INTERESSANTE.// A HISTÓRIA COMEÇA COM A MÚSICA “GOOD TIMES”, DA “CHIC” / QUE ERA UMA BANDA DE R&B E FUNK DOS ESTADOS UNIDOS.//

[chic - good times]

ESSE ARRANJO DE BAIXO AÍ QUE VOCÊ ESCUTOU / FOI UTILIZADO NO BEAT DA MÚSICA RAPPER'S DELIGHT / E FICOU DESSE JEITO.//

[rappers delight]

E NÃO PAROU POR AÍ.// ESSA LINHA DE BAIXO AINDA SERIA USADA EM VÁRIAS MÚSICAS MUNDO AFORA / INCLUSIVE NO BRASIL.// EM 1997 / GABRIEL O PENSADOR LANÇOU A MÚSICA 2345MEIA78 / QUE COMEÇA ASSIM.//

[gabriel o pensador - 2345meia78]

E ATÉ SAINDO DO RAP / TEM UMA MÚSICA QUE EU DUVIDO QUE VOCÊ TENHA ASSOCIADO COM RAPPER'S DELIGHT / MAS COM CERTEZA VOCÊ CONHECE E VAI NOTAR A REFERÊNCIA AGORA MESMO.//

[musicas]

“TÁ WALL / MAS EU AINDA NÃO SEI O QUE É O HIP HOP”.// O HIP HOP É TODA A CULTURA QUE SURGE A PARTIR DESSE MOVIMENTO / E É FORMADO POR QUATRO ELEMENTOS: DOIS DELES ESTÃO NA MÚSICA / O MC E O DJ.// OS OUTROS DOIS ESTÃO NAS ARTES VISUAIS E NA DANÇA.// RESPECTIVAMENTE / O GRAFITE E O BREAK DANCE / A DANÇA DE RUA.// EXISTE AINDA UM DEBATE SOBRE A EXISTÊNCIA DE UM QUINTO ELEMENTO / MAS A GENTE VAI TER UM EPISÓDIO SÓ PRA FALAR DELE.//

ENTÃO / A PARTIR DE HOJE VOCÊ ME PROMETE QUE NUNCA MAIS VAI DIZER QUE ESTÁ “OUVINDO” HIP HOP / PORQUE VOCÊ JÁ SABE QUE “HIP HOP” NÃO É UM GÊNERO MUSICAL.// O QUE VOCÊ OUVI É O RAP / E É DELE QUE O REG DE RAP VAI TRATAR.//

[transição avião]

SAÍMOS DO BRONX E AGORA ESTAMOS NA SÃO PAULO DOS ANOS 80.// COMO EU DISSE / PERIFERIA É PERIFERIA EM QUALQUER LUGAR / ENTÃO A ROTINA URBANA DA CAPITAL PAULISTA NÃO ERA MUITO DIFERENTE.// NO LARGO SÃO BENTO / PERTO DA AVENIDA 25 DE MARÇO / SE TORNOU COMUM A REALIZAÇÃO DOS RACHAS / QUE ERAM BATALHAS DE BREAK DANCE.// VALE LEMBRAR QUE ACABAMOS DE SAIR DA DITADURA MILITAR NO BRASIL / ENTÃO ESSES RACHAS ERAM CONSTANTEMENTE INTERROMPIDOS DE MANEIRA GENTIL PELAS AUTORIDADES.//

O BREAK DANCE CHEGOU COM TUDO / MAS O RAP TAMBÉM GANHAVA FORÇA.// AQUI NO BRASIL / COMEÇOU A FAZER SUCESSO O QUE DEPOIS FICOU CONHECIDO COMO GANGSTA RAP / MÚSICAS QUE CANTAVAM SOBRE O CONTEXTO DA VIOLÊNCIA / DO TRÁFICO DE DROGAS E DA DESIGUALDADE / MUITAS DAS VEZES NARRADAS EM PRIMEIRA PESSOA.// VÁRIOS GRUPOS SE DESTACARAM NESSA LINHA / COMO 509-E / FACÇÃO CENTRAL E RACIONAIS MC'S.//

[1A]

ESSA VOZ É DE JORGE HILTON / MC DO GRUPO SIMPLES RAP'ORTAGEM / PESQUISADOR DO RAP BAIANO E AUTOR DO LIVRO “BAHIA COM H DE HIP-HOP” / QUE FOI DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA PRA ESSE TRABALHO AQUI.//

[3A]

A MÚSICA DO RACIONAIS MC'S / DE SÃO PAULO / CHEGOU A SALVADOR / ENTÃO / VAMOS NOS SITUAR.// FOMOS AO BAIRRO DO BRONX / EM NOVA IORQUE / LÁ NOS ANOS 70.// DEPOIS VISITAMOS SÃO PAULO NA DÉCADA DE 80.// AGORA ESTAMOS NA SALVADOR DOS ANOS 90.//

[transição berimbau?]

ASSIM COMO NA CAPITAL PAULISTA / POR AQUI O BREAK DANCE FEZ SUCESSO PRIMEIRO E VÁRIOS GRUPOS DE DANÇA FAZIAM OS RACHAS NAS PRAÇAS DO CENTRO DE SALVADOR.// COMO NÃO PODIA DEIXAR DE SER / A DANÇA DE RUA

DAQUI ERA DIFERENCIADA / MISTURANDO EM SEUS PASSOS ELEMENTOS DA CAPOEIRA QUE DEIXAVAM OS GRINGOS SEM ENTENDER MUITA COISA.// ENTRE OS GRUPOS DE DESTAQUE / ESTAVAM O BREAK CIA E A GALERA QUENTE DO BREAK.// AINDA NO INÍCIO DA DÉCADA / COM A POPULARIZAÇÃO DO RAP / ACONTECEU UMA ONDA: OS CARAS DO BREAK COMEÇARAM A QUERER SER MC'S.//

[1B]

OS GRUPOS DE DANÇA ERAM GRANDES E ADAPTARAM SUAS APRESENTAÇÕES PARA OS SHOWS DE MÚSICA.// EU ENTREVISTEI CESAR MAYKO / UM DOS INTEGRANTES DO BREAK CIA / LÁ DE COSME DE FARIAS / QUE DEPOIS SE TORNOU LEÕES DO RAP.//

[cesar mayko 1]

O LEÕES DO RAP / FORMADO EM 1991 / FOI O PRIMEIRO GRUPO DE RAP DE SALVADOR.//

[leões do rap - somos hip hop]

AO TODO / ELES LANÇARAM TRÊS CDS / SENDO O DE MAIOR RELEVÂNCIA O "REALIDADE DA VIDA" / DE 1998.// MAS DOIS ANOS ANTES / O LEÕES DO RAP JÁ ERA ASSUNTO INTERNACIONAL.// ISSO PORQUE DOIS DE SEUS INTEGRANTES / CESAR MAYKO E JM CABELINHO / VENCERAM O FESTIVAL DE MÚSICA E ARTES DO OLODUM / O FEMADUM / COM A MÚSICA SSA BAHIA.// ALÉM DE LEVAREM PRA CASA UM CORSA 0KM / A MÚSICA FOI GRAVADA PELO OLODUM E É A FAIXA 14 DO ÁLBUM "ROMA NEGRA".// ESSE ÁLBUM / INCLUSIVE / TEM AINDA UM OUTRO RAP: A MÚSICA "MUNDO CÃO". / O QUE MOSTRA COMO ESSE NOVO MOVIMENTO MUSICAL JÁ CHAMAVA A ATENÇÃO.//

[olodum - ssa bahia]?

[cesar mayko 2]?

O LEÕES DO RAP ESTEVE EM ATIVIDADE ATÉ 2004.// E VOU APROVEITAR QUE EU FALEI SOBRE ELES PRA CITAR ALGUNS OUTROS GRUPOS DA ÉPOCA PRA VOCÊ CONHECER.// TINHA O MD MC'S / QUE JÁ OUSAVA COM UM RAP BEM SWINGADO.//

[MD MC's - a fé]

OUTROS GRUPOS SE DIFERENCIAVAM TAMBÉM EM SUAS APRESENTAÇÕES / COMO POR EXEMPLO

[4c]

MAS APESAR DE OS GRUPOS QUE TENTAVAM OUSAR E FAZER ALGO UM POUCO DIFERENTE TEREM ALCANÇADO ALGUM SUCESSO COM ISSO / AINDA EXISTIA UM PADRÃO QUE ESTAVA POSTO COMO REFERÊNCIA.//

[3b]

ESTAR NESSE PADRÃO / SABEMOS / TAMBÉM INCLUÍA SER UMA PESSOA DO SEXO MASCULINO.// E ATÉ HOJE / A CENA DO RAP AINDA É MAJORITARIAMENTE PROTAGONIZADA POR HOMENS.// MAS MESMO ASSIM / LÁ NOS ANOS 90 / JÁ TINHA

MUITA MULHER FAZENDO RAP POR AQUI VIU?/ PROCURE SABER.// INFELIZMENTE / EU PROCUREI BASTANTE MAS NÃO ENCONTREI NA INTERNET MÚSICAS DE ALGUM DESSES GRUPOS PARA COLOCAR NO EPISÓDIO.// SE VOCÊ TIVER ESSAS RELÍQUIAS / POR FAVOR ENTRA EM CONTATO AQUI COM O REG DE RAP.//

[4d]

ERA MUITA GENTE FAZENDO RAP / A CENA SOTEROPOLITANA ESTAVA EM PLENA EXPANSÃO.// SURTIU / ENTÃO / A IDEIA DE REUNIR OS QUATRO ELEMENTOS DO HIP HOP EM UM SÓ EVENTO.// E ASSIM FOI FEITO.// O ESPAÇO ESCOLHIDO FOI O TRADICIONAL CLUBE FANTOCHES / NO CENTRO DA CIDADE.// A IDEIA DOS INTEGRANTES DO MOVIMENTO HIP HOP DE SALVADOR ERA FIXAR O LOCAL COMO UMA ESPÉCIE DE SEDE DOS GRANDES EVENTOS DA CENA AQUI DA CAPITAL / POR SER UM ESPAÇO IMPORTANTE E BEM LOCALIZADO.// A DIREÇÃO DO FANTOCHES / VENDO QUE REALMENTE SE TRATAVA DE UM MOVIMENTO EM CRESCIMENTO / TOPOU / APENAS COM A CONDIÇÃO DE QUE A ESTRUTURA / O PATRIMÔNIO DO ESPAÇO FOSSE PRESERVADO.//

O EVENTO ROLOU NO DIA 6 DE JUNHO DE 1998.// FOI UM SUCESSO DE PÚBLICO / CONTANDO ATÉ MESMO COM A PRESENÇA ILUSTRE DE CESAR ATHAYDE / QUE NA ÉPOCA ERA PRODUTOR DO RACIONAIS MC'S.// JUNTO COM ELE / ESTAVA WILLIAM SANTIAGO / ENTÃO DIRETOR DA GRAVADORA ZIMBABWE RECORDS / UMA DAS MAIS IMPORTANTES DO RAP NACIONAL.// AINDA NO EVENTO / OS DOIS CONVIDARAM O GRUPO SOTEROPOLITANO ELEMENTO X PARA FAZER PARTE DE UMA COLETÂNEA NACIONAL QUE ELES ESTAVAM PRODUZINDO.//

FIM DE EVENTO / TUDO LINDO.// SERIA APENAS O INÍCIO DE UMA DURADOURA PARCERIA ENTRE CLUBE FANTOCHES E MOVIMENTO HIP HOP DE SALVADOR.// SERIA / NÃO FOSSE UM PROBLEMINHA COM A CONDIÇÃO QUE A CASA TINHA COLOCADO...//

[2e]

QUANTO A CESAR ATHAYDE / ELE VOLTOU A SALVADOR NO FINAL DO ANO PARA REALIZAR O PRIMEIRO SHOW DO RACIONAIS MC'S AQUI NA CAPITAL BAIANA.// A APRESENTAÇÃO ROLOU NO BAIRRO DA BAIXA DE QUINTAS / NUM EXTINTO ESPAÇO CHAMADO QUINTA POINT.// O GRUPO ELEMENTO X TAMBÉM SE APRESENTOU NESSE HISTÓRICO DIA 22 DE NOVEMBRO DE 1998.//

[transição]

COMO DEU PRA VER / OU MELHOR / PRA OUVIR / O HIP HOP EM SALVADOR COMEÇAVA A CRESCER EM PÚBLICO / EM RELEVÂNCIA E TAMBÉM NO NÚMERO DE ARTISTAS PRATICANTES.// MAS AQUILO TUDO AINDA ERA NOVIDADE PRA TODO MUNDO / COM MUITA COISA PRA SER EXPLORADA E MUITA IDEIA PRA SER TROCADA / E O PESSOAL VIU A NECESSIDADE DE SE ORGANIZAR ENQUANTO MOVIMENTO.//

[5a]

NÃO SE ESQUEÇA QUE ESTAMOS FALANDO DE UMA ÉPOCA EM QUE A INTERNET AINDA ESTAVA ENGATINHANDO E SMARTPHONES / COMO ESSE QUE TÁ AÍ COM VOCÊ / ERAM COISA DE CINEMA / DE FILME DE FICÇÃO CIENTÍFICA.// ENTÃO NÃO TINHA COMO FAZER UM GRUPÃO NO ZAP OU SIMPLEMENTE MARCAR UMA

REUNIÃO NO ZOOM / COMO A GENTE FAZ HOJE PRA RESOLVER AS DEMANDAS RAPIDAMENTE.// O NEGOCIO / PAI / ERA PRA QUEM QUERIA LEVAR A PARADA A SÉRIO MESMO / PRA QUEM PODIA COM A ONDA// AS REUNIÕES ERAM PRESENCIAIS / E ROLAVAM DUAS VEZES POR SEMANA.// TODA QUARTA-FEIRA / ÀS 19H / A GALERA SE BATIA NA SEDE DA UNIÃO DE NEGROS PELA IGUALDADE / A UNEGRO / QUE FICA LÁ NO PELOURINHO.// ESSES ENCONTROS ERAM MAIS FORMAIS / TODO MUNDO SENTADINHO COMPARTILHANDO IDEIAS / REPASSANDO CONHECIMENTOS E PLANEJANDO INTERVENÇÕES.// NAQUELE MOMENTO / O MOVIMENTO TAVA SE ARTICULANDO.// OS OUTROS ENCONTROS / ESSES MAIS DE RESENHA / DE SE ENCONTRAR PRA FAZER SOM MESMO E GASTAR A ONDA / ACONTECIAM RELIGIOSAMENTE TODO DOMINGO / MAIS OU MENOS POR VOLTA DAS 14H / TAMBÉM NO CENTRO DE SALVADOR.// DESSA VEZ NO PASSEIO PÚBLICO / ALI ONDE FICA O TEATRO VILA VELHA.//

A PRIMEIRA DESSAS REUNIÕES / NO ENTANTO / ACONTECEU NUM SÁBADO.// ERA O DIA 26 DE ABRIL DE 1997 E UMA DAS PAUTAS ERA DEFINIR UMA DATA PARA SER CONSIDERADA O MARCO DO INÍCIO DO MOVIMENTO HIP HOP SOTEROPOLITANO ORGANIZADO .// ORA / SE AQUELA ERA A PRIMEIRA REUNIÃO / NADA MAIS JUSTO DO QUE ESSA DATA SER O PRÓPRIO DIA 26 DE ABRIL.// MAS LEMBRA DO ENCONTRO NO SHOPPING QUE TINHA ROLADO NO ANO ANTERIOR E SIDO / EM VERDADE / O PRIMEIRO MOVIMENTO NA INTENÇÃO DESSA ARTICULAÇÃO?// POIS É / ALGUÉM TAMBÉM LEMBROU DESSE FATO LÁ NA REUNIÃO E A SOLUÇÃO FOI PRAGMÁTICA.// PERMANECEU A DATA 26 DE ABRIL / MAS O ANO CONSIDERADO FOI O DE 1996.// ASSIM / AGORA EM 2020 / O MOVIMENTO HIP HOP SOTEROPOLITANO OFICIALMENTE COMPLETOU 24 ANOS.//

COM REUNIÕES PERIÓDICAS / AQUELA BAGUNÇA ESTAVA FICANDO CADA VEZ MAIS ORGANIZADA.// ERA A HORA DE BATIZAR ÀQUELA ESPÉCIE DE SOCIEDADE DE ARTISTAS / ATIVISTAS E ADMIRADORES DO HIP HOP DE SALVADOR.// FOI ENTÃO QUE / NUM DOS ENCONTROS DE DOMINGO / EXATAMENTE NO DO DIA 20 DE DEZEMBRO DE 1998 / APÓS ALGUMAS SUGESTÕES / O NOME VENCEDOR FOI: POSSE ORÍ.// E AQUI CABE EXPLICAR RAPIDAMENTE O QUE FORAM AS POSSES NO BRASIL.//

[transição]

COMO BEM RESUMIDO PELO PESQUISADOR SÉRGIO DA SILVA SANTOS / DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE / A ARTICULAÇÃO DO MOVIMENTO HIP HOP EM TODO O PAÍS PRECISOU DESENVOLVER ESTRATÉGIAS PRÁTICAS MESMO PARA DAR VISIBILIDADE A QUESTÕES DA POPULAÇÃO DAS PERIFERIAS / PRINCIPALMENTE A JUVENTUDE.// ESSAS AÇÕES INCLUÍAM FORMAÇÕES / OFICINAS / DEBATES E AÇÕES DE ENFRENTAMENTO ÀS MAZELAS SOCIAIS QUE ATINGIAM ESSA POPULAÇÃO.// TUDO ISSO DE UMA MANEIRA DIDÁTICA.// AS POSSES / ANTES DE QUALQUER COISA / ERAM SOBRE CONSCIENTIZAÇÃO E EDUCAÇÃO.//

ELAS REALIZAVAM AÇÕES SOCIAIS / CULTURAIS E POLÍTICAS / TENDO COMO FOCO PRINCIPAL A POLITIZAÇÃO DE JOVENS PERIFÉRICOS.// E É AÍ QUE ENTRA O HIP HOP.// ESSAS ATIVIDADES PRÁTICAS INCLUÍAM OFICINAS DE GRAFITE / DE DANÇA / DE RIMA / DE DJ / DE CIDADANIA / NA MAIORIA DAS VEZES MINISTRADAS PELOS PRÓPRIOS ARTISTAS.//

INTERNAMENTE / OS INTEGRANTES DAS POSSES BUSCAVAM SE DESENVOLVER COM CICLOS DE BATE-PAPO SOBRE TEMAS QUE AFETAVAM DIRETA OU

INDIRETAMENTE AS COMUNIDADES DA PERIFERIA.// E ESSES TEMAS VARIAVAM MUITO.// ALGUNS EXEMPLOS SÃO RACISMO CIENTÍFICO / ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL / VIOLÊNCIA POLICIAL / DIREITOS HUMANOS E ATÉ RELIGIÃO ISLÃ.// FAZIAM PARTE DAS POSSES NÃO APENAS ARTISTAS / MAS ADMIRADORES DA CULTURA HIP HOP / ATIVISTAS E EDUCADORES.//

BOM / ACHO QUE TÁ EXPLICADO POR QUE A POSSE ORÍ ERA UMA POSSE.// VÁRIAS OUTRAS POSSES SURTIRAM NESSE MESMO PERÍODO EM BAIROS DE SALVADOR E NA REGIÃO METROPOLITANA E UMA CURIOSIDADE É QUE MUITAS DELAS TRAZIAM EM SEUS NOMES REFERÊNCIAS À PAUTA NEGRA / COMO A QUILOMULA / DO BAIRRO DO CABULA / A NEGRANADA / DE CASTELO BRANCO / OU A FÚRIA NEGRA / DE VALÉRIA.// A PRÓPRIA POSSE ORÍ TEM EM SEU NOME A PALAVRA ORÍ / QUE SIGNIFICA “CABEÇA” EM IORUBÁ / IDIOMA FALADO HÁ MAIS DE 4 MIL ANOS EM REGIÕES DA NIGÉRIA / BENIN / TOGO E SERRA LEOA / POR EXEMPLO.// INFELIZMENTE / COM O TEMPO E AS DEMANDAS DE ESTUDO E TRABALHO DO NOSSO REGIME CAPITALISTA / AS POSSES FORAM SE DESFAZENDO E FICANDO APENAS NA HISTÓRIA.//

NO ENTANTO / AQUI NO MEU PAÍS ITINGA / UMA POSSE RESISTE ATÉ OS DIAS ATUAIS.// A POSSE PCE / SIGLA PARA POSSE DE CONSCIENTIZAÇÃO E EXPRESSÃO / É A PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO DO HIP HOP DE LAURO DE FREITAS.// EU NÃO VOU ME ALONGAR MUITO PORQUE A HISTÓRIA DA POSSE PCE DÁ UM EPISÓDIO SOZINHA / MAS PRECISO DIZER / ENQUANTO MORADOR DA COMUNIDADE / QUE A PCE É ATUANTE E / DENTRE OUTRAS AÇÕES / ORGANIZA ANUALMENTE NO MÊS DE NOVEMBRO A CAMINHADA A COR DA CIDADE / PELAS RUAS AQUI DA ITINGA ONDE PAUTA E DENUNCIA AS QUESTÕES LIGADAS À RAÇA NO MUNICÍPIO.//

[transição]

SE VOCÊ ACOMPANHA O RAP EM SALVADOR E REGIÃO HÁ POUCO TEMPO / TALVEZ ESTEJA ATÉ ESTRANHANDO QUE LÁ NOS ANOS 1990 EXISTIA TODO UM TRABALHO CONJUNTO / ESSA ARTICULAÇÃO ENTRE OS ARTISTAS.// LÁ NA CONVERSA COM CESAR MAYKO / DO LEÕES DO RAP / EU PERGUNTEI A ELE SOBRE ISSO.//

[cesar mayko 3]

CLARO QUE TAMBÉM NÃO ERA TUDO SÓ FLORES / E ROLAVA LÁ SEUS PEGAPACAPÁ.// MAS O FOCO AQUI NÃO É ESSE E NÃO DÁ PRA NEGAR QUE A ORGANIZAÇÃO DAQUELE MOMENTO / EM QUE ERA TUDO AINDA UMA GRANDE NOVIDADE / FEZ COM QUE O RAP LOCAL FIZESSE UM BOM TRABALHO DE AUTOPROMOÇÃO ATRAVÉS DE MÍDIAS ALTERNATIVAS E TIVESSE ATÉ MESMO ESPAÇO NA MÍDIA TRADICIONAL / QUE ERA MUITO MAIS DISPUTADA NUMA ÉPOCA SEM INSTAGRAM E TWITTER PRA DIVULGAR SEUS TRAMPOS.//

[6a]

AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS FORAM FUNDAMENTAIS PARA A DIFUSÃO DO RAP EM TODO O BRASIL.// SÓ QUE ELAS SE POPULARIZARAM MESMO A PARTIR DOS ANOS 2000 / E POR ISSO SERÃO ABORDADAS NO PRÓXIMO EPISÓDIO DO _____.// POR ENQUANTO / VAMOS FICAR AQUI PELA DÉCADA ANTERIOR/ ONDE A FRENTE PRINCIPAL ERAM OS ZINES.// OS ZINES ERAM UM TIPO DE PUBLICAÇÃO IMPRESSA

BEM POPULAR NA ÉPOCA/ QUE PODIA SER FEITA POR COMPUTADOR OU MANUALMENTE / E ERAM DIFUNDIDOS ATRAVÉS DE FOTOCÓPIAS / AS FAMOSAS XEROX.// E SE ATÉ AGORA VOCÊ AINDA NÃO ENTENDEU QUAL A FUNÇÃO QUE ESSE PODCAST PRETENDE TER / É UMA PROPOSTA BEM PARECIDA COM O QUE OS ZINES QUERIAM FAZER LÁ NA DÉCADA DE 90.//

[6B]

A MINHA META É QUE VOCÊ SE REFIRA AO REG DE RAP DA MESMA FORMA: UM MATERIAL MUITO INFORMATIVO.// NESSE ESPAÇO EU PRETENDO TRATAR DO RAP EM GERAL / MAS SEMPRE OBSERVANDO PELA LUPA DO RAP AQUI DE SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA.// NUM FUTURO PRÓXIMO / EU QUERO AMPLIAR A ABRANGÊNCIA AQUI DO REG DE RAP PRA TODO O ESTADO DA BAHIA / MAS ESSE PODCAST FOI MEU PROJETO DE TCC / E NUM PRIMEIRO MOMENTO DE PESQUISA COM PRAZOS / EU PRECISAVA DE UM RECORTE QUE EU CONSEGUISSE DAR CONTA.//

O PODCAST FOI A FORMA QUE ENCONTREI DE COMPARTILHAR OS RESULTADOS DA MINHA PESQUISA.// COM CERTEZA ESSE EPISÓDIO VAI CHEGAR A MUITO MAIS GENTE DO QUE O MEU TCC / MUITO BEM ESCRITO / PORÉM NAQUELA LINGUAGEM ACADÊMICA / CHATA / E POUCO ACESSÍVEL.// A QUEM POSSA INTERESSAR / ESTÁ DISPONÍVEL LÁ NO SITE DO REPOSITÓRIO DA UFBA.// RESOLVI CRIAR ESSE CONTEÚDO PORQUE EU / ENQUANTO ARTISTA / SENTIA FALTA DE CONHECER REFERÊNCIAS LOCAIS.// SEMPRE TIVE ISSO COMIGO / DE RESPEITAR QUEM CHEGOU PRIMEIRO / E NÃO À TOA SOU MUITO GRATO E SEMPRE FUI MUITO RESPEITADO POR NOMES IMPORTANTES DA NOSSA CENA COMO MEUS IRMÃOS DO FÚRIA CONSCIENTE / DO OPANIJÉ / E MEU PARCEIRO MR. ARMENG / POR EXEMPLO.//

A ACESSIBILIDADE É UMA PREOCUPAÇÃO PRA MIM E EU JÁ TÔ ESTUDANDO FORMAS DE DISPONIBILIZAR ESSE CONTEÚDO EM TEXTO OU LEGENDADO NO YOUTUBE / PARA QUE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA TAMBÉM CONSIGAM CONSUMIR O POD.//

NESSE ESPAÇO / VOU TER A LIBERDADE DE ABORDAR ASSUNTOS QUE JULGO RELEVANTES PRA MEU PÚBLICO-ALVO / QUE SÃO ARTISTAS / PESQUISADORES E ADMIRADORES DO RAP / PESSOAS INTERESSADAS NA CULTURA SOTEROPOLITANA EM GERAL / ESTUDIOSOS DA MÚSICA / ETC.// NÃO É UM CANAL DE DIVULGAÇÃO DE LANÇAMENTOS / MUITO MENOS DE REACT E ESSAS COISA AÍ.// AQUI VAMOS TROCAR ESSA IDEIA SOBRE O RAP QUE É FEITO NA BOA TERRA.//

AH SIM / O FEEDBACK É MUITO IMPORTANTE / PRINCIPALMENTE NESSE MOMENTO INICIAL.// PODE ME MANDAR MENSAGEM NO @REGDERAP / R-E-G / NAS MÍDIAS SOCIAIS OU NO MEU PERFIL PESSOAL MESMO / @WALLCARDOZO.// EU PROMETO QUE SOU MUITO TRANQUILO E A GENTE VAI TROCAR ESSA IDEIA.// EU QUERO OUVIR O QUE VOCÊ TEM A DIZER / SÓ NÃO TE DOU MEU ZAP AQUI AGORA PORQUE VOCÊ NÃO ME PEDIU.//

A IDEIA É TER UMA FREQUÊNCIA QUINZENAL / MAS ISSO AINDA ESTÁ EM FASE DE TESTES.// ESSE EPISÓDIO DE MENOS DE 50 MINUTOS / ENTRE PESQUISA / ENTREVISTA / ROTEIRO / PRODUÇÃO / GRAVAÇÃO / EDIÇÃO E MAIS UM MONTE DE COISA / LEVOU MAIS DE 100 HORAS PARA FICAR PRONTO.// ENTÃO NÃO CUSTA NADA VOCÊ AGORA SEGUIR NO INSTA E NO TWITTER O @_____ / COMPARTILHAR NOS SEUS STORIES E RESPONDER À PERGUNTA LÁ NOS

COMENTÁRIOS DO POST: QUAL FOI A PRINCIPAL CURIOSIDADE DESSE EPISÓDIO SOBRE OS ANOS 90?

ESSA PRIMEIRA TEMPORADA VAI SER CURTINHA / SERÃO TRÊS EPISÓDIOS.// DE HOJE A QUINZE / A GENTE CONTINUA NOSSA HISTÓRIA / DESSA VEZ JÁ NOS ANOS 2000.// VOCÊ SABIA QUE TEVE GRUPO SOTEROPOLITANO VENCENDO O HUTÚZ / PRINCIPAL PREMIAÇÃO DO RAP NACIONAL DA DÉCADA?.//

Episódio 2

Anos 2000: articulação, posses, redes e reconhecimento

[mv bill]

[bg abertura]

ESSE É MV BILL FALANDO PARA UMA CONCHA ACÚSTICA LOTADA DURANTE SEU SHOW / EM OUTUBRO DE 2006.// DIFERENTEMENTE DO RAPPER CARIOCA / QUEM ACOMPANHAVA DE PERTO A CENA DO RAP DE SALVADOR NA ÉPOCA JÁ TAVA ACOSTUMADO A ESPAÇOS CHEIOS E UM PÚBLICO SEDENTO PELO RITMO E POESIA.//

QUEM FALA É WALL CARDOZO E NESSE EPISÓDIO DE NÚMERO 2 / VAMOS ENTENDER JUNTOS COMO SE DEU / AO LONGO DOS ANOS 2000 / A ARTICULAÇÃO DO RAP EM SALVADOR E REGIÃO / O ÚNICO LUGAR DO MUNDO ONDE VOCÊ PODE DIZER QUE FOI NUM REG DE RAP.//

[vinheta]

POIS É.// OS REGS DE RAP ESTAVAM FICANDO CADA VEZ MAIS POPULARES EM SALVADOR.// NA VERDADE / VOCÊ VAI PERCEBER AO LONGO DESSE EPISÓDIO QUE OS ANOS 2000 FORAM BASTANTE MOVIMENTADOS AQUI NA CENA / O QUE ME LEVOU A FICAR UM POUCO PERDIDO NA HORA DE CONTAR A HISTÓRIA / SEM SABER POR ONDE COMEÇAR.// PRINCIPALMENTE PORQUE É IMPOSSÍVEL RESUMIR DEZ ANOS EM TRINTA MINUTOS DE PODCAST.//

[sons de zap]

NUM DOMINGO À TARDE COMO QUALQUER OUTRO / ESTAVA EU JOGANDO CONVERSA FORA NO ZAP PARA DISTRAIR / QUANDO / COMO QUEM NÃO QUER NADA / COMENTEI SOBRE ESSA MINHA ANGÚSTIA COM UM GRANDE IRMÃO: LÁZARO ERÊ / QUE FOI MC DO GRUPO ERÊ JITOLÚ E ATUALMENTE COMPÕE O GRUPO OPANIJÉ.// LÁZARO, NOS AJUDE A ENTENDER!// POR ONDE EU COMEÇO A FALAR SOBRE OS ANOS 2000 / MEU IRMÃO? É MUITA COISA!//

[lazarro]

POIS É / FAMÍLIA / O RAP TAVA SE ESPALHANDO PELOS BAIRROS DE SALVADOR E REGIÃO COMO SE FOSSE SINAL DE 4G.// É BEM VERDADE QUE NA ÉPOCA NÃO TINHA NEM 3G AINDA E MUITO MENOS WI-FI / MAS A INFORMAÇÃO JÁ CIRCULAVA PELOS ARES.//

[ponte rádios comunitárias 6:12 <https://www.youtube.com/watch?v=V0v24iMZxk0>]

AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS / TAMBÉM CHAMADAS DE RÁDIOS ALTERNATIVAS / SÃO EMISSORAS DE BAIXA POTÊNCIA / QUE GERALMENTE COBREM O RAIO DE 1 OU 2KM.// SUA PRINCIPAL CARACTERÍSTICA SÃO AS CAIXAS DE SOM GERALMENTE PRESAS A POSTES E ESPALHADAS EM LOCAIS ESTRATÉGICOS DOS BAIRROS / PARA ALCANÇAR O MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE OUVINTES NAS RUAS.//

A LEGALIDADE DESSE TIPO DE COMUNICAÇÃO ATÉ HOJE É TEMA DE DEBATE NO BRASIL / MAS O FATO É QUE AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS SE DESTACARAM POR CUMPRIR O PAPEL QUE AS RÁDIOS TRADICIONAIS NÃO DAVAM CONTA.// POR TER UM ALCANCE LIMITADO / O CONTEÚDO COSTUMAVA SER MUITO BEM SEGMENTADO / COM OS LOCUTORES TRATANDO DE QUESTÕES DE INTERESSE DOS MORADORES DO BAIRRO / COMO INFORMAÇÕES A RESPEITO DA COLETA DE LIXO / OU DO COMÉRCIO LOCAL / POR EXEMPLO / MUITO ANTES DOS GRUPOS DE ZAP.// OS COMERCIANTES LOCAIS / INCLUSIVE / VIAM NESSAS RÁDIOS ALTERNATIVAS UMA ÓTIMA OPORTUNIDADE DE ANUNCIAR SEUS PRODUTOS E SERVIÇOS DIRETAMENTE PARA O SEU PÚBLICO ALVO.// TODO MUNDO SAÍA GANHANDO NÉ.//

BOM / NEM TODO MUNDO.// NESSE CONTEXTO / DÁ PRA IMAGINAR QUE OS DONOS DAS GRANDES EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO NÃO ERAM MUITO FÃS DESSA CONCORRÊNCIA LOCALIZADA / E MEXIAM SEUS PAUZINHOS JUNTO AOS ÓRGÃOS RESPONSÁVEIS COMO A ANATEL E O MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES PARA ACIRRAR A FISCALIZAÇÃO SOBRE ESSAS RÁDIOS.//

MAS TRAZENDO AQUI PRO NOSSO TEMA / VOCÊ DEVE IMAGINAR QUE O RAP / PRINCIPALMENTE O RAP LOCAL / NÃO FAZIA PARTE DAS PLAYLISTS NAS RÁDIOS DESSAS MESMAS GRANDES EMPRESAS.// ENTÃO ERA APENAS QUESTÃO DE TEMPO PARA AS RÁDIOS ALTERNATIVAS DAREM MATCH COM A MÚSICA ALTERNATIVA.//

EM TODO O BRASIL / AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS FORAM QUEM PRIMEIRO ABRIU ESPAÇO PARA QUE MC'S E ADMIRADORES DO RAP TIVESSEM SEUS PRÓPRIOS PROGRAMAS E / POR ISSO / FORAM FUNDAMENTAIS PARA A DIFUSÃO DO RAP NACIONAL.// INFELIZMENTE ESSES PROGRAMAS ERAM FREQUENTEMENTE DESCONTINUADOS POR CONTA DO FECHAMENTO DAS RÁDIOS / DEVIDO À FISCALIZAÇÃO E TODA A QUESTÃO LEGAL QUE EU COMENTEI.// O DOCUMENTÁRIO "HIP HOP COM DENDÊ" / PRODUZIDO POR FABÍOLA AQUINO E LANÇADO EM 2006 / É DE ONDE EU PEGUEI AQUELE DISCURSO DE MV BILL PARA A ABERTURA DESSE EPISÓDIO.// O DOC É CURTINHO E TÁ DISPONÍVEL NO YOUTUBE.// TEM MUITAS CENAS INTERESSANTES E UMA DELAS MOSTRA O MC MOACIR NOS BASTIDORES DA PERNAMBUÉS FM.//

[MC Moacir / DJ Branco (Hip Hop com Dendê)]

ESSA ÚLTIMA VOZ É DE HAMILTON OLIVEIRA / O DJ BRANCO.// ALÉM DE LOCUTOR DE RÁDIO / DJ BRANCO É ARTE-EDUCADOR / COMUNICADOR SOCIAL / PRODUTOR

CULTURAL E / CLARO / DJ.// DESDE 2007 / ELE APRESENTA O PROGRAMA
 “EVOLUÇÃO HIP HOP” / NA RÁDIO EDUCADORA FM / QUE VAI AO AR TODO SÁBADO /
 A PARTIR DAS 17H.// O “EVOLUÇÃO HIP HOP” É UM PRODUTO DA CMA HIP HOP /
 SIGLA PARA “COMUNICAÇÃO, MILITÂNCIA E ATITUDE” QUE DÁ NOME À INICIATIVA
 DE COMUNICAÇÃO DO DJ.// EU / CLARO / CHAMEI ELE NO ZAP E PEDI PRA VIR AQUI
 NO REG DE RAP CONTAR ESSA HISTÓRIA.// DÁ O SALVE / BRANCO.//

[dj branco olá ouvintes]

VENHA PAI / CONTE AÍ PRA GENTE.//

[dj branco até 0:56]

É RAPAZ.// DJ BRANCO SE ADIANTOU E ANTECIPOU MEU PRÓXIMO ASSUNTO QUE
 É A REDE AIYÊ.// MAS ANTES / VAMOS DAR UMA RECAPITULADA.// NO PRIMEIRO
 EPISÓDIO / EU FALEI SOBRE A POSSE ORÍ E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A
 ARTICULAÇÃO DO RAP EM SALVADOR E REGIÃO / LEMBRA?// A POSSE ORÍ SE
 REUNIA DUAS VEZES POR SEMANA / UMA DELAS NA SEDE DA UNEGRO.// POIS É /
 VÉI.// QUEM PODERIA IMAGINAR QUE ISSO IA SER MOTIVO DE AGONIA?// MAS FOI /
 E PRA EXPLICAR ESSA HISTÓRIA PRA GENTE EU VOU CONVOCAR NOVAMENTE O
 PESQUISADOR E MC JORGE HILTON.// COMO FOI ISSO / RAPAZ?//

[1b]

ESSA HISTÓRIA DE DIZER QUE RAPPER É COMUNISTA NÃO É DE HOJE / TÁ VENDENDO
 AÍ?// MAS SIM / DESGASTOU TAMBÉM PORQUE OS DESENTENDIMENTOS NÃO
 ACONTECIAM SÓ INTERNAMENTE NA POSSE ORÍ / MAS AS OUTRAS POSSES
 TAMBÉM DISCORDAVAM ENTRE SI EM ALGUMAS QUESTÕES E A ORÍ / COMO FOI A
 PRIMEIRA POSSE E REFERÊNCIA PARA A MAIORIA DAS OUTRAS / ACABAVA
 FICANDO NO MEIO DESSE FOGO CRUZADO.//
 O QUE EU SEI É QUE OS MEMBROS DAS POSSES AOS POUCOS FORAM CAINDO
 FORA / ALGUMAS FORAM DEIXANDO DE EXISTIR...

[1a]

ENTÃO FOI ASSIM.// A POSSE ORÍ ENCERROU SUAS ATIVIDADES NO ANO DE 2004 /
 MESMO ANO DE BATISMO DA REDE AIYÊ.// “ANO DE BATISMO” PORQUE ESSA
 ARTICULAÇÃO MAIS ABRANGENTE MEIO QUE JÁ EXISTIA PELO MENOS DESDE 2001
 / MAS AINDA NÃO TINHA UM NOME.// UMA DE SUAS CARACTERÍSTICAS ERA A
 INEXISTÊNCIA DE UMA LIDERANÇA QUE FALASSE EM NOME DA REDE.// AO INVÉS
 DISSO / VÁRIAS LIDERANÇAS ESPONTÂNEAS ENCABEÇAVAM A ORGANIZAÇÃO E A
 PRESENÇA DE MULHERES ERA GRANDE.// A REDE AIYÊ CONSEGUIU SE
 ESTABELECEER E SE FIRMAR COMO UMA DAS PRINCIPAIS ORGANIZAÇÕES DE HIP
 HOP DO BRASIL.//

[2b]

E PERMANECEU ATIVA ATÉ O ANO DE 2010 / QUANDO FOI REALIZADA A ÚLTIMA REUNIÃO DA REDE AIYÊ.// O FIM NÃO FOI EXATAMENTE UMA SURPRESA / JÁ QUE PELO MENOS DESDE 2007 MUITAS POSSES JÁ VINHAM ENCERRANDO SUAS ATIVIDADES.// SURPRESA MESMO FOI O QUE ACONTECEU LÁ EM 2003 / QUANDO A REDE AIYÊ AINDA NEM TINHA NOME.//

[transição]

AS POSSES EM SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA TINHAM CONSCIÊNCIA DE QUE TAMBÉM EXISTIAM CENAS DE HIP HOP PELO INTERIOR DA BAHIA.// JUSTAMENTE POR ESTAREM NA CAPITAL DO ESTADO / E POR ISSO COM UMA ESTRUTURA MELHOR / AS POSSES SOTEROPOLITANAS PLANEJAVAM ESTABELECEM UM DIÁLOGO COM OS OUTROS MUNICÍPIOS BAIANOS DESDE O INÍCIO DO MOVIMENTO.// NAS REUNIÕES ERAM PROJETADOS NESSE SENTIDO EVENTOS / SEMINÁRIOS E OUTRAS ATIVIDADES MAS NADA DISSO SAÍA DO PAPEL.// ATÉ QUE EM 2003 / MAN / OS CARAS DAQUI APENAS FICARAM SABENDO QUE O PRIMEIRO ENCONTRO BAIANO DE HIP HOP NÃO SÓ JÁ TAVA SENDO ORGANIZADO COMO JÁ TINHA DATA E LOCAIS DEFINIDOS.// FOI SÓ UM: “A GENTE JÁ TÁ FAZENDO / PAI / E VOCÊS TÃO CONVIDADOS” / ASSIM NO SECO.// NESSE BAQUE AÍ A GALERA DE SALVADOR PEGOU VISÃO QUE O HIP HOP NÃO TAVA ARTICULADO APENAS NA CAPITAL / E CAMINHAVA MUITO BEM, OBRIGADO, NO INTERIOR.// QUEM TAVA NA ORGANIZAÇÃO ERA O MOVIMENTO DO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA E O EVENTO ACONTECEU LÁ / NOS DIAS 17 E 18 DE MAIO DE 2003 / NA SEDE DA INSTITUIÇÃO DE PROTEÇÃO E AMPARO AO MENOR / A IPAM.// AO TODO / DEZ MUNICÍPIOS PARTICIPARAM DESSE PRIMEIRO ENCONTRO.// AQUI DAS ÁREAS / VIAJARAM PARA ITAPETINGA REPRESENTANTES DE SALVADOR E LAURO DE FREITAS.//

[ponte pendente]

ENTRE AS ATIVIDADES / RODAS DE CONVERSA / PALESTRAS / DEBATES E / CLARO MUITA CULTURA HIP HOP.// SHOWS / BATALHAS DE MC'S / PERFORMANCES DE DJ / RODAS DE BREAK / GRAFITTI / POESIA...// A PROGRAMAÇÃO DO ENCONTRO FOI INTENSA / MUITA GENTE SE CONHECEU NAQUELE ESPAÇO / TROCOU CONTATO E PLANEJOU COISAS PRO FUTURO.// BAIANASYSTEM DIRIA QUE “O FUTURO NÃO DEMORA” E EU ACHO QUE A INSPIRAÇÃO VEIO DESSE CASO PORQUE O SEGUNDO ENCONTRO BAIANO DE HIP HOP ACONTECERIA MENOS DE CINCO MESES DEPOIS / NOS DIAS 13 E 14 DE SETEMBRO DE 2003 / NOVAMENTE EM ITAPETINGA.//

EU QUERIA MUITO AGORA AMBIENTAR EM ÁUDIO ESSES DOIS MOMENTOS FUNDAMENTAIS DO HIP HOP BAIANO.// O PRIMEIRO ENCONTRO ATÉ FOI REGISTRADO EM FOTO E VÍDEO / MAS A PESSOA QUE FICOU RESPONSÁVEL POR ESSE REGISTRO NUNCA O DISPONIBILIZOU.// UMA PENA PORQUE SERIA UM MATERIAL DE RELEVÂNCIA HISTÓRICA ENORME / INCLUSIVE AQUI PRA GENTE.// JÁ O SEGUNDO FICOU SOB RESPONSABILIDADE DA POSSE ORÍ E FOI PUBLICADO NO YOUTUBE / PORÉM ENCONTRA-SE BLOQUEADO POR CONTA DE DIREITOS AUTORAIS.// MAS SE VOCÊ JOGAR “BAHIA COM H DE HIP HOP” NO GOOGLE VOCÊ ENCONTRA O SITE DO LIVRO DE JORGE HILTON / E LÁ TEM ALGUNS REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO SEGUNDO ENCONTRO.//

EU ATÉ QUERIA MAS NÃO TEM COMO VOLTAR NO TEMPO.// ENQUANTO PRODUTOR CULTURAL / O QUE EU FICO MESMO É IMAGINANDO A CORRERIA QUE DEVEIA SER PREPARAR UM EVENTO DESSE PORTE / COM TANTOS MUNICÍPIOS ENVOLVIDOS.//

[3d]

EM 17 E 18 DE JULHO DE 2004 / VITÓRIA DA CONQUISTA SEDIU O TERCEIRO ENCONTRO BAIANO DE HIP HOP.// A CONVERSA É QUE CONQUISTA SEDIARIA O PRIMEIRO ENCONTRO / MAS NA MESMA DATA HAVERIA UMA MICARETA NA CIDADE E A ORGANIZAÇÃO FICOU RECEOSA DE ROLAR ALGUMA CONFUSÃO E O HIP HOP RECEBER A CULPA.// POR ISSO / O EVENTO FOI TRANSFERIDO PARA ITAPETINGA.// FELIZMENTE / O TERCEIRO ENCONTRO TEM UM PRECIOSO REGISTRO EM VÍDEO DISPONÍVEL NO YOUTUBE / E QUE EU RECOMENDO DEMAIS.// O VÍDEO DÁ UMA ÓTIMA IDEIA DAS PAUTAS E DO NÍVEL DOS DEBATES QUE O HIP HOP BAIANO PROMOVIA NAQUELE MOMENTO DA HISTÓRIA.//

[2:48 - 3:28 <https://www.youtube.com/watch?v=hUJTVfPviug>]

ESSE É DIEGO 157 / PEÇA IMPORTANTÍSSIMA NO QUEBRA CABEÇA DO RAP DE SALVADOR / E NA ÉPOCA MC DO GRUPO 157 NERVOSO.// O TERCEIRO ENCONTRO BAIANO DE HIP HOP FOI O ÚLTIMO ENCONTRO ESTADUAL NESSES MOLDES.// É NO MÍNIMO CURIOSO QUE MESMO COM A INTERNET E AS REDES SOCIAIS ESSE TIPO DE ATIVIDADE TÃO IMPORTANTE PARA A CENA LOCAL TENHA FICADO APENAS NA HISTÓRIA.// DEPOIS DOS ENCONTROS BAIANOS / ROLARAM ALGUMAS INICIATIVAS MAIS TERRITORIAIS COMO OS ENCONTROS REGIONAIS DE HIP HOP / EM POÇÕES...//

[3c]

O “TERCEIRO ENCONTRO ESTADUAL DE GÊNERO E HIP HOP” FOI SEDIADO AQUI EM LAURO DE FREITAS / EM 2005 / E TAMBÉM CONTA COM REGISTRO EM VÍDEO NO YOUTUBE.//

SEM DÚVIDAS / O MAIOR LEGADO DESSES ENCONTROS FOI A PERCEPÇÃO DE QUE O HIP HOP BAIANO NÃO SE RESUME E NEM PODE SER RESUMIDO A SALVADOR.// ESPERO QUE EU CONSIGA COM O REG DE RAP CONTAR TAMBÉM AS HISTÓRIAS DO INTERIOR DA BAHIA NUM FUTURO / E QUE ESSE FUTURO NÃO DEMORE.// PRA ISSO / EU PRECISO QUE VOCÊ ME INCENTIVE COMPARTILHANDO ESSE TRABALHO COM O MÁXIMO DE PESSOAS QUE PUDER E ENGAJANDO NAS REDES SOCIAIS / O @REGDERAP.// MAS “VOLTAMOS A APRESENTAR” / FIM DO INTERVALO PORQUE Ô ANOS 2000 CHEIO DE COISA VIU...//

[transição]

UM OUTRO LEGADO DEIXADO PELOS ENCONTROS FOI A CONSCIÊNCIA DA NECESSIDADE DE SE PENSAR O RAP ENQUANTO TRABALHO.// E AQUI EU TÔ FALANDO DE LEVAR A SÉRIO A PRÁTICA DO RAP / PROFSSIONALIZAR AS APRESENTAÇÕES / DESENVOLVER PRODUTOS PARA ALÉM DAS MÚSICAS / MAS

TAMBÉM DE SE IMPOR E EXIGIR CACHÊS NAS APRESENTAÇÕES.// POIS É / MENINO / ESSA HISTÓRIA DE CHAMAR O GRUPO DE RAP OU O MC PRA TOCAR DE GRAÇA / TOCAR PELA CAUSA / TAMBÉM É MAIS VELHA QUE ANDAR PRA FRENTE.// É CLARO QUE NÃO ESTOU ME REFERINDO AOS EVENTOS COMUNITÁRIOS OU BENEFICENTES / MAS AOS CONTRATANTES MESMO / QUE CHAMA A GENTE PRA TOCAR EM TROCA DE ÁGUA E DIVULGAÇÃO.//

NESSE SENTIDO / O GRUPO SIMPLES RAP'ORTAGEM PROMOVEU EM 2006 UMA CAMPANHA CHAMADA "CADÊ O CACHÊ" / PARA INCENTIVAR QUE ARTISTAS DEIXASSEM DE ACEITAR ESSE TIPO DE CONVITE E QUE OS CONTRATANTES PEGASSEM A VISÃO DELES.//

UMA OUTRA ATIVIDADE VOLTADA A ESSA NOÇÃO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO RAP ACONTECEU TAMBÉM EM 2006 / QUANDO O MOVIMENTO HIP HOP BAIANO COMEMORAVA 10 ANOS DE ATUAÇÃO.//

[4B]

É ATÉ ENGRAÇADO PERCEBER COMO ESSE TEMA CONTINUA TÃO ATUAL E GERANDO TANTAS DÚVIDAS.// APROVEITO PRA RECOMENDAR O INSTAGRAM DA ENTRELAÇO COMUNICAÇÃO / QUE TRAZ UM CONTEÚDO MUITO EXPLICATIVO NESSE SENTIDO / ALÉM DE DAR DICAS DE MARKETING VOLTADAS PARA O CENÁRIO MUSICAL.// SE VOCÊ É ARTISTA INDEPENDENTE / MÃE / PROCURE SABER.//

[transição blocos]

ENTRE 2000 E 2009 / A CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS / A CUFA / REALIZOU A MAIS IMPORTANTE PREMIAÇÃO DO HIP HOP BRASILEIRO / O PRÊMIO HUTÚZ / QUE ERA TIPO O OSCAR DO RAP.// A CUFA É RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE PELA SUA ATUAÇÃO EM TODO O BRASIL E POR EVENTOS COMO O PRÓPRIO HUTÚZ, O CINECUFA E A TAÇA DAS FAVELAS.// QUANDO TIVER COM UM TEMPINHO A MAIS / VALE A PENA DAR UMA PESQUISADA NO TRABALHO DELES.// UM DOS IDEALIZADORES DA CUFA É O RAPPER MV BILL / QUE ABRIU ESSE EPISÓDIO DO REG DE RAP.// TÁ TUDO INTERLIGADO / RAPAZ.//

MAS ASSIM COMO O OSCAR / O HUTÚZ TINHA SUAS INJUSTIÇAS.// A PRINCIPAL DELAS É QUE NAS CINCO PRIMEIRAS EDIÇÕES / APENAS UM GRUPO DO NORDESTE INTEIRO HAVIA VENCIDO ALGUMA CATEGORIA.// FOI EM 2003 / QUANDO O GRUPO MARANHENSE CLÃ NORDESTINO LEVOU A CATEGORIA REVELAÇÃO.//

E ASSIM COMO A GENTE NÃO TEM EXPECTATIVA DE UM FILME BRASILEIRO CONCORRER A "MELHOR FILME" NO OSCAR / OS ARTISTAS BAIANOS PARECIAM NÃO EXISTIR PARA O HUTÚZ.// ISSO COMEÇOU A CAUSAR INCÔMODO NÃO SÓ NA BAHIA / MAS EM TODO O NORDESTE E TAMBÉM NO NORTE DO PAÍS.// A SOLUÇÃO ENCONTRADA PELA ORGANIZAÇÃO DO PRÊMIO FOI CRIAR UMA ESPÉCIE DE CATEGORIA "MELHOR FILME ESTRANGEIRO".//

[6a]

AGRADANDO OU NÃO / A CATEGORIA NORTE-NORDESTE DO HUTÚZ FOI CRIADA EM 2004 / NA QUINTA EDIÇÃO DA PREMIAÇÃO.// DOIS GRUPOS BAIANOS CONCORRERAM NA OCASIÃO: JÚRI RACIONAL E TESTEMUNHAZ.// MAS A PREMIAÇÃO FOI PARA O “COMUNIDADE DA RIMA” / DO CEARÁ.//

NO ANO SEGUINTE / O GRUPO SOTEROPOLITANO AFROGUETO FOI INDICADO.//

[música afrogueto]

O AFROGUETO FOI UM DOS PRINCIPAIS GRUPOS DO RAP BA NA DÉCADA DE 2000 / LOTANDO SEUS SHOWS POR ONDE PASSAVA.// A FORMAÇÃO INICIAL CONTAVA COM DAGANJA, BUGUELO E GUGA / E MUITA GENTE BOA JÁ PASSOU PELO AFROGUETO / A EXEMPLO DO MC KIKO E DO DJ LEANDRO.// EM 2005 / O AFROGUETO TINHA ACABADO DE LANÇAR SEU PRIMEIRO E ÚNICO ÁLBUM DA CARREIRA / O “EXIJO RESPEITO”.// ESSE CLÁSSICO NÃO TAVA DISPONÍVEL NA INTERNET ATÉ POUCO TEMPO ATRÁS / QUANDO O SITE OGANPAZAN SUBIU A OBRA COMPLETA NO YOUTUBE.// FICA A DICA.//

NO HUTÚZ / O AFROGUETO CONCORREU A MELHOR GRUPO DO NORTE-NORDESTE COM OUTROS TRÊS GRUPOS: FACÇÃO OESTE / FLAGRANTE E JUSTICEIROS.// EU NÃO CONSEGUI ENCONTRAR DE QUAIS ESTADOS ELES ERAM.//

[sonora Kiko live 2 8:40-10:38 <https://www.instagram.com/tv/CC4o3O4lbFO/>]

entradas: (1) ESSE É MC KIKO / QUE NA ÉPOCA FAZIA PARTE DO AFROGUETO
(2) GUSTAVO É GUSTAVO BLACK ALIEN

ESSA ENTREVISTA DE MC KIKO FOI NUMA LIVE NO INSTAGRAM DO OGANPAZAN E TÁ DISPONÍVEL NA ÍNTEGRA LÁ NO IGTV.// ALÉM DESSA / ELE CONTOU OUTRAS HISTÓRIAS MUITO BOAS DO RAP BAIANO / UMA VERDADEIRA VOLTA NO TEMPO.//

A BAHIA VOLTARIA A CONCORRER NA CATEGORIA NORTE/NORDESTE EM 2008 / COM O GRUPO OQUADRO / DE ILHÉUS / QUE NÃO LEVOU.// A ÚLTIMA EDIÇÃO DO HUTÚZ ACONTECEU EM 2009.// O HUTÚZ ESTAVA COMEMORANDO 10 EDIÇÕES E AO INVÉS DE CELEBRAR OS MELHORES DO ANO / PREMIOU NAQUELA OCASIÃO OS MELHORES DA DÉCADA.// DOIS GRUPOS BAIANOS CONCORRERAM A MELHOR GRUPO NORTE/NORDESTE NA DÉCADA / AFROGUETO E TESTEMUNHAZ.// MAS MESMO COM TRÊS VENCEDORES PARA CADA CATEGORIA NA EDIÇÃO 10 DO HUTÚZ / OS PREMIADOS DA CATEGORIA NORTE NORDESTE FORAM TODOS DO CEARÁ: OS GRUPOS COMUNIDADE DA RIMA / E COSTA A COSTA E O RAPPER RAPADURA.//

[transição]

ASSIM COMO KOOL HERC / AFRIKA BAMBAATAA FOI UM IMPORTANTE DJ NA ORIGEM DO RAP / LÁ NOS ANOS 70.// ELE SEMPRE SE MOSTROU BASTANTE PREOCUPADO PRINCIPALMENTE COM A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA QUE ATINGIA OS GUETOS DOS ESTADOS UNIDOS NAQUELA ÉPOCA E ARRUINAVA AS VIDAS DE JOVENS NEGROS E LATINOS E DE SUAS FAMÍLIAS.// BAMBAATAA ERA TAMBÉM UM HOMEM À FRENTE DO SEU TEMPO.// ELE VIA NO HIP HOP UMA POTÊNCIA QUE NINGUÉM VIA AINDA NAQUELE MOMENTO.// PARA ALÉM DA MÚSICA / DA DANÇA E DO GRAFITTI / ELE ACREDITAVA NOS VALORES DAQUELA CULTURA / NA SUA FUNÇÃO POLÍTICA / NA CAPACIDADE DE ENCANTAR / MAS TAMBÉM DE EDUCAR ATRAVÉS DA ARTE.//

ELE BUSCAVA REFERÊNCIAS NO CONTINENTE AFRICANO E EM LIDERANÇAS NEGRAS AO REDOR DO MUNDO.// BAMBAATAA QUERIA QUE AS PESSOAS TAMBÉM ENXERGASSEM A MAGNITUDE DO HIP HOP E PRA ISSO DECIDIU CRIAR UMA ORGANIZAÇÃO.// ENTÃO / EM 12 DE NOVEMBRO DE 1973 / AFRIKA BAMBAATAA FUNDOU A ZULU NATION.//

ESSA ORGANIZAÇÃO ATÉ HOJE TEM COMO MISSÃO DIFUNDIR OS CONCEITOS DO HIP HOP MUNDO AFORA / COM BASE EM QUATRO PILARES: PAZ, UNIÃO, AMOR E DIVERSÃO.// JUSTAMENTE POR CONTA DE SUA ATUAÇÃO / BAMBAATAA É SEMPRE CITADO COMO ARGUMENTO POR QUEM DEFENDE A EXISTÊNCIA DO QUINTO ELEMENTO DO HIP HOP: O CONHECIMENTO.//

A ZULU NATION SE ESTABELECEU COMO A PRINCIPAL ORGANIZAÇÃO DO HIP HOP A NÍVEL MUNDIAL E / POR ISSO / ATUALMENTE SE CHAMA UNIVERSAL ZULU NATION.// A DATA DE SUA FUNDAÇÃO / 12 DE NOVEMBRO / É CONSIDERADA O DIA MUNDIAL DO HIP HOP.//

“TÁ / MAS SALVADOR ENTRA EM QUÊ NESSA ONDA AÍ?” / VOCÊ ME PERGUNTA.// E EU TE RESPONDO.// EM 2004 / A REDE AIYÊ REALIZOU UMA SESSÃO ESPECIAL NA CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR ONDE FORAM DISCUTIDAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE NEGRA DA CIDADE.// NO FIM DO EVENTO / O ATIVISTA PERNAMBUCANO NINO BROWN / REPRESENTANTE DA ZULU NATION NO BRASIL PEDIU A PALAVRA NO MICROFONE.// E AÍ JORGE HILTON VAI TE CONTAR O QUE ACONTECEU NESSA HORA.//

[7A]

NA PRIMEIRA VEZ EM QUE TAVA TUDO CERTO PRA BAMBAATAA VIR A SALVADOR / EM 2009 / ELE APRESENTOU PROBLEMAS DE SAÚDE E PRECISOU CANCELAR.// FICOU PRO ANO SEGUINTE.//

[bambaataa em salvador <https://www.youtube.com/watch?v=CgZcwdQST20>]
NA NOITE DE 16 DE ABRIL DE 2010 / UMA SEXTA-FEIRA / O LARGO PEDRO ARCHANJO / NO PELOURINHO / ESTEVE LOTADO PARA OUVIR A PALESTRA DO DJ AFRIKA BAMBAATAA E DE JORGE HILTON.// O EVENTO TEVE ENTRADA FRANCA E CONTOU COM TRANSMISSÃO DA RÁDIO EDUCADORA.// DEPOIS DA PALESTRA / É CLARO / SHOWS DO SIMPLES RAP'ORTAGEM E DE AFRIKA BAMBAATAA.// TAMBÉM HOVE DISCOTECAGEM COM O DJ BANDIDO.//

UM BELO CARTÃO DE VISITAS DOS ANOS 2010 / TEMA DO PRÓXIMO EPISÓDIO DO REG DE RAP, O ÚLTIMO DESSA PRIMEIRA TEMPORADA.//

[transição]

NO EPISÓDIO SEGUINTE A GENTE VAI VER COMO O RAP DE SALVADOR E REGIÃO COSTUMA LANÇAR TENDÊNCIAS.// COMO EU SOU ANSIOSO / VOU TER QUE DAR SÓ UM SPOILERZINHO AQUI E APROVEITAR PRA DAR UMA ALFINETADA.// TEM GENTE ARROTANDO AÍ QUE FOI O PIONEIRO NO TRAP / MAS NOMES COMO VANDAL E MAKONNEN TAFARI JÁ EXPERIMENTAVAM ISSO LÁ PRAS BANDAS DE 2010 / 2011.//

OUTRA TENDÊNCIA É O TRAPAGODÃO / SUBGÊNERO QUE FAZ MUITO SUCESSO ATUALMENTE.// A VERDADE É QUE QUEM PRIMEIRO EXPERIMENTOU A MISTURA DO RAP COM O PAGODE BAIANO FOI O MC E BEATMAKER CALIBRE / COM QUEM TENHO A HONRA DE CONTAR NA PRODUÇÃO DOS MEUS BEATS ATUALMENTE.// AINDA LÁ EM 2009 / UM VISIONÁRIO CALIBRE BATIZOU O QUE HOJE A GENTE CHAMA DE TRAPAGODÃO DE BATFUN BEAT.//

[bAHIA MEIO DIA <https://www.youtube.com/watch?v=wf-nFxJIVQ0&t=1s>]

O PAGODE BAIANO TEM GRANDE INFLUÊNCIA NO RAP FEITO POR AQUI.// E NÃO É QUE O RAP TAMBÉM JÁ EMPRESTOU REFERÊNCIAS AO PAGODÃO?.// COMO BOM PAGODEIRO / TENHO A OBRIGAÇÃO MORAL DE COMPARTILHAR ESSAS INFORMAÇÕES.// MEUS AMIGOS / O PRIMEIRO CD DA BANDA LEVA NÓIZ / DA QUAL EU SOU MUITO FÃ ATÉ HOJE / JÁ COMEÇA COM UM SCRATCH DE DJ E DEPOIS ENTRA NADA MAIS NADA MENOS QUE UM TRAPZÃO.// AH / O CD É DE 2007.//

[<https://www.youtube.com/watch?v=HrTfiKe87l8>]

OUTRA BANDA DE PAGODÃO QUE USAVA VÁRIAS REFERÊNCIAS DE RAP / PRINCIPALMENTE NAS LETRAS / ERA A FANTASMÃO.// NAS MÚSICAS / EDCITY EXALTAVA A NEGRITUDE E PASSAVA MENSAGENS DE CONSCIENTIZAÇÃO / PAUTAS NÃO MUITO COMUNS NO RITMO DANÇANTE DO PAGODE BAIANO.// AS MÚSICAS DO CD “PLURALIDADE” / LANÇADO EM 2008 / PODERIAM FACILMENTE SER CANTADAS EM BASES DE RAP OU USADAS EM ESCOLAS.//

[sou da ralé: mas não esqueça... - conceito: sou filho de preto, quero respeito]

[transição bg final]

NESSÉ EPISÓDIO EU EVITEI CITAR GRUPOS QUE NÃO ESTIVESSEM DIRETAMENTE ENVOLVIDOS NAS HISTÓRIAS / PARA EVITAR COMETER INJUSTIÇAS OU ACABAR ESQUECENDO DE ALGUÉM.// COMO EU DISSE NO COMEÇO / OS ANOS 2000 FORAM UMA DÉCADA BEM MOVIMENTADA NO RAP DE SALVADOR E REGIÃO.// MAS CALMA QUE EU NÃO VOU TE DEIXAR NA MÃO.// EXISTE UMA COLETÂNEA NO YOUTUBE / COM O TÍTULO “COLETÂNEA RAP BAIANO” / COM 28 MÚSICAS / TODAS DE ANTES DE

2009.// DÁ PRA TER UMA BOA NOÇÃO DO QUE ROLAVA POR AQUI NAS MAIS DE DUAS HORAS DE PANCADA NO OUVIDO.//

FALANDO EM HORAS / ESSE EPISÓDIO LEVOU 92 HORAS PARA FICAR PRONTO / DA PESQUISA ATÉ O FINAL DA EDIÇÃO / LEMBRANDO QUE FAÇO TUDO SOZINHO.// AGORA ME RESPONDA: CUSTA ALGUMA COISA VOCÊ MARCAR AS PESSOAS NO INSTAGRAM E MANDAR PRO POVO OUVIR?//

AH SIM / O FEEDBACK É MUITO IMPORTANTE / PRINCIPALMENTE NESSE MOMENTO INICIAL.// PODE ME MANDAR MENSAGEM NO @REGDERAP / R-E-G / NAS MÍDIAS SOCIAIS OU NO MEU PERFIL PESSOAL MESMO / @WALLCARDOZO.// EU PROMETO QUE SOU MUITO TRANQUILO E A GENTE VAI TROCAR ESSA IDEIA.// RESPONDA LÁ QUAIS GRUPOS VOCÊ ACHA QUE GANHARIA O PRÊMIO HUTÚZ SE ELE AINDA EXISTISSE ATUALMENTE.// EU QUERO OUVIR O QUE VOCÊ TEM A DIZER / SÓ NÃO TE DOU MEU ZAP AQUI AGORA PORQUE VOCÊ NÃO ME PEDIU.//

ANTES DE ENCERRAR / APROVEITO PRA MAIS UMA VEZ AGRADECER A JORGE HILTON / QUE FOI DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA PRA ESSES DOIS EPISÓDIOS.// RECOMENDO FORTEMENTE O LIVRO DELE / “BAHIA COM H DE HIP HOP” / SE VOCÊ QUISER AINDA MAIS REFERÊNCIAS DA HISTÓRIA DO RAP BAIANO.//

VOLTO DE HOJE A QUINZE PRA ENCERRAR A TEMPORADA.// VOU DEIXAR VOCÊS EM BOA COMPANHIA / COM A RAPAZEADA DA BAIXA FRIA / O RBF / EM UMA DAS MINHAS MÚSICAS PREFERIDAS DA DÉCADA DE 2000 / CABELO DA DESGRAÇA.// TÔ CAINDO FORA.// SOU BLACKÃO...//

Episódio 3

Anos 2010: o pioneirismo do rapBA, bancas e batalhas (parte 1)

[bg]

ESSE É O EPISÓDIO PELO QUAL EU NÃO AGUENTAVA MAIS ESPERAR A HORA DE LANÇAR.// E EU CONFESSO PRA VOCÊ QUE FIQUEI COM UMA PULGA ATRÁS DA ORELHA PORQUE OS ANOS 2010 NÃO SÃO EXATAMENTE DISTANTES NÉ?// AÍ EU FIQUEI ME PERGUNTANDO: EU FAÇO UMA RETROSPECTIVA? UMA LISTA?// BOM, EU NÃO SEI O NOME DO QUE EU FIZ MAS TÁ AÍ.// ANTES DE COMEÇAR: EU TENHO UMA NOTÍCIA RUIM E UMA BOA.// A RUIM É QUE ESSE É O ÚLTIMO EPISÓDIO DA TEMPORADA.// A PARTE BOA É QUE COM TANTA COISA EU PRECISEI DIVIDIR EM DUAS PARTES / ENTÃO DE HOJE A QUINZE TEM A CONTINUAÇÃO.// NEM TEVE GRAÇA ESSE SUSPENSE DA NOTÍCIA RUIM E NOTÍCIA BOA NÉ? TÁ AÍ NO TÍTULO DO EPISÓDIO ESCRITO: “PARTE 1”.// FOI MAL / NÃO DÁ PRA ACERTAR SEMPRE.// SIMBORA!//

[sobe som bg]

[desce som] 🎵

AQUI / CONTANDO UM POUCO DO QUE ROLOU NOS ANOS 2010 / FINALMENTE EU VOU PODER FALAR DE COISAS QUE EU PRESENCIEI.// NOS EPISÓDIOS ANTERIORES / O DOS ANOS 1990 E O DOS ANOS 2000 / EU RELATEI HISTÓRIAS QUE EU CONHECI ATRAVÉS DE MUITA PESQUISA / MUITA ENTREVISTA / MUITAS HORAS

ASSISTINDO DOCUMENTÁRIO / OUVINDO DISCOS E BUSCANDO COISA NA INTERNET.// AGORA DÁ LICENÇA QUE É O MEU MOMENTO.// EU SOU WALL CARDOZO E VOU TE CONTAR >>UMA PARTE<< DO QUE ACONTECEU NESSA ÚLTIMA DÉCADA NO RAP AQUI EM SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA.// O ÚNICO LUGAR DO MUNDO ONDE VOCÊ PODE DIZER QUE FOI NUM REG DE RAP.//

[transição]

É / EU FIZ QUESTÃO DE DEIXAR CLARO / JÁ NO INÍCIO / QUE ESSE EPISÓDIO VAI TRATAR DE APENAS UMA PARTE DO QUE ROLOU.// PENSE COMIGO: SE NOS ANOS 1990 / SEM INTERNET / JÁ ACONTECEU TANTA COISA...// AÍ VEIO A DÉCADA DE 2000 / COM A INTERNET ENGATINHANDO / E JÁ TEVE O DOBRO DE MOVIMENTAÇÃO NA CENA.// IMAGINE NA DÉCADA DE 2010 / PAI.// A NOVA GERAÇÃO QUE JÁ NASCEU MEXENDO NO COMPUTADOR TAVA FICANDO GRANDINHA CHEGANDO COM TUDO / E VAMOS COMBINAR QUE O RAP JÁ NÃO ERA MAIS UMA NOVIDADE.//

A MINHA HISTÓRIA COM O RAP COMEÇA LÁ EM 2012.// CONFESSO PRA VOCÊ QUE EU NÃO ERA MUITO CHEGADO COM ESSE NEGÓCIO DE RAP NÃO...// NA VERDADE / EU OUVIA MARCELO D2 O DIA TODO / MAS EU NÃO SABIA QUE AQUILO ERA RAP.// BOM, O FATO É QUE EM 2012 EU ENTREI NO IFBA PRA CURSAR O ENSINO MÉDIO / E LÁ CONHECI LUCAS E WESLEY.// LUCAS / SIM / JÁ ERA FÃ DO GÊNERO E EU LEMBRO QUE NA ÉPOCA ELE ESCUTAVA BASTANTE CONE CREW DIRETORIA / SABOTAGE E EMICIDA.// AOS POUCOS ELE FOI ME CONVERTENDO AO RAP E QUANDO EU FUI VER / EU, ELE E WESLEY FORMAMOS / EM 2013 / O GRUPO WWL RAP.// AÍ NÃO TEVE JEITO NÉ / EU TIVE QUE PROCURAR ME ENTURMAR E LUCAS COMEÇOU A ME LEVAR NOS EVENTOS DE RAP DE SALVADOR.// EU LEMBRO TAMBÉM QUE ESSA ERA UMA ÉPOCA MUITO MOVIMENTADA NA CENA.// NÃO TINHA UM FINAL DE SEMANA QUE NÃO ROLASSE PELO MENOS UM EVENTO DE RAP NUM DOS LARGOS DO PELOURINHO.// NESSA, EU FUI COMEÇANDO A FICAR SOLTINHO E DALI A POUCO EU JÁ TAVA INDO ERA SOZINHO PROS EVENTOS / QUANDO LUCAS NÃO PODIA IR.//

SIM, WALL, MAS VOCÊ FEZ UM EPISÓDIO PRA CONTAR A SUA HISTÓRIA, FOI? NÃO, RAPAZ.// CALMA QUE EU Tô CHEGANDO ONDE EU QUERO.// É QUE EU LEMBRO QUE NO FINZINHO DO ÚLTIMO EPISÓDIO EU FALEI SOBRE O PIONEIRISMO DO TRAP AQUI NA BAHIA COM VANDAL, COM MAKONNEN TAFARI... E AÍ PRA ESSE EPISÓDIO AQUI EU TENTEI RESGATAR NA MEMÓRIA QUAL ERA A MINHA LEMBRANÇA MAIS DISTANTE DESSA ONDA DE TRAP POR AQUI.// FOI AÍ QUE EU LEMBREI QUE FOI NUM DESSES EVENTOS, JÁ EM 2014.// ERA UMA EDIÇÃO DO CABEÇA CARA / UMA BATALHA DE MC'S QUE ROLAVA NO CAMPO DA PÓLVORA / MAS NESSE DIA ROLOU NO LARGO QUINCAS BERRO D'ÁGUA / LÁ NO PELÔ.// EU TAVA LÁ E UM BROTHER CHEGOU EM MIM VENDENDO O CD DELE.// EU JÁ IA FALAR QUE NÃO TINHA DINHEIRO / QUANDO ELE DISSE QUE CUSTAVA DOIS REAIS.// DOIS REAIS EU TINHA / AÍ EU COMPREI NÉ.// ESSE BROTHER ERA O MC ZIDANE / E O NOME DAQUELA MIXTAPE ERA TRAP.// NESSA OBRA, ELE RESSIGNIFICOU A PALAVRA PARA UMA SIGLA QUE SIGNIFICA "TRABALHO, RESPEITO, ATITUDE E PODER".//

[zidane intro]

ESSE FOI O MEU PRIMEIRO CONTATO COM O TRAP / MAS VOCÊ JÁ SABE QUE ESSA NÃO ERA A PRIMEIRA OBRA DO SUBGÊNERO POR AQUI NÉ.// COMO EU DISSE / NOMES COMO MAKONNEN TAFARI JÁ ESTUDAVAM E SE ARRISCAVAM NESSA NOVIDADE AINDA NA DÉCADA ANTERIOR.// NÃO PRECISO NEM FALAR O QUE EU FIZ NÉ?// TÁ BOM / VOU FALAR.// ABRI MEU ZAP E CHAMEI MAKONNEN.//

[makonnen 1a]

MAKONNEN TAFARI É CANTOR / COMPOSITOR E EMPREENDEDOR.// E NÃO É DE HOJE NÃO VIU...//

[makonnen 1b]

FATO É FATO MESMO / E CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS.//

[makonnen 2a]

ESSA É UMA TECLA EM QUE EU SEMPRE BATO TAMBÉM E O PRÓPRIO REG DE RAP SURGE DESSE MEU INCÔMODO NÉ.// ESSAS HISTÓRIAS PRECISAM SER CONTADAS DA FORMA QUE ACONTECERAM.// ESSAS PESSOAS QUE VIERAM ANTES NA CENA / QUANDO TUDO ERA MUITO MAIS DIFÍCIL / VALE REGISTRAR / PRECISAM SER REVERENCIADAS COM O RESPEITO QUE MERECEM.// UMA DESSAS PESSOAS PIONEIRAS / MAKONNEN ATÉ CITOU / FOI VANDAL.// [bem humorado] EU ATÉ TENTEI ACIONAR ELE NO ZAP TAMBÉM E PERAI QUE EU CONTO O QUE ACONTECEU.// ANTES, DEIXA MAKONNEN SE DESPEDIR DA GENTE.// IRMÃO, MUITO OBRIGADO E VOLTE SEMPRE AQUI NO REG.// SE QUISE DEIXAR ALGUM RECADO FINAL / O ESPAÇO É SEU / MAS NÃO DEMORE MUITO NÃO QUE EU AINDA TENHO MUITA COISA PRA FALAR.//

[makonnen 3a]

TAMO JUNTO, MEU PIVETE.// SIM, RAPAZ / EU TENTEI TRAZER O DEPOIMENTO DE VANDAL AQUI / MAS DESSA VEZ ACABOU NÃO ROLANDO POR MOTIVOS DE FORÇA MAIOR.//

[áudio VANDAL zap 22/8]

AÍ DEPOIS QUANDO EU TENTEI DE NOVO JÁ ERA TARDE DEMAIS...// MAS EU NÃO FIQUEI TRISTE NÃO / FIQUEI FOI CURIOSO COM O QUE ESTÁ POR VIR...//

[áudio Vandal zap 8/9]

FIQUE DE BOA HOMI / NÃO VAI FALTAR OPORTUNIDADE PRA VOCÊ COLAR AQUI NO REG.// VANDAL É HOJE UM DOS PRINCIPAIS NOMES DO RAP NACIONAL.// E COMO DIRIA A PIADINHA / ELE TAMBÉM NÃO TÁ NA PISTA DE HOJE NÃO VIU.// É DE

HOOOJE.// NASCIDO E CRIADO NO BAIRRO DA CIDADE NOVA / VANDAL COMEÇOU
 ESCREVENDO... ADIVINHA? PAGODÃO, PAI.//
 MAIS TARDE / AO LADO DE RUSSO PASSAPUSSO / VANDAL INTEGROU O
 MINISTEREO PÚBLICO.//

[jornal “ministério público da bahia” <https://www.youtube.com/watch?v=51rCCM9w61A>]

EU NÃO TÔ MALUCO NÃO / OUÇA COM CALMA.// MINI-STEREO PÚBLICO / UM
 GRUPO DE SOUNDSYSTEM DE SSA.// A PROPÓSITO / NO MINISTEREO VANDAL JÁ
 DAVA SINAIS DE SUA VISÃO E DE SUA OUSADIA ENQUANTO ARTISTA.// EM UMA
 MIXTAPE LÁ DE 2007 / CHAMADA FAYAKA STEPPAZ / ELE GRAVOU UM GRIME /
 SEGUNDO ELE O PRIMEIRO GRIME GRAVADO NO BRASIL.//

A GRANDE VERDADE É QUE DA MÚSICA À SUA FORMA PECULIAR DE ESCREVER /
 DE SE VESTIR... A CARREIRA DE VANDAL SEMPRE ESTEVE MARCADA PELO
 PIONEIRISMO.//

-tipolazvegazh [<https://www.youtube.com/watch?v=vXLsik3ypOI> 11:20-12]

E FOI PESQUISANDO QUE EU ENCONTREI ESSA ENTREVISTA AÍ DE VANDAL PRA
 RAPT TV / MAS TAMBÉM DESCOBRI FINALMENTE QUE A MÚSICA HEADSHOTH /
 LANÇADA POR NO INÍCIO DE 2018 / NA VERDADE SE TRATAVA DE UM
 RELANÇAMENTO.//

[headshoth]

EU SEMPRE FICAVA COM A IMPRESSÃO DE QUE CONHECIA ESSA MÚSICA DE
 ALGUM LUGAR / E NA PESQUISA PRA ESSE EPISÓDIO DO REG / EU ME
 REENCONTREI COM A PRIMEIRA VERSÃO DA FAIXA.// ELA TAVA ESCONDIDINHA
 SABE ONDE?// LÁ NA MIXTAPE TRAP DE ZIDANE.// É A MÚSICA DE NÚMERO 12 /
 CHAMADA “TAMU JOGANDO” / EM QUE VANDAL FEZ PARTICIPAÇÃO.//

[zidane - tamu jogando part. vandal]

[bg tipo laz vegazh]

ALÉM DO SUCESSO INDISCUTÍVEL DA MIXTAPE TIPO LAZVEGAZH / DE 2015 /
 VANDAL GANHOU UM GRAMMY LATINO JUNTO COM O BAIANASYSTEM / DE SEU
 AMIGO RUSSO PASSAPUSSO / GRAÇAS AO ÁLBUM “O FUTURO NÃO DEMORA” / DE
 2019 / ONDE ELE CANTA NA FAIXA “CERTOPELOCERTO” // COINCIDENTEMENTE OU
 NÃO / A CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO DO GRAMMY FOI NO MGM GARDEN ARENA /
 QUE FICA EM... LAS VEGAS.//

MAS ANTES DE TUDO ISSO / VANDAL TAMBÉM FOI INTEGRANTE DA BANCA MAIS
 PESADA DO RAP SOTEROPOLITANO.//

[transição ugangue nova era - na disposição]

É A UNIÃO DO GUETO!! A FAMÍLIA UGANGUE É UMA BANCA QUE REUNIU OS CABEÇA CARA DO RAP SOTEROPOLITANO.// ELES COMEÇARAM PRODUZINDO E APOIANDO EVENTOS / ATÉ QUE MONTARAM UM ESTÚDIO E COMEÇARAM A GRAVAR E LANÇAR AS SUAS PRÓPRIAS MÚSICAS.// NO CANAL DA UGANGUE NO YOUTUBE / ELES REALIZARAM UMA SÉRIE DE VÍDEOS / A CAIXA DE LIXO / PARA LANÇAR AS MÚSICAS DOS MC'S DO COLETIVO / SEMPRE COM O ARTISTA CANTANDO NO MICROFONE E O BONDE ATRÁS NO PESO.// NESSA SÉRIE / FORAM LANÇADOS SUCESSOS COMO A MÚSICA SALCITY / DE VANDAL / E O SINGLE NA MADRUGA / DO GRUPO NOVA ERA / ALÉM DO HINO "NA DISPOSIÇÃO" / QUE TÁ TOCANDO AÍ NO FUNDO.//

[sobe som na disposição]

[desce som]

PRA VOCÊ TER IDEIA DO PESO E DA RELEVÂNCIA DESSA BANCA / FAZEM OU FIZERAM PARTE DA FAMÍLIA UGANGUE ARTISTAS COMO VANDAL / DIMAK / DAGANJA / MOBBIU / GALF AC / CDOZE E MC KIKO / E OS GRUPOS SACA SÓ E NOVA ERA.//

NO ANO DE 2014 / ELES LANÇARAM A PRIMEIRA COLETÂNEA DA BANCA / INTITULADA "RÁDIO UGANGUE VOLUME 1" / COM 15 FAIXAS ENTRE INÉDITAS E SUCESSOS JÁ CONHECIDOS.// ACHO QUE TIRANDO "NA DISPOSIÇÃO" / A MÚSICA QUE EU MAIS OUVI DESSE ÁLBUM É "BOLA DE NEVE" / DO GRUPO SACA SÓ JUNTO COM RAVI / DO NOVA ERA.//

[bola de neve]

ALÉM DA VERSÃO DIGITAL / FORAM DISTRIBUÍDAS CINCO MIL CÓPIAS FÍSICAS DA COLETÂNEA.// EU NÃO FUI UM DOS SORTUDOS MAS A CAIXA POSTAL DO REG DE RAP ACEITA DOAÇÕES DE CORAÇÃO ABERTO.//

NO ANO SEGUINTE / ELES REPETIRAM A DOSE E SOLTARAM MAIS 16 SONS NA "RÁDIO UGANGUE VOLUME 2".// NESSA LEVA AÍ VEIO "SALVADOR TÁ ESCALDADO" / TEVE "BALA E FOGO" / TEVE "INTRO" / TEVE "RUAS FRIAS"... ENFIM.// O DEVER DE CASA QUANDO TERMINAR O EPISÓDIO / VOCÊ JÁ SABE NÉ?//

DE UM TEMPO PRA CÁ / OS GRUPOS E MC'S INTEGRANTES DA FAMÍLIA UGANGUE FOCARAM EM SEUS TRABALHOS INDIVIDUAIS / MAS DIZEM AS BOAS LÍNGUAS QUE TEM COISA BOA POR VIR AÍ.// SÓ NOS RESTA AGUARDAR.//

[transição/respiro]

ESSA ONDA DAS COLETÂNEAS ERA MUITO INTERESSANTE PORQUE DAVA PRA PERCEBER O QUANTO O RAPBA É VERSÁTIL.// DENTRO DA MESMA OBRA OS ARTISTAS VARIAVAM DO BOOMBAP AO TRAP COM INFLUÊNCIAS DA MÚSICA JAMAICANA / DA MÚSICA BAIANA / DO ROCK...//

ASSIM COMO A UGANGUE / OUTROS RAPPERS E GRUPOS DE RAP SE UNIAM COM O INTUITO DE SE FORTALECER / MONTAVAM SEUS HOME STUDIOS E FORMAVAM OUTRAS BANCAS.// UM EXEMPLO DESSE MESMO PERÍODO FOI A FRATERNIDADE MAUS ELEMENTOS / QUE TINHA NOMES COMO DIEGO 157 / ODDISH / LUCAS KINTÊ / VICTOR HAGGAR / TIAGO NEGÃO E POR AÍ VAI.// SE VOCÊ QUISE FICAR COM O SAMPLE DA MÚSICA “HOLY ARE YOU” NA SUA CABEÇA DURANTE SEMANAS / RECOMENDO CONFERIR NO YOUTUBE A FAIXA F.E.R.A.//

[maus elementos - f.e.r.a]

OS COLETIVOS DE RAP MOVIMENTAVAM DE FATO A CENA DO RAP BA.// TEVE O RIMA MINA / QUE ERA UM COLETIVO SÓ DE MULHERES ARTISTAS / O UNDERISMO / ESSE BEM MAIS RECENTE...// MAS TEVE TAMBÉM O NACALADA / DO MEU PARCEIRO DACTES.// ACHO QUE POUQUÍSSIMOS MC'S DESSA ÉPOCA NÃO PASSARAM EM ALGUM MOMENTO NO ESTÚDIO DO NACALADA / QUE ERA LÁ NA SUBURBANA / E DEPOIS SE MUDOU PRA BROTA / PRA GRAVAR PELO MENOS UMA FAIXA.// OS EP'S TINHA QUE SER PRETO / DO MEU GRUPO / O WWL RAP / E O ROXO GG DE ÁUREA SEMISERIA / POR EXEMPLO / FORAM GRAVADOS LÁ NO NACALADA REC.//

AINDA NO ASSUNTO DE GRAVAÇÕES / EU GOSTARIA DE FAZER UMA MENÇÃO HONROSA VOLTANDO LÁ NO TÓPICO DAS COLETÂNEAS.// TEVE UMA / LANÇADA EM 2016 PELA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA REAJA / QUE VALE A PENA DAR UMA CONFERIDA TAMBÉM.// TÁ LÁ NO YOUTUBE.//

FALANDO EM COISA BOA / BOA PARTE DOS COLETIVOS / ALÉM DESSE CORRE DE GRAVAÇÃO E GERENCIAMENTO DAS CARREIRAS DOS ARTISTAS / REALIZAVAM SEUS PRÓPRIOS EVENTOS.// UM DOS QUE ROLAVAM ERA O UGANGUE INVADIR / QUE JÁ TROUXE PRA SALVADOR NOMES COMO DBS GORDÃO CHEFE / NEGO GALLO E NOCIVO SHOMON.//

RAPAZ, NESSE TEMPO AÍ / QUE NÃO VOLTA MAIS / SÓ PASSAVA O FIM DE SEMANA EM SALVADOR SEM IR PRA UM EVENTO DE RAP QUEM QUISESSE...// E O QUE TAVA COMEÇANDO A VIRAR FEBRE NAQUELE MOMENTO ERA AS BATALHAS DE MC'S.//

[transição]

PRA QUEM JÁ É FAMILIARIZADO COM O MEIO DO RAP / AS BATALHAS DE MC'S JÁ SÃO UM ROLÉ MEIO QUE AUTOEXPLICATIVO / MAS EU SEI QUE MUITA GENTE OLHANDO DE FORA NÃO CONSEGUE ENTENDER DIREITO O QUE TÁ ROLANDO ALI / COMO FUNCIONAM AS REGRAS / ENTÃO VAMOS DAR UMA REVISADA BÁSICA.//

AS BATALHAS SÃO EVENTOS ONDE MC'S DUELAM ENTRE SI ATRAVÉS DE RIMAS QUE DEVEM SER IMPROVISADAS ALI NA HORA.// EXISTEM ALGUMAS VARIAÇÕES.//

POR EXEMPLO / ESSAS BATALHAS PODEM SER INDIVIDUAIS / EM DUPLA OU EM TRIO.// O MÁXIMO QUE EU JÁ VI FOI EM TRIO / MAS PODE SER QUE EXISTAM MODALIDADES COM EQUIPES MAIORES EM ALGUM LUGAR.//

A RESPEITO DAS MODALIDADES / AS DUAS PRINCIPAIS SÃO AS DE SANGUE E AS DE CONHECIMENTO.// A BATALHA DE SANGUE É A MAIS POPULAR.// NESSE TIPO DE COMBATE / OS MC'S USAM A CRIATIVIDADE PARA ATACAR PESSOALMENTE O Oponente.// EM GERAL / OS ARGUMENTOS MAIS COMUNS SÃO EM RELAÇÃO À HABILIDADE DO ADVERSÁRIO COM A RIMA / MAS O USO DE ELEMENTOS DA VESTIMENTA OU ALGUMA CARACTERÍSTICA ESPECÍFICA DO OUTRO MC NA HORA DE BOLAR A RIMA TAMBÉM VALE.//

A OUTRA MODALIDADE É A BATALHA DE CONHECIMENTO.// ESSA É UM POUCO MENOS COMUM MAS VEM GANHANDO MAIS FORÇA NOS ÚLTIMOS ANOS.// CRIADA POR MC MARECHAL / NO RIO DE JANEIRO / A BATALHA DO CONHECIMENTO PROPÕE QUE OS MC'S IMPROVISEM A RESPEITO DE UM DETERMINADO TEMA / SEM ATAQUES PESSOAIS.// VENCE QUEM CONSEGUIR DESENVOLVER MELHOR AS IDEIAS NO ASSUNTO PROPOSTO.//

NORMALMENTE / EXISTEM DOIS JURADOS PARA DECIDIR QUEM VENCEU A BATALHA / E O TERCEIRO VOTO É DA PLATEIA ATRAVÉS DE GRITOS PARA UM E DEPOIS PARA O OUTRO MC.// MAS VALE RESSALTAR QUE NENHUMA DESSAS REGRAS É ABSOLUTA E CADA BATALHA CONSTRÓI O REGULAMENTO QUE MELHOR FUNCIONA NO ROLÉ.// EXISTEM BATALHAS QUE TÊM TRÊS JURADOS E NÃO TEM VOTO DA PLATEIA / OUTRAS QUE NÃO TEM JURADO E SÓ A PLATEIA DECIDE.// ENFIM, TUDO É VARIÁVEL.//
ASSIM COMO O FORMATO DOS DUELOS.// NO FORMATO 45 / IMAGINE O SEGUINTE.// TEMOS O MC A / E O MC B.// ELES BATEM PAR OU ÍMPAR / OU JOGAM UM CARA OU COROA / JOQUEMPÔ / QUALQUER COISA QUE DÊ PRA DECIDIR NA SORTE QUEM COMEÇA E QUEM RESPONDE.// NO NOSSO CASO HIPOTÉTICO O MC A VAI COMEÇAR RIMANDO.// ELE RIMA DURANTE 45 SEGUNDOS.//

[tic tac tempo/despertador]

AGORA É A VEZ DO MC B / QUE TEM OS MESMOS 45 SEGUNDOS PARA RESPONDER.// QUANDO O MC B TERMINA DE RESPONDER / O PRIMEIRO ROUND É COMPLETADO.// NO SEGUNDO ROUND / É A VEZ DE O MC B ATACAR E O MC A RESPONDE.// APÓS OS DOIS ROUNDS / A BATALHA CHEGA AO FIM E VAI PARA A VOTAÇÃO / ONDE UM DOS DOIS É CONSIDERADO O VENCEDOR.// EM CASO DE EMPATE / É REALIZADO UM TERCEIRO ROUND / A RODADA DE DESEMPATE.//

JÁ NO FORMATO BATE-VOLTA / QUE É O MEU PREFERIDO / NÃO TEM MUITO TEMPO PRA PENSAR NÃO / O NOME É AUTO EXPLICATIVO.// O MC MANDA DOIS VERSOS / O ADVERSÁRIO RESPONDE COM OUTROS DOIS / AÍ VEM A TRÉPLICA E POR AÍ VAI.//

[respiro]

COM A INTERNET / AS BATALHAS DE MC VIRARAM UM VERDADEIRO FENÔMENO NACIONAL AO LONGO DESSA DÉCADA / TENDO REVELADO GRANDES ARTISTAS PARA O CENÁRIO DO RAP.//

EU MESMO FUI UM DOS FUNDADORES E FIZ PARTE DA ORGANIZAÇÃO DURANTE UM BOM TEMPO NA BATALHA DO CARANGA / AQUI NO MEU PAÍS ITINGA / EM LAURO DE FREITAS.// INCLUSIVE EU TAVA PENSANDO AQUI / E NESSE CORRE DE BATALHA / EU JÁ FIZ UM POUCO DE TUDO, VIU?// JÁ FUI MC / JURADO / APRESENTADOR / JÁ FUI PÚBLICO TAMBÉM.// SÓ NÃO FUI DJ DE BATALHA AINDA.// A BATALHA DO CARANGA FOI UMA DAS PRINCIPAIS ENTRE AS QUE MOVIMENTARAM A CENA NESSE MEIO DE DÉCADA.// AINDA NA REGIÃO METROPOLITANA / EU POSSO CITAR TAMBÉM A RIMA NO GATILHO / DE SIMÕES FILHO / E A RINHA DE GALO / QUE ROLAVA EM CAMAÇARI / E O PAI AQUI SEMPRE QUE IA VOLTAVA CAMPEÃO.// BONS TEMPOS...//

EM SALVADOR / TEM MUITA BATALHA.// AS PRINCIPAIS ROLAVAM NO CENTRO / E ASSIM COMO OS OUTROS EVENTOS DE RAP / FORAM AOS POUCOS MIGRANDO PARA OS BAIRROS PERIFÉRICOS E EU ARRISCO DIZER QUE ATUALMENTE NÃO TEM UM BAIRRO DE SALVADOR EM QUE NÃO ROLE PELO MENOS UMA BATALHA SEMANAL.// ALÉM DO CABEÇA CARA / QUE EU CITEI LÁ NO COMEÇO / CONSIGO LEMBRAR DO REAL MC / TINHA A MAISUM / A BATALHA DA SOUL...// MAIS RECENTEMENTE / OUTRAS BATALHAS IMPORTANTES APARECERAM / COMO A BATALHA DA TORRE / A BATALHA DE SÃO CAETANO / A DO TREM BALA / A BATALHA DA UFBA / E VÁRIAS OUTRAS.//

A BATALHA MAIS IMPORTANTE DE SALVADOR SE CHAMA TERCEIRO ROUND.// ISSO PORQUE O TERCEIRO ROUND É ONDE É DEFINIDO QUAL MC VAI REPRESENTAR O ESTADO DA BAHIA NO DUELO DE MC'S NACIONAL / QUE ROLA ANUALMENTE EM BELO HORIZONTE / MINAS GERAIS / DESDE 2012 / COM REPRESENTANTES DE VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL.// AS OUTRAS BATALHAS DE SALVADOR FUNCIONAM COMO UMA ESPÉCIE DE CIRCUITO DE ELIMINATÓRIAS PARA O TERCEIRO ROUND / ONDE O BICHO PEGA PELA ÚLTIMA VEZ EM SOLO BAIANO / ANTES DO NACIONAL.//

NESSE ANO A SELETIVA ROLOU ATRAVÉS DE VOTAÇÃO ONLINE E 6 MC'S AINDA ESTÃO NA DISPUTA JUNTO COM AS REPRESENTANTES FEMININAS VÊNUS LEE E NUTT MC / PRA VER QUEM VAI REPRESENTAR A BAHIA.// O DUELO VAI ROLAR EM BH / EM DEZEMBRO / MAS SEM PÚBLICO DEVIDO À SITUAÇÃO DO CORONGA QUE TODO MUNDO JÁ TÁ LIGADO.//

[bactéria filha da...] pii

HORA DE ACIONAR O ZAP / PORQUE MELHOR QUE EU / SÓ COSCARQUE PRA CONTAR ESSA HISTÓRIA.// COSCARQUE É O PRODUTOR DO TERCEIRO ROUND E TEM UM CORRE DE RESPOSTA NO RAP BA.// TEM INCLUSIVE UM SOM COM KL JAY LANÇADO LÁ NA CAIXA DE LIXO VÍDEOS / DA UGANGUE / CHAMADO SCARFACE.// TAMBÉM FAZ PARTE DO GRUPO VERSU2 / JUNTO COM MOBBIU / UM IRMÃO QUE EU ESPERO QUE TENHA CONSCIÊNCIA DO QUANTO SERVE DE INSPIRAÇÃO PRA MIM TAMBÉM.// AINDA LÁ NO FINZINHO DE 2009 / ELES LANÇARAM COM A VERSU2 O CLIPE DA FAIXA "SEGREDO DA HARMONIA" / ATÉ HOJE UM DOS MAIS BEM PRODUZIDOS NA NOSSA CENA.// SE QUISER CONHECER UM POUCO MAIS DA

HISTÓRIA DA VERSU2 / ALÉM DO CLIPE / VOCÊ PODE VER O DOCUMENTÁRIO “INÍCIO, MEIO, INÍCIO” / NO YOUTUBE.// FICA A DICA.//

MAS SIM / MENINO / SE DEIXAR EU VOU ME PERDENDO PELOS ASSUNTOS.// EU TAVA CHAMANDO COSCARQUE NÉ.// CHEGUE MAIS IRMÃO.//

[cosca 1a]

O QUE É ISSO / RAPAZ?// EU QUE AGRADEÇO POR VOCÊ TER TOPADO VIR AQUI COMPARTILHAR UM POUCO DESSA HISTÓRIA COM A GENTE.// COSCARQUE LÁ NO INÍCIO DA NOSSA DÉCADA DE 2010 TRABALHOU NA CUFA.// LEMBRA DA CUFA?// FALEI DELA NO ÚLTIMO EPISÓDIO.// ELE FOI COORDENADOR DE CULTURA DO NÚCLEO DE SALVADOR E TAMBÉM ERA UM DOS CURADORES LÁ DO PRÊMIO HUTÚZ.// ALÉM DESSES CORRES / ELE JÁ FAZIA PARTE DOS BASTIDORES DE ALGUNS EVENTOS PELA CIDADE / COMO A PRIMEIRA SEMANA BAIANA DE HIP HOP.// E AQUI EU PEÇO LICENÇA PRA DEIXAR VOCÊ COM UMA PEQUENA INTERROGAÇÃO AÍ PORQUE EU NÃO VOU GASTAR A FICHA DAS SEMANAS BAIANAS DE HIP HOP AGORA AINDA NÃO.// EM ALGUM MOMENTO DO FUTURO / NAS PRÓXIMAS TEMPORADAS / A GENTE VAI FALAR DELAS COM O APROFUNDAMENTO E A DEVIDA IMPORTÂNCIA QUE ESSA PAUTA MERECE.// MAS SIM / AS BATALHAS...//

[cosca 1b]

NESSE MEIO TEMPO AÍ / COSCA / QUE JÁ CONHECIA UMA GALERA LÁ DE BH / FICOU SABENDO QUE POR LÁ TAMBÉM TAVA ROLANDO UMA MOVIMENTAÇÃO NESSE SENTIDO E QUE A PARADA TAVA GANHANDO CORPO EM TERRAS MINEIRAS.// AÍ PAI / AINDA EM 2010 / ELE PASSOU PELO BAMBUZAL DO AEROPORTO DE SALVADOR RUMO A BELO HORIZONTE.// NESSA ÉPOCA O BAMBUZAL ERA ATÉ MAIS CHEINHO / COITADO.// O HOMEM QUERIA VER DE PERTO O QUE É QUE TAVA ACONTECENDO.// ESSE FOI O PRIMEIRO CONTATO AO VIVO ENTRE COSCARQUE E O DUELO DE MC'S / QUE EM 2010 AINDA NÃO ERA O DUELO DE MC'S “NACIONAL” / COMO A GENTE CONHECE HOJE.//

[cosca 1c]

(SE VOCÊ PENSOU NO DDH / O DIRETO DO HOSPÍCIO / PENSOU ERRADO.// ANTES DO DDH / BACO FEZ PARTE DO GRUPO UNE.VERSOS.//)

BLACK FOI O REPRESENTANTE DA BAHIA NO NACIONAL DE 2016 / AOS 13 ANOS.// EU TENHO UMA MEMÓRIA AFETIVA MUITO GRANDE COM ESSE MOMENTO E COM O PRÓPRIO BLACK PORQUE ELE COMEÇOU A BATALHAR AQUI NO CARANGA.// NUMA BELA SEXTA-FEIRA NO LARGO DO CARANGUEJO / CHEGOU UM PIVETINHO TODO TÍMIDO ASSIM, PÁ / NINGUÉM DEU NADA A ELE.// QUANDO A GENTE FOI VER / O PIVETE BAGAÇOU TODO MUNDO E FOI O CAMPEÃO.// DEPOIS DESSE DIA / ELE COMEÇOU A CHAMAR A ATENÇÃO PORQUE TODA VEZ QUE BLACK BROTAVA NO CARANGA / ELE ERA CAMPEÃO.// ELE NÃO É DAQUI DE LAURO NÃO / É CRIA DE SIMÕES FILHO.// EU SEI QUE NISSO ELE SE CLASSIFICOU PRO TERCEIRO / E DO TERCEIRO SE SAGROU REPRESENTANTE DA BAHIA NAQUELE ANO.// LÁ EM BH ELE PAROU NAS QUARTAS DE FINAL .//

MAS ANTES DE BLACK / OUTROS REPRESENTANTES DA BAHIA TAMBÉM FIZERAM HISTÓRIA NO VIADUTO SANTA TEREZA.// EM 2015 / O MC TRECK / QUE MODÉSTIA À PARTE / TAMBÉM FOI REVELADO PELO CARANGA / CHEGOU AINDA MAIS PERTO DE SER CAMPEÃO E PERDEU NA SEMIFINAL.// EM 2014 / LARÍCIO / QUE SÓ NÃO FOI DO CARANGA PORQUE O CARANGA AINDA NÃO EXISTIA / MAS É DAQUI DE LAURO TAMBÉM / LÁ DE VIDA NOVA / FOI CAMPEÃO DO NACIONAL / O PRIMEIRO CAMPEÃO DO NORTE-NORDESTE.// ANTES DELE TEVE BIG EM 2013 / QUE FOI ELIMINADO AINDA NA PRIMEIRA FASE.//

JÁ A PRIMEIRA EDIÇÃO DO DUELO DE MC'S NACIONAL ROLOU EM 2012 / E A BAHIA FOI MUITO BEM REPRESENTADA POR UMA MULHER MISERÊ / COMO A GENTE FALA AQUI.// AINDA BEM QUE EU JÁ TIVE A HONRA DE VÊ-LA RIMAR AO VIVO.// E EU LEMBRO QUE MUITO POUCA GENTE BATIA DE FRENTE COM ELA.// EU TÔ FALANDO DE MIRAPOTIRA.//

MAS A HISTÓRIA DE MIRAPOTIRA E A DO TÍTULO DE LARÍCIO EM 2014 EU VOU TE CONTAR SÓ DE HOJE A QUINZE / NA PARTE 2 DESSE ÚLTIMO EPISÓDIO DA PRIMEIRA TEMPORADA DO REG.//

[transição bg]

POR HOJE TÁ BOM NÉ? EU GOSTO SEMPRE DE TRAZER ESSA INFORMAÇÃO AQUI / PORQUE TALVEZ NÃO DÊ PRA TER ESSA NOÇÃO SÓ OUVINDO O EPISÓDIO.// APENAS ESSA PARTE 1 QUE VOCÊ ACABOU DE OUVIR LEVOU 60 HORAS PARA FICAR PRONTO / ENTRE PESQUISA / ROTEIRO / GRAVAÇÃO / EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO.// LEMBRANDO SEMPRE QUE ENQUANTO EU NÃO TENHO COMO PAGAR NINGUÉM PRA FECHAR COMIGO / EU FAÇO TUDO ISSO SOZINHO.// ENTÃO ESSA É A PARTE QUE VOCÊ RETRIBUI MEU ESFORÇO DIVULGANDO O REG DE RAP PRO MÁXIMO DE PESSOAS QUE VOCÊ PUDER E ENGAJANDO LÁ NAS REDES SOCIAIS / NO INSTAGRAM E NO TWITTER O @ É O MESMO: @REGDERAP.// EU SEMPRE DEIXO UMA PERGUNTA PRA VOCÊ INTERAGIR LÁ NO INSTAGRAM E A DESSE EPISÓDIO É A SEGUINTE: O QUE FALTA PRA BAHIA SER CONSIDERADA UM DOS PRINCIPAIS POLOS DO RAP NACIONAL?//

ENTÃO É ISSO FAMÍLIA / TÔ FICANDO POR AQUI / ATÉ O PRÓXIMO...// TÁ BOM / VAI.// ENTÃO PEGA UM TRECHINHO DO QUE ESTÁ POR VIR...// É CLARO QUE VAI TER MIRAPOTIRA / VAI TER LARÍCIO / E VAI TER TAMBÉM VOCÊ AÍ ESCUTANDO E COMPARTILHANDO / DAQUI A DUAS SEMANINHAS / NO DIA 13 DE OUTUBRO / LOGO DEPOIS DO FERIADÃO. //

[mira 2b]
[laricio 3c]

AGORA SEM MAIS DELONGAS / TÔ ME PICANDO MERMÓ / E DEIXANDO VOCÊ EM BOA COMPANHIA COMO SEMPRE.// HOJE VAMOS DE NOVA ERA / NA FAIXA SALVADOR TÁ ESCALDADO.// #PARTIU.//

[nova era - salvador tá escaldado]

Episódio 4

Anos 2010: da Bahia para o Brasil e o mundo (parte 2)

[bg]

A PRIMEIRA TEMPORADA DO REG DE RAP ESTÁ CHEGANDO AO FIM.// COM ESSE AQUI / TERÃO SIDO QUATRO EPISÓDIOS ONDE EU TENTEI FAZER UM RESUMÃO MUITO CUIDADOSO DAS TRÊS DÉCADAS DO RAP AQUI DA BAHIA.// SE VOCÊ CAIU AQUI DE PARAQUEDAS / RECOMENDO QUE VOLTE TRÊS CASAS E VENHA OUVINDO DESDE O PRIMEIRO EPISÓDIO / PORQUE EU SEMPRE ACABO USANDO ALGUMA REFERÊNCIA DE ALGO QUE FALEI ANTERIORMENTE.// ESTAMOS NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS E NO YOUTUBE.//

POR EXEMPLO / SE VOCÊ OUVIU O PRIMEIRO EPISÓDIO / VOCÊ SABE QUE ESSE PODCAST É O MEU PROJETO DE TCC.// O REG É A PRÁTICA E ESSA PAUSA ENTRE AS TEMPORADAS VAI SERVIR PARA EU DAR UMA ATENÇÃO À PARTE TEÓRICA.// A DEFESA DO TCC VAI ROLAR NO FINZINHO DE NOVEMBRO / MAS ACHO QUE EU VOLTO COM A SEGUNDA TEMPORADA ANTES DISSO / VAI DEPENDER TAMBÉM DO APELO POPULAR.// MAS A GENTE RETOMA ESSA CONVERSA LÁ NO FINAL / PORQUE TEM UMA OUTRA CONVERSA PRA CONTINUAR AGORA.// VAMO SEGUIR COM O NOSSO PASSEIO PELOS ANOS 2010 / A GENTE TAVA FALANDO DAS BATALHAS / NÃO FOI?// EU SOU WALL CARDOZO E HOJE VAMOS ENCERRAR A PRIMEIRA TEMPORADA DO POD CONTANDO MAIS ALGUMAS HISTÓRIAS DO RAP AQUI DE SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA / O ÚNICO LUGAR DO MUNDO ONDE VOCÊ PODE DIZER QUE FOI NUM REG DE RAP.//

[transição]

ANTES DE CONTINUAR DE ONDE A GENTE PAROU / EU FALEI SOBRE O MC BLACK LÁ NO EPISÓDIO 3 E ELE ME ENROLOU TANTO PRA MANDAR O ÁUDIO QUE SÓ CHEGOU A TEMPO DO EPISÓDIO 4.// DESSA VEZ VAI PASSAR, MISERA.//

É RAPAZ / O TEMPO PASSOU E BLACK AGORA TÁ COM ESSA VOZ GROSSONA AÍ / NEM PARECE QUE EU VI GURIZINHO NO CARANGA / NÉ SACANA.// ROLAM ALGUNS VÍDEOS NO YOUTUBE DAS PRIMEIRAS BATALHAS DELE AQUI NA BATALHA DO CARANGA / NA ÉPOCA VIRALIZARAM NACIONALMENTE.// UMA PARADA MUITO IMPORTANTE QUE A FALA DE BLACK TROUXE É SOBRE O QUANTO AS BATALHAS DE RAP PROPORCIONARAM EXPERIÊNCIAS QUE ELE NUNCA PENSOU QUE TERIA.// NESSA NOVA GERAÇÃO / AS BATALHAS FORAM O PRIMEIRO CONTATO COM O RAP E A CULTURA DE RUA PRA MUITA GENTE.//

UM DESSES CARAS É LARÍCIO GONZAGA / QUE COMEÇOU A OUVIR RAP NO FIM DE 2012 / MAS PASSOU A TER VIVÊNCIA MESMO FREQUENTANDO AS BATALHAS / A PARTIR DE 2014.// ELE ME CONTOU QUE COMEÇOU A OUVIR RAP COM A GALERA DO SKATE MAS NÃO DEU MUITO CERTO NO ESPORTE E AÍ COMEÇOU A SE INTERESSAR POR AQUELE NEGOCIO DE RIMA IMPROVISADA / QUE PARECIA UMA COMPETIÇÃO ESPORTIVA TAMBÉM.//

COMEÇOU A ESTUDAR / ASSISTIR VÍDEOS E NO INÍCIO DE 2014 / ASSIM QUE SE SENTIU PRONTO / FOI PRA SUA PRIMEIRA BATALHA LÁ NO RIO VERMELHO.// MAS TREINO É TREINO E JOGO É JOGO / E LARICIO FOI ELIMINADO AINDA NA PRIMEIRA FASE.// COITADO / ELE TRABALHAVA NUMA PADARIA AQUI EM LAURO DE FREITAS E JÁ NÃO TINHA MAIS ÔNIBUS DO RIO VERMELHO PRA CÁ.// TEVE QUE FICAR ESPERANDO AMANHECER PRA PEGAR O PRIMEIRO BUZU E DESCER DIRETO NO TRABALHO / QUE PADARIA ABRE CEDINHO NÉ .// DIAS DE LUTA PRO NOSSO HERÓI.//

[respiro]

LARICIO VIU BICHO COM ESSE COMEÇO AÍ / SE MOTIVOU E RESOLVEU ESTUDAR MAIS.// ELE FOI CONVIDADO PARA A ÚLTIMA EDIÇÃO DO TERCEIRO ROUND DAQUELE ANO / QUE ERA A SELETIVA BAIANA PRO DUELO NACIONAL / EM BH.// APROVEITANDO QUE EU TÔ FAZENDO ANLOGIA AO ESPORTE / LARÍCIO ERA A GRANDE ZEBRA DAQUELE DIA.// NINGUÉM CONHECIA ELE / UM PIVETE DE LAURO DE FREITAS TODO TÍMIDO NO CANTO DO CAMARIM ANTES DE COMEÇAR A BATALHA...

[2b]

COMO EU DISSE NO ÚLTIMO EPISÓDIO / BIG TINHA SIDO O REPRESENTANTE BAIANO NO NACIONAL DE 2013 / O ANO ANTERIOR / ENTÃO IMAGINE O APERTO DE MENTE.// MAS JOGO É JOGO...//

[2c]

E NO CAMPEONATO NACIONAL DAQUELE ANO DE 2014/ LARICIO SERIA O ENCARREGADO DE LEVAR O NOME DA BAHIA.// NA SEGUNDA FASE DA SELETIVA ELE DERROTOU MEU PARCEIRO 16 BEATS E EU DOU UM BOMBOM PRA QUEM ADIVINHAR QUEM LARICIO PRECISOU DERROTAR NA FINAL DA SELETIVA.// PARECE ROTEIRO CLICHÊ DE FILME / MAS FOI ISSO MESMO: LARICIO VENCEU BIG E SAIU DO PELOURINHO JÁ PLANEJANDO SUA VIAGEM PRA BELO HORIZONTE.//

[avião]

[bg]

CERCA DE QUATRO MESES DEPOIS DA SELETIVA / EM 23 DE NOVEMBRO DE 2014 / ACONTECEU O DUELO DE MC'S NACIONAL DAQUELE ANO.// LARICIO TAVA SOZINHO EM BH / E PRA ELE TUDO AQUILO ERA MUITO NOVO / MAS UMA PARTE DA HISTÓRIA PARECIA A REPETIÇÃO DE UM FILME QUE ELE JÁ CONHECIA...//

[3a]

TODA COMPETIÇÃO TEM SEUS FAVORITOS E SUAS ZEBRAS, NÉ?? O QUE EU SEI É QUE A HORA DO VAMO VER TAVA CHEGANDO...//

[3b]

(VOCÊ VAI PERCEBER QUE LARÍCIO É UM DOS CARAS MAIS CHORÕES DO RAP / EU VOU COLOCAR ESSE SONZINHO A CADA VEZ QUE ELE FALAR QUE CHOROU / PRA VOCÊ ACOMPANHAR)

[<https://www.youtube.com/watch?v=thW72Snltxo> 4:34-5:24]

NA SEMIFINAL / LARÍCIO ENFRENTOU O MC KOELL / DE SÃO PAULO / TIDO COMO UM DOS FAVORITOS AO TÍTULO DAQUELE ANO.// EM 2013 / KOELL TINHA BATIDO NA TRAVE / PERDEU SÓ NA FINAL PRO CAMPEÃO DOUGLAS DIN.// FOI UMA BATALHA MUITO TENSA / DECIDIDA APENAS NO TERCEIRO ROUND.//

[<https://www.youtube.com/watch?v=BvJBQI1oXVA> 9:06-9:59]

A BAHIA ESTAVA NA GRANDE FINAL.// NA ÚLTIMA BATALHA DAQUELE DIA 23 DE NOVEMBRO DE 2014 / LARÍCIO ENFRENTOU CAPANGA / QUE ERA O REPRESENTANTE DE MINAS GERAIS.// CAPANGA ERA DA CASA E LARÍCIO / AGORA MAIS DO QUE NUNCA / ESTAVA JOGANDO FORA DE CASA...//

[cosca 3a]

COSCARQUE SE ATRAPALHOU AÍ E EU SEI DISSO PORQUE EU TAVA NESSE EVENTO.// NÃO ERA EMICIDA NÃO / COSCA / FOI UM SHOW DE RAEL.// TEVE TAMBÉM OS AGENTES / 3VERSOS E APOLOGIC MC'S / FOI MUITO MASSA ESSE DIA.// E EU LEMBRO EXATAMENTE DESSA CENA AÍ / NOS INTERVALOS ENTRE UM SHOW E OUTRO / ALGUÉM PEGAVA O MIC E ATUALIZAVA COMO TAVA O NACIONAL / NÃO LEMBRO SE ERA O PRÓPRIO COSCARQUE QUE TAVA FAZENDO ISSO.// E EU NÃO TAVA ENTENDENDO NADA NÉ / NEM SABIA QUE DIABO ERA DUELO NACIONAL E MUITO MENOS QUEM ERA LARÍCIO / MAS EU RECORDO EXATAMENTE DO MOMENTO EM QUE ANUNCIARAM QUE ELE TINHA SIDO CAMPEÃO.// A VIBRAÇÃO DA PRAÇA LOTADA FOI TÃO MASSA QUE EU ME CONTAGIEI E COMECEI A COMEMORAR TAMBÉM / MESMO SEM ENTENDER MUITO DO QUE SE TRATAVA.// ENQUANTO ISSO / LÁ EM BH...//

[bahia... bahia... <https://www.youtube.com/watch?v=BvJBQI1oXVA> 8:39]

[laricio 3c]

POIS FOI VERDADE E TÁ TUDO DOCUMENTADO LÁ NO YOUTUBE.// NO VÍDEO DA FINAL / VOCÊ VÊ O NOSSO CHORÃO EM LÁGRIMAS APÓS O ANÚNCIO DO TÍTULO DELE / QUE FOI O PRIMEIRO CAMPEÃO NORTE-NORDESTINO DO DUELO NACIONAL.// EM 2018 / QUANDO CRISTIANO RONALDO AINDA JOGAVA PELO REAL MADRID / ELE MARCOU UM GOLAZO DE BICICLETA CONTRA A JUVENTUS / NO

ESTÁDIO DA JUVENTUS / O QUE FEZ A TORCIDA DO TIME ITALIANO APLAUDIR DE PÉ A SUA ATUAÇÃO / MESMO ELE DERROTANDO A JUVE NAQUELE JOGO.// FOI MAIS OU MENOS O QUE ACONTECEU COM LARÍCIO AO DERROTAR CAPANGA EM MINAS GERAIS / COM O VOTO DA PLATEIA.//

[https://www.youtube.com/watch?v=ssjCwc_Esn0 10:06-10:52]

[laricio 5a]

É / EU BEM LEMBRO QUE FOI NUM CABEÇA CARA A ÚNICA VEZ QUE EU BATALHEI COM LARÍCIO E PERDI / MAS VAI TER VOLTA.// MAS FOI BOM VOCÊ CITAR O REAL MC / PIVETE / PORQUE TEVE UMA BATALHA NO REAL QUE EU AMO MUITO.// FOI A FINAL DA EDIÇÃO DO DIA 6 DE MARÇO DE 2015 / ENTRE LARÍCIO E MIRAPOTIRA / NO LARGO TEREZA BATISTA.// ASSISTA DEPOIS LÁ / EU JÁ VI ESSA BATALHA TANTAS VEZES QUE TEM UMAS RIMAS QUE EU SEI DE COR / INCLUSIVE UMA MUITO BOA DE MIRAPOTIRA QUANDO LARICIO CAIU NA BESTEIRA DE DIZER QUE ELA TAVA COROA...//
MIRA RESPONDEU FALANDO: NÃO ME ABALA / ISSO É TUDO QUESTÃO DE OPINIÃO / PROS NOVINHO EU SOU COROA / PROS COROA UM MULHERÃO.// PIVETE...//
DEPOIS DAÍ FOI SÓ RAJADA.//

[<https://www.youtube.com/watch?v=091Fzsixf4E> 2:12-2:59]

DEU PRA PERCEBER UM POUQUINHO COMO NÃO ERA BOM NEGÓCIO BATALHAR COM MIRAPOTIRA, NÉ?//

[mira 1a]

LÁBREA É UMA CIDADEZINHA DE MENOS DE 50 MIL HABITANTES E A 700KM DA CAPITAL.// E FOI EM TERRAS MANAUARAS QUE ELA COMEÇOU A ESCREVER RAP / EM 2004 E A PARTICIPAR DE RODAS DE FREESTYLE / AS RIMAS IMPROVISADAS / EM 2005.// DEPOIS DE PASSAR UM ANO EM SÃO PAULO / ELA CHEGOU PRA FICAR EM SALVADOR / EM 2011.//

POR AQUI / ELA FREQUENTAVA O CAMPO DA PÓLVORA TODA SEXTA-FEIRA PRA PARTICIPAR DA BATALHA BRIGA DE VIRA LATA / QUE ROLAVA LÁ SEMANALMENTE.// EU SEI QUE É ANO DE ELEIÇÃO E EU NÃO SOU POLÍTICO NÃO / MAS EU PROMETO TRAZER MIRA AQUI NUM OUTRO MOMENTO COM MAIS CALMA / PORQUE A BICHINHA TAVA TODA AGONIADA NA HORA QUE EU FALEI / CUIDANDO DE DOIS BEBÊS EM CASA.// MAS AINDA ASSIM / ELA TIROU UM TEMPO PRA FALAR COMIGO E COM VOCÊ AQUI RAPIDINHO.//

[mira 2b]

POIS É / RAPAZ / QUEM VINHA COM A MESMA LADAINHA NA BATALHA / ELA JÁ TIRAVA DE LETRA.// ASSISTIR A MIRA RIMANDO FAZIA PARECER QUE AQUILO ERA FÁCIL.// MAS SÓ PARECIA MESMO.// NA PRÁTICA / A TEORIA É OUTRA /

PRINCIPALMENTE QUANDO A GENTE LEVA EM CONTA O FATO DE QUE AINDA ERA BEM RARO VER MULHERES PARTICIPANDO DE BATALHAS.//

[mira 2a]

E FOI NO INTUITO DE INCENTIVAR OUTRAS MULHERES A METER A CARA QUE EM 2015 NASCEU O COLETIVO RIMA MINA.//

[<http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/videos/v/conheca-o-coletivo-rima-mina-que-vem-lutando-pela-valorizacao-da-mulher-na-sociedade/4726015/> 0:13-1:22]

ESSA FOI UMA REPORTAGEM DO PROGRAMA APROVADO / DA TV BAHIA / SOBRE O COLETIVO RIMA MINA.// NO COMEÇO / VOCÊ OUVIU MIRAPOTIRA FAZENDO UM IMPROVISO / E A VOZ QUE FALA SOBRE O COLETIVO DEPOIS É DA GRAFITEIRISTA KATIA.// COM TEORIA E PRÁTICA / O PROJETO TINHA O OBJETIVO DE FORMAR MULHERES ARTISTAS DENTRO DA PERSPECTIVA DA CULTURA HIP HOP.// OS ENCONTROS DO RIMA MINA ROLAVAM NA LADEIRA DA PREGUIÇA / EM SALVADOR.// A MC JANAINA NOBLAH FOI UMA DAS ARTISTAS FORMADAS PELO PROJETO E TAMBÉM APARECE NA REPORTAGEM DO APROVADO.// NO ANO DE 2016 / ELA REPRESENTOU A BAHIA NA PRIMEIRA BATALHA NACIONAL FEMININA DE FREESTYLE E FOI CAMPEÃ / DERROTANDO A MINEIRA CLARA LIMA / NA FINAL.//

[<https://www.youtube.com/watch?v=VZZWX5c6RRI> 9:14-9:30]

INFELIZMENTE / NÃO ACONTECERAM OUTRAS EDIÇÕES DA BATALHA NACIONAL FEMININA.// AQUI EM SALVADOR / ROLA A BATALHA DAS BRUXA / COM A MESMA PROPOSTA DE PROTAGONISMO FEMININO / ORGANIZADA PELO COLETIVO VIRA LATA DESDE 2017.//

INICIATIVAS COMO O RIMA MINA E A BATALHA DAS BRUXA SÃO DE SUMA IMPORTÂNCIA PARA A CENA DO RAP / QUE COMO A GENTE VIU / SEMPRE FOI MAJORITARIAMENTE PROTAGONIZADA POR HOMENS / PRINCIPALMENTE NOS ANOS 1990 E 2000.// MULHERES COMO DINA DI, RÚBIA, NEGRA LI, SHARILAYNE / KAMILA CDD / SIL KAIALA (HERA NEGRA) E MAHARA PRECISARAM CONQUISTAR O SEU ESPAÇO A TROCO DE MUITA RESISTÊNCIA POR PARTE DO PÚBLICO DO RAP / QUE TAMBÉM ERA ESSENCIALMENTE MASCULINO.//

ESSE CENÁRIO COMEÇA A MUDAR UM POUCO A NÍVEL NACIONAL NO INÍCIO DOS ANOS 2010 / PRINCIPALMENTE COM KAROL CONKÁ E FLORA MATOS / MAS ISSO É CONVERSA PRA UM OUTRO REG, NÉ?// VOLTANDO A FALAR DAS BATALHAS / VOCÊ QUE OUVIU O EPISÓDIO 3 DO REG DE RAP / JÁ SABE QUE MIRAPOTIRA FOI A RESPONSÁVEL POR LEVAR O NOME DA BAHIA AO PRIMEIRO DUELO NACIONAL / ISSO LÁ EM 2012.//

[mira 3a]

LÁ EM BH ELA CHEGOU ATÉ A FINAL / ONDE PERDEU PARA O MINEIRO DOUGLAS DIN.// POR MUITO POUCO O PRIMEIRO DUELO NACIONAL SERIA VENCIDO POR UMA MULHER NORTISTA REPRESENTANDO A BAHIA.// PENSE AÍ.// O ORGANIZADOR DO TERCEIRO ROUND / COSCARQUE / ACOMPANHOU BEM DE PERTINHO TODO ESSE ROLÉ.//

[cosca 3b]

É / COSCA / A GENTE JÁ FALOU AQUI QUE LARICIO E MIRA SEMPRE RENDIAM BOAS BATALHAS.// INCLUSIVE / JÁ QUE EU CITEI OS TRÊS / APROVEITO PRA AGRADECER PELOS DEPOIMENTOS / A LARICIO / MIRA E COSCARQUE / E DEIXAR ABERTAS AS PORTAS DO REG DE RAP SEMPRE QUE QUISEREM CONTRIBUIR AQUI COM ESSES RELATOS PRECIOSOS.// AH / ANTES DE IR / MIRA DEIXOU UM RECADO MUITO IMPORTANTE. SE LIGA AÍ...//

[mira 4a]

APROVEITANDO A DEIXA SOBRE ABRIR CAMINHO... / VOCÊ SABIA QUE EU IA FALAR DELE NÉ / NÃO TEM COMO FALAR DOS ANOS 2010 NO RAP BA SEM FALAR SOBRE BACO EXU DO BLUES.//

[baco - abre caminho]

ANTES DE SER O KANYE WEST DA BAHIA / LÁ NO INÍCIO DA DÉCADA / DIOGO MONCORVO ERA CONHECIDO POR FREQUENTAR AS BATALHAS DE MC EM SALVADOR.// MAIS TARDE / EM 2012 / INTEGROU O GRUPO UNE VERSOS / QUE FAZIA UMAS MISTURAS OUSADAS NO RAP.// POR EXEMPLO, VOCÊ JÁ IMAGINOU COMO SERIA BACO CANTANDO VOZ E VIOLÃO?.// ERA MAIS OU MENOS ASSIM.//

[<https://www.youtube.com/watch?v=i-rDol3ENnc> Crônicas do Baco - Do rap à poesia]

MAIS TARDE / JUNTO AO MC MOBB E AO DJ SLY / BACO FORMOU O GRUPO DIRETO DO HOSPÍCIO / MAIS CONHECIDO PELA SIGLA DDH / OU PELO BORDÃO DDH DISGRASSA.//

[https://www.youtube.com/watch?v=M_z6dHigYX4]

ESSE É UM TRECHO DO SHOW DO DDH / NO EVENTO CULTURALMENTE ATIVOS / QUE ROLOU EM 2016 ORGANIZADO PELO LEGALIZART.// INCLUSIVE EU TAVA LÁ TRABALHANDO NESSE EVENTO E APAREÇO EMOCIONADÍSSIMO NESSE VÍDEO AÍ / EU E MINHA TOUCA QUE EU USAVA NESSA ÉPOCA.// O DDH FEZ UM BARULHO A NÍVEL REGIONAL E ATÉ NACIONAL / POR TRAZER UM RAP ESSENCIALMENTE UNDERGROUND / SEM MEDIR MUITO AS PALAVRAS E COM UNS BEATS BEM SUJOS / NO BOM SENTIDO / INDO DE ENCONTRO À TENDÊNCIA DA CENA.// DEPOIS O GRUPO ACABOU / MOBB FOI ACUSADO DE AGRESSÃO POR SUA EX-COMPANHEIRA E SUMIU DO MAPA.//

PRONTO / DEVIDAMENTE CONTEXTUALIZADOS / CHEGAMOS AGORA AO GRANDE MOTIVO DE EU ESTAR FALANDO DE BACO AQUI NESSE EPISÓDIO.// EM AGOSTO DE 2016 / BACO E DIOMEDES CHINASKI / DE PERNAMBUCO / LANÇARAM A MÚSICA SULICÍDIO.// APESAR DE ELES NEGAREM QUE SE TRATA DE UMA DISS / TODO MUNDO ENTENDEU DESSA FORMA.//

ABRE PARÊNTESE / NO RAP / DISS É O TERMO QUE A GENTE USA QUANDO UM MC FAZ UMA MÚSICA ATACANDO UM OUTRO RAPPER.// UMA DAS TRETAS MAIS FAMOSAS DO RAP NACIONAL E QUE CONSEQUENTEMENTE RENDEU ALGUMAS DISS FOI ENTRE OS MCS MARECHAL E CABAL.// FECHA PARÊNTESE.//

[trecho sulicídio????]

EM SULICÍDIO / OS ATÉ ENTÃO SEMI DESCONHECIDOS BACO E DIOMEDES EXALTARAM A REGIÃO NORDESTE E CITARAM NOMINALMENTE VÁRIOS MC'S DO EIXO RIO/SÃO PAULO / COM RIMAS AGRESSIVAS E MUITO OUSADAS.// OBVIAMENTE ISSO GEROU UM ENORME BURBURINHO NA CENA NACIONAL / E SULICÍDIO BATEU UM MILHÃO DE VISUALIZAÇÕES DE MANEIRA MUITO RÁPIDA / O QUE DEFINITIVAMENTE NÃO ERA COMUM PARA RAPPERS DE FORA DO EIXO NAQUELA ÉPOCA.//
ALGUNS MC'S CHEGARAM A LANÇAR OUTRAS DISS COMO RESPOSTA A SULICÍDIO/ COMO POR EXEMPLO NOCIVO SHOMON / COM A MÚSICA DISSCARREGO E O GRUPO COSTA GOLD COM A MÚSICA "SULTAVIVO" (RISOS).//

AGRADANDO OU NÃO / NÃO DÁ PARA NEGAR QUE O LANÇAMENTO DE SULICÍDIO FOI UM DIVISOR DE ÁGUAS NO RAP NACIONAL.// EU PARTICULARMENTE PERCEBI UM MOVIMENTO DE DESCENTRALIZAÇÃO / AINDA QUE MÍNIMO / E CREIO QUE DENTRO DE ALGUNS ANOS SERÁ POSSÍVEL FALAR EM ANTES E DEPOIS DE SULICÍDIO.// NA MINHA VISÃO / OS ESTADOS DA BAHIA E DE MINAS GERAIS FORAM OS MAIS BENEFICIADOS / REVELANDO E SUSTENTANDO GRANDES NOMES NA CENA NACIONAL / DE 2016 PRA CÁ.// O PRÓPRIO DIOMEDES JÁ DECLAROU QUE "A MELHOR COISA QUE SULICÍDIO TROUXE PRO BRASIL FOI DJONGA".//

MAS NEM TUDO SÃO FLORES.// A LETRA DE SULICÍDIO / SOBRETUDO A PARTE DE BACO / É EXTREMAMENTE PROBLEMÁTICA / COM TRECHOS HOMOFÓBICOS / TRANSFÓBICOS E ATÉ UM TROCADILHO BEM INFELIZ SOBRE PESSOAS SOROPOSITIVO.// OBVIAMENTE EU NÃO TENHO O ZAP DE BACO / MAS EU QUERIA MUITO UMA FALA DELE SOBRE ISSO.// PESQUISEI E ENCONTREI UMA ENTREVISTA QUE ELE DEU NO FINZINHO DE 2019 / PARA O CANAL WHATA / NO YOUTUBE.// O TRECHO É UM POUCO LONGO / MAS É UM PRONUNCIAMENTO INTERESSANTE A RESPEITO DE SULICÍDIO / EU PARTICULARMENTE NUNCA TINHA OUVIDO.// AQUI / VAI FUNCIONAR COMO UMA ESPÉCIE DE DIREITO DE RESPOSTA.//

[<https://www.youtube.com/watch?v=iB2CW1c7xn4> 11:23- sobre sulicídio]

DE FATO NÃO TEM COMO ESCONDER / E BACO E SUA EQUIPE SOUBERAM MUITO BEM APROVEITAR O FRISSON GERADO POR SULICÍDIO PARA ALAVANCAR A SUA CARREIRA.// ATUALMENTE / BACO EXU DO BLUES É UM DOS PRINCIPAIS ARTISTAS DO RAP NACIONAL / E IRONICAMENTE FAZ UM SUCESSO MAIOR LÁ PELO

SUDESTE.// EXISTE UMA GRANDE POLÊMICA A RESPEITO DE ELE TER FICADO FAMOSO LEVANTANDO A BANDEIRA DO NORDESTE E DA BAHIA / E DEPOIS TER ENTRE ASPAS VIRADO AS COSTAS PRA CÁ.// MUITA GENTE RECLAMA / POR EXEMPLO / DO FATO DE ELE NÃO TER APROVEITADO A FAMA PRA POTENCIALIZAR O RAP BA / REALIZANDO EVENTOS PRA MOVIMENTAR E GERAR DINHEIRO E VISIBILIDADE NA CENA LOCAL / DENTRE OUTRAS QUESTÕES RELACIONADAS À CLASSE SOCIAL / RELIGIÃO E PALMITAGEM.// EU QUE NÃO VOU ENTRAR NESSA DISCUSSÃO / AQUI NO REG NÃO.//

O FATO É QUE DE UM TEMPO PRA CÁ BACO TEM DEMONSTRADO OUVIR AS CRÍTICAS E MEIO QUE VEM CORRENDO ATRÁS DO PREJUÍZO / INVESTINDO EM ARTISTAS BAIANOS COMO DACTES / CELO DUT / YOUNG PIVA E VÍRUS CARINHOSO / ATRAVÉS DO SEU SELO 999.// COMO RAPPER / ELE JÁ GANHOU ALGUNS PRÊMIOS DE DESTAQUE.// EM 2018 / LEVOU OS TROFÉUS DE ARTISTA REVELAÇÃO E CANÇÃO DO ANO / NO PRÊMIO MULTISHOW.// EM 2019 / O FILME BLUËSMAN / LANÇADO JUNTO COM SEU ÁLBUM DE MESMO NOME / FOI PREMIADO EM CANNES.// NA MESMA CATEGORIA / CONCORRIAM BEYONCÉ E JAY-Z / COM O CLIPE APESHIT / AQUELE GRAVADO NO LOUVRE / MAS O CAMPEÃO FOI MESMO BACO / QUE DIVIDIU O PRÊMIO COM O TAMBÉM RAPPER CHILDISH GAMBINO.// ELE QUE TAVA CONCORRENDO COM O ACLAMADO CLIPE THIS IS AMERICA.//

[<https://www.youtube.com/watch?v=ZHCeTIWAXQM> 7:25-7:59 chegou onde chegou porque o público branco aceitou]

ESSA É UMA OUTRA ENTREVISTA / DESSA VEZ NO CANAL DO MÍDIA NINJA.// SÓ NOS RESTA AGUARDAR OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS / TANTO DA CARREIRA DE BACO / QUANTO DO REG DE RAP / QUE AGORA CHEGA AO FIM DA SUA PRIMEIRA TEMPORADA.//

[transição]

[bg]

NESSES QUATRO EPISÓDIOS / EU SEMPRE DEIXEI CLARO QUE EU TAVA CONTANDO UMA PARTE DESSA HISTÓRIA.// É CLARO QUE FALTOU FALAR DE MUITA COISA / APROFUNDAR UM POUCO MAIS EM OUTRAS / CITAR UMA GALERA / MAS SÃO EM MÉDIA 30 / 35 MINUTOS POR EPISÓDIO E O PROCESSO É ESSE MESMO / INCLUIR E EXCLUIR ALGUMAS COISAS DO ROTEIRO PRA PODER FAZER SENTIDO NO FORMATO.// ESSA É SÓ A PRIMEIRA TEMPORADA / E A INTENÇÃO NESSE INÍCIO ERA FAZER UM RESUMÃO MESMO / MAS UM RESUMÃO CUIDADOSO E DETALHADO NAS HISTÓRIAS QUE EU ME PROPUS A CONTAR.//

PRA VOCÊ TER IDEIA / ESSE EPISÓDIO DOS ANOS 2010 / MESMO TENDO DUAS PARTES / DEIXOU DE CONTAR UM MONTE DE HISTÓRIA.// TIVEMOS LANÇAMENTOS DE VÁRIOS ÁLBUNS IMPORTANTÍSSIMOS NESSE PERÍODO / COMO O “NEM TENDE CONTAR COM A SORTE” E O “RENOVAÇÃO” / AMBOS DO NOVA ERA / O “PONTEIROS VOAM FEITO JATOS” DE ODDISH / O RÓXO GG DE ÁUREA SEMISERIA.// TIVEMOS TAMBÉM MR. ARMENG VENCENDO O REALITY SHOW “BREAKOUT BRASIL” / DO CANAL SONY SPIN.// AS SEMANAS BAIANAS DE HIP HOP / QUE EU CITEI NO

EPISÓDIO ANTERIOR / ENFIM...// AINDA BEM QUE AINDA TEM MUITA COISA PRA FALAR / O QUE SIGNIFICA QUE O REG DE RAP TERÁ VIDA LONGA E MUITAS TEMPORADAS PELA FRENTE.//

AGORA EU FAÇO UMA BREVE PAUSA.// COMO EU DISSE / ESSE PROJETO É TAMBÉM O MEU TCC E EU PRECISO AGORA TERMINAR O RELATÓRIO E ME ORGANIZAR PRA DEFESA.// ME MANDE BOAS VIBRAÇÕES.// ME MANDE TAMBÉM BOAS SUGESTÕES.// AGORA / MAIS DO QUE NUNCA EU PRECISO DO SEU FEEDBACK NESSE ENCERRAMENTO DE TEMPORADA.// O QUE DEU CERTO E O QUE NÃO ROLOU TANTO?// O QUE VOCÊ GOSTARIA DE OUVIR AQUI?// SUGESTÕES DE QUADROS / DE CONVIDADOS / CRÍTICAS CONSTRUTIVAS E EDUCADAS / ELOGIOS TAMBÉM / TÔ ACEITANDO TUDO.//

INCLUSIVE SUGESTÕES DE COMO MONETIZAR ISSO AQUI / PORQUE SE VOCÊ CHEGOU ATÉ O FIM DESSE QUARTO EPISÓDIO / JÁ DEU TEMPO DE IMAGINAR O TRABALHO QUE DEU E O TEMPO QUE EU LEVEI PRA FAZER TUDO ISSO NÉ BÊ?// SÓ ESSE EPISÓDIO AQUI ME CUSTOU MAIS DE 40 HORAS.// VOCÊ CONTRIBUÍRIA FINANCEIRAMENTE COM O REG?// DE QUE FORMA?// TAMBÉM ACEITO ESSA RESPOSTA NA MINHA CAIXA DE MENSAGENS.// VAMOS CONSTRUIR ISSO AQUI JUNTOS / EU ACREDITO QUE É SÓ O COMEÇO.//

ESSA PARTE AGORA SERIA DE AGRADECIMENTOS / MAS EU NÃO VOU CITAR O NOME DE NINGUÉM PRA NÃO ESQUECER DE ALGUM E DEPOIS / MEU FILHO / EU QUE LUTE.// ENTÃO QUEM FORTALECEU O CORRE DE ALGUMA FORMA SABE QUE TÁ NO CORAÇÃO.// DEIXA EU IR ANTES QUE EU CHORE / EU NÃO SEI LIDAR COM DESPEDIDA NÃO / MAS É UMA DESPEDIDA RAPIDINHA.// O REG VOLTA EM BREVE / PRA SUA SEGUNDA TEMPORADA E COM MUITA NOVIDADE.// NÃO VOU DEIXAR UMA DATA ESTABELECIDADA / MAS NÃO DEMORO MUITO NÃO.// AGORA / EU SOU CORAÇÃO MOLE / SE TIVER MUITO APELO POPULAR / MUITA GENTE FALANDO “VOLTA, REG” / UMA GALERA NOVA CHEGANDO PORQUE VOCÊ COMPARTILHOU MUITO / EU PROMETO QUE VOLTO UM POUCO MAIS RÁPIDO.// DEIXEI A BOMBA NAS SUAS MÃOS E ME PIQUEI / NÊGA.//

PRA VOCÊ NÃO FICAR COM SAUDADES DA MINHA VOZ / VOCÊ PODE OUVIR O MEU EP EHLO.// EU VOU COLOCAR A PRIMEIRA MÚSICA AQUI E VOCÊ CORRE NAS PLATAFORMAS DIGITAIS PRA OUVIR O RESTANTE DEPOIS.// O NOME DA FAIXA É ATROPELO E MEU NOME É TCHAU.//

APÊNDICE B – Transcrição da entrevista concedida por Cesar Mayko, ex-integrante do grupo Leões do Rap, para este Trabalho, no dia 12 de março de 2020

Wallace: Queria que, inicialmente, você falasse um pouco sobre o surgimento mesmo. Você tinha me adiantado que, antes de ser Leões do Rap, era Break Cia, um grupo de break...

Cesar Mayko: Sim, sim... Se chamava Break Cia, na verdade a companhia de dança primeira companhia de dança que se utilizava... nós juntávamos o break, né, o grafite. Era um curso, nós dávamos cursos no Cosme de Farias onde a rapazeada, a molecada fazia esse curso, e dentro desse curso era dança de rua que se chama hoje street dance, mas que era englobado dentro do street dance a capoeira, o grafite, várias arte de dentro do hip hop. Curso de DJ e a dança afro. Então nós misturávamos a capoeira, o afro, com a dança americana que é o break. E aí nós criamos esse grupo chamado Break Cia em 1988. Esse foi o primeiro grupo de break de Salvador, Bahia.

W: E como vocês não tinham essa referência, sendo o primeiro grupo e tal... De onde vocês pegaram essas referências? Era na TV? Onde vocês viam esse movimento?

CM: Não, nós tínhamos... Na verdade, como eu criei essa história junto com mais quatro, cinco parceiros tipo J Nery, JM Cabelinho, Alan, Fabão, que hoje não estão mais morando aqui em Salvador. Moram na... Alguns deles estão morando fora, na Europa, outros ainda estão em Salvador aí trabalhando com outro tipo de arte... E na época, surgiu na Globo um filme chamado Break Dance. E esse Break Dance passava no Brasil inteiro, então... O Hip Hop já existia em São Paulo, né, no Brasil...

W: Final da década de 80?

CM: Meados da década de 70, finalzinho da década de 80. São Paulo é o expoente do hip hop no Brasil, foi o primeiro estado a trabalhar com o hip hop no Brasil. E eu tive a moral de fazer um trabalho em São Paulo com os principais do hip hop no Brasil, como Thaíde & DJ Hum, Nelson Triunfo, Racionais MC's e outros.

W: Você fez participação com eles?

CM: Participação com todos eles. E anos depois, eu acho que dois anos depois, 89, 90... Eu falei "pô, eu tô sentindo a necessidade de cantar o rap" porque eu queria pegar esse trabalho de Salvador e mostrar para São Paulo, para o Rio de Janeiro, mas a gente não tinha como entrar só com a dança. Então eu comecei a compor e nessas composições, eu escolhi algumas músicas junto com os parceiros e produzi um CD chamado Realidade da Vida. Foi o primeiro CD. O nosso primeiro CD se chamava Realidade da Vida.

W: Eram quantas pessoas no Leões do Rap?

CM: Nós tínhamos JM Cabelinho, Tony D, J Nery, Alan, Fabão, Dance Bel... Na base, na base eram 8 pessoas.

W: Todos cantavam?

CM: Todos cantavam e todos dançavam.

W: Então todos eles eram do Break Cia?

CM: Todos eles eram do Leões do Rap e que migraram para o Break Cia.

W: Mas o Break Cia não veio primeiro?

CM: Ou melhor, eram do Break Cia e migraram para o Leões do Rap. Isso. Porque o Leões do Rap, na verdade, ele se tornou um trabalho mais completo pra gente. Porque no Break Cia, só trabalhávamos com a dança, até então... com a dança, com o teatro, com uma parte de capoeira essas coisa toda... mas faltava música. E aí criamos... aí eu criei o nome Leões do Rap para que a gente pudesse englobar tudo isso em um trabalho só.

W: Todos os oito que você citou moravam em Cosme de Farias?

CM: Sim, todos moravam no Cosme de Farias.

W: E quais eram as principais temáticas das suas músicas? Quando vocês começaram a compor e tal...

CM: Olha, nossas músicas sempre foram engajados politicamente. Então, a parte social, cultural, a parte... Nós falávamos do dia a dia, do nosso cotidiano, todas as letras, ela tinha essa responsabilidade de passar para os jovens o caminho correto das coisas, para ir estudar, para procurar se formar em alguma situação, para que não seguisse o caminho, é... esse caminho obscuro que nós temos muito fácil dentro das comunidades, certo? Então aí nós tínhamos um trabalho engajado politicamente, era um trabalho muito politizado porque, além de mim, todas as pessoas que faziam parte da base, todos estudavam todos têm uma formação. E essas formações, mesmo com luta, nós conseguimos passar para os moleques e fizemos vários alunos que fizeram faculdade, hoje tem... A maioria são homens, né, eu agora acabei de fazer 48 anos de idade, então eu tenho alunos que falam comigo hoje que foram meus alunos que estão com 30, com 32, com 28, passaram dos 25 anos... de idade. E ainda me chamam de professor, alguns me chamam de tio, alguns estão dentro do hip hop... E isso proliferou, foi muito massa.

W: E nessa época aí, que vocês começaram esse trabalho dentro da comunidade, quais eram as suas principais influências nesse momento?

CM: A base... Assim, as influências da dança no Brasil, nós tínhamos como Thaíde & DJ Hum, como citei anteriormente, nós tínhamos o cara que foi um dos primeiros mesmo no Brasil, Nelson Triunfo, certo? MT Bronx, que hoje não trabalha mais, deve estar com os seus 60 anos de idade hoje e tal... Tá trabalhando como produtor musical em São Paulo. E fora, nós tínhamos grupos como Wu-Tang Clan, Tupac Shakur e muitos outros grupos gringos, né? Em São Paulo, musicalmente, a gente pode falar de RZO, SNJ, o próprio Racionais MC's, né... Balinhas do Rap, Damas do Rap, grupos hoje que são... alguns grupos desses que eu citei aí que já estão extintos. E nós tínhamos esses grupos como base, porque eu tinha que ir para São Paulo para trazer os vinis. Antigamente, era os vinis mesmo porque lá tinha a fábrica de vinil, os caras produziam as bases, produziam o trabalho deles em fita cassete e passavam para vinil. E eu trazia esse Vinil de São Paulo pra cá. Então nós fomos o primeiro grupo a utilizar os MK2 aqui em Salvador. E esses primeiros MK2, eu comprei do Racionais MC's, do DJ... de KLJay, certo? E o primeiro show de hip hop grandioso aqui em Salvador, quem trouxe para cá

fomos nós do Leões do Rap. Trouxemos Racionais MC's, junto com um parceiro do Rio de Janeiro que se chama Marcelo D2, na época do Planet Hemp.

W: Você lembra em que ano foi?

CM: Aí foi... 2002.

W: Onde foi esse evento?

CM: Aí foi lá naquela casa de show hoje também extinta...

W: Bahia Café Hall?

CM: Não, não, é daquele camarada que tá preso agora... Lá embaixo na... Como é que chama aquilo ali, rapaz? Eu esqueci o nome agora. É... Na casa de show de Raimundão. Foi um dos primeiros shows que nós fizemos grandioso aqui de hip hop.

W: Ficava em que bairro?

CM: Campo do Águia, lá no Mega Show.

W: Você tem algum material, jornal, alguma coisa desse show?

CM: Rapaz, lá no Google, aqueles endereços todos que eu te dei, com certeza você vai achar tudo isso lá. Ou no Correio, se você entrar em contato com o pessoal do Correio porque eu não tenho mais esses jornais, que estão tudo no Rio de Janeiro, que eu tenho uma família no Rio de Janeiro. Minha filha, a mais nova, tem 19 anos e mora no Rio de Janeiro, então minhas coisas estão tudo lá, muito material. Aqui, o Correio da Bahia, jornal A Tarde, Tribuna, todos esses jornais nos davam matérias. Todos os finais de semana, na parte cultural, o Leões do Rap estava porque o trabalho social dentro do Cosme de Farias era muito grandioso.

W: Você falou do CD Realidade da Vida. Teve algum outro? Fala um pouco da discografia.

CM: Certo. Depois do Realidade da Vida, nós criamos...

W: É de 2000, né, esse álbum?

CM: 1998, foi o primeiro álbum. Depois de 1998, de lá pra cá nós lançamos mais seis CDs.

W: Então são sete...

CM: É, porque aí teve o solo e teve a minha carreira solo que tá rolando agora, então tem dois CDs aí que é da minha carreira solo, que já não é mais Leões do Rap, certo? Mas Leões do Rap, nós lançamos três CDs, foram três CDs e dois singles. Porque os singles não foram para a rua, né? Foram só para divulgação, para rádio, para televisão para essas coisas aí. E o clipe nós tivemos... gravamos quatro clipes dessa história do Leões do Rap, mas o clipe que mais identifica, que mais retrata o nosso trabalho foi lançado em 98, né. Em 1998. Nós articulamos tudo há 10 anos... anterior, anteriormente, mas não tínhamos o dinheiro para bancar. E aí em 1996, eu fui campeão do FEMADUM com um rap, com a música SSA Bahia.

W: Que foi regravação pelo Olodum, né?

CM: Foi gravada... a primeira gravação foi feita pelo Olodum.

W: Mas esse FEMADUM você ganhou como Cesar Mayko ou como Leões do Rap?

CM: Não, ganhei como Cesar Mayko. Eu e mais um componente do Leões do Rap, que se chama JM Cabelinho, que é meu parceiro dessa composição.

W: Então são vocês dois?

CM: Nós dois. Essa música, que de primeira instância saiu no CD Roma Negra, do Olodum, essa música já foi regravada pelo Olodum algumas vezes, várias vezes. E agora é a segunda vez, esse ano é a segunda vez que sai no livro de campeões do Olodum. Então, tem dois livros do Olodum, um que foi lançado em em 2017 e outro que foi lançado agora em 2019, ano passado, na página 282 está lá nossa música de novo, mais uma vez. E essa música, até hoje... durante 23 anos está fazendo parte do repertório do Olodum, até hoje.

W: Eu pesquisei lá, e eu vi o...

CM: E é a primeira música, o primeiro rap de Salvador a ser gravado por uma gravadora multinacional, que foi a Warner Music. Gravada e editada. E foi a música que tirou o rap da Bahia do anonimato.

W: Uma pergunta um pouco mais subjetiva agora: qual era o sentido de fazer rap naquela época?

CM: Rapaz, assim, nós precisávamos de um veículo para que a gente colocasse a nossa voz, né? Os nossos direitos, as nossas vontades... De tanto ver as pessoas dentro das comunidades, principalmente da nossa comunidade, Cosme de Farias, ser criticada e as pessoas... e sair nos jornais "ah, só tem vagabundo", "não sai um professor, não sai um médico, não tem um advogado"... e mentira! Já tinha pessoas pensando um futuro próspero, já estudando como nós e outros. Dezenas e centenas de pessoas do Cosme de Farias, nós temos bastante profissionais em áreas diversas dentro do Cosme de Farias. Mas aí na época, como hoje tá pior ainda, eles fazem e faziam questão de divulgar os malefícios na comunidade. Nós fazíamos questão de... nós queríamos mostrar para a Bahia, para o Brasil e para o mundo que dentro de Cosme de Farias e dentro das comunidades da Bahia tem frutos, bons frutos, correto? E aí, devido a essa situação de a gente fazer as aulas, dar as aulas de capoeira e de dança e teatro na rua, nas praças no final de linha de Cosme de Farias, no Luis Anselmo, no Centro Social Urbano, na Baixa do Tubo propriamente dita, que é lá no buraco onde muita gente não entrava e nós levávamos a televisão, levávamos a rádio, por causa desse clamor que a gente fazia através da nossa música, através da nossa arte e deu certo. Tanto que, em 2004, nós recebemos uma coletiva que veio de Paris e nós não estávamos esperando. O CD Realidade da Vida, através de um amigo meu africano, Salifu Bara, foi parar na mão desse pessoal da Wu-Tang Clan, nos Estados Unidos, e dos Estados Unidos foi cair em _____, em Paris. E aí o grupo RP, de Paris, achou interessante e veio fazer intercâmbio no Brasil, no Rio de Janeiro, e falou "não, eu tenho que ir em Salvador, Bahia para ver esses caras: Cesar Mayko e o Leões do Rap, quero saber que história é essa". E deu no que deu, nós fomos representar o Brasil, a Bahia e o Brasil no festival de Paris em 2004.

W: Nessa época, década de 90, o rap ainda era uma novidade, né?

CM: Sim.

W: Quem era o público de vocês? Como vocês faziam para conquistar esse público com essa novidade, uma coisa que ainda não existia? Como foi esse processo de entrada na cena?

CM: De inclusão no rap, né? Rapaz, na verdade, nós éramos muito ousados, né? Porque o rap é isso, o rap é atitude. Então, onde tinha um pagode, nós íamos pro produtor e falava assim "irmão, deixa a gente tocar aí, pô, meu DJ tá aí, tamos aqui com o toca-disco...". "Não, não pode, esse tipo de música aqui não vai rolar... Se fosse um reggae, se fosse um samba um pagode e tal..." e de dez pessoas que a gente ia, de dez eventos que nós íamos, um ou dois deixavam nós subirmos para cantar uma música, no intervalo, enquanto neguinho tava ligando ali o som, passando o cavaquinho nós íamos e mandávamos a ideia. E isso foi firmando e as pessoas foram gostando. E, lógico, sempre tinha um "podar". Eles podavam a gente, "olha só pode cantar isso, não pode cantar aquilo". Uma vez mesmo eu fui fazer um evento junto com a minha rapazeada do Leões do Rap, na Pituba, e o evento era de um vereador. E chegando lá, a primeira música do nosso repertório se chamava Polícia e nós sampleamos aquela parte da música do Titãs "polícia para quem precisa, polícia para quem precisa de polícia" e eles não gostaram. Tiraram a gente do palco, nos levaram para a 6ª Delegacia, fomos presos, porque acharam que nós fomos intransigentes e que estávamos indo contra o sistema, e que estávamos falando mal do político, e que, na verdade, o político também era policial, entendeu? E aí acharam que nós estávamos sendo muito ousados. Então nós tivemos vários problemas. Vários problemas, mas tivemos apoio de pessoas que não eram de dentro do hip-hop, não eram de dentro da comunidade, mas que nos assistiam de fora e falavam assim "não, esses moleques têm que ter um apoio porque eles estão falando a verdade". Tanto que MV Bill, do Rio de Janeiro, nos chamava, no início, quando nos conheceu, ele e a galera dele chamávamos a gente de Os Novos Baianos. Nos apelidaram como Os Novos Baianos porque achavam que era a nova revolução da Bahia. Leões do Rap estava ali, naquele momento, década de 90, fazendo a nova revolução da Bahia através da música, através da arte, mas que muita gente não aceitava. Falavam "pô, esses moleques tão muito esperto", né. Porque, assim, nós não éramos só a revolta na música. Tinha a revolta, como tem. Existe a nossa revolta, a revolta que todo ser humano que vive e cresce dentro de comunidade tem, as coisas que nós passamos e que a mídia não mostra. Mas tínhamos também a parte de alegria, de festa. Então a época de discoteca, nós estávamos em todas as discotecas, em todos os bairros de Salvador. Nós tínhamos grupos de dança que... nosso grupo de dança ganhava festivais de música e de dança de tudo quanto é lugar que tinha uma festa, daqui de Salvador até os interiores da Bahia, Leões do Rap foi conhecido. Então era isso, o nosso objetivo era falar para a Bahia, pro Brasil e pro mundo "olhe, as comunidades têm pessoas que pensam, têm pessoas que estudam, têm pessoas que têm cultura. Então olhe, abra os olhos e os ouvidos e os espaços porque se não abrir, nós vamos brocar e vamos entrar. [risos]

W: Além disso que você já falou, quais eram as outras principais dificuldades de fazer rap naquela época?

CM: Todas que você imaginar. Todas as dificuldades. Primeiro que você ia tentar gravar uma música no estúdio, os próprios produtores falavam que não ia gravar porque não tinha conhecimento. Mentira. Tinham medo de colocar o nome do estúdio em um rap que poderia falar mal de um político ou de outro, entendeu? Falar do sistema de uma forma direta. Então nós tínhamos essa dificuldade de poder gravar um trabalho, tocar em rádio... Mesmo com dinheiro, quem tinha o

dinheiro, não se pensava em colocar em rádio porque eles não tocavam, e como não tocam até hoje. Se você não fizer um pop, um hip hop pop, "popeado", você não vai ser tocado. Como acontece com o reggae de Edson Gomes até hoje. Você tá entendendo? Então nós tínhamos essa dificuldade. Ah! Outra dificuldade: a dificuldade de você chegar no local e falar assim "pô, nós temos aqui esse trabalho social e estamos precisando de um apoio porque nós temos 50, 100, 200...", cheguei, nós chegamos a ter 250 crianças dando aula de dança. E a nossa insistência com as crianças e com os adolescentes era que eles estudassem. Todo mundo que fazia aula no nosso projeto PAM, Projeto de Assistência ao Menor tinha que estar estudando. Então nós íamos nas casas e falava assim "olhe, seu filho quer entrar, mas cadê o menino? Tá no colégio?"

[entrevista interrompida por um profissional do Centro de Controle de Zoonoses]

CM: E aí o que é que acontece? As dificuldades eram diversas, todas elas. Para você tocar em um lugar, para você... até para você dar aula na rua. Eu tive caixas de som que policiais não gostavam, não gostaram do evento que eu fiz, porque eu tava dando aula ali dentro da Baixa do Tubo e ele dar tiro na minha caixa de som. Falar "não, isso aqui tá incomodando, essa música de bandido, essa música de preto, de ladrão, de maconheiro..." e deu tiro nas minhas caixas de som. E a gente ter que correr atrás, ir de novo, refazer, reformar os alto-falantes e colocar de novo e quando a gente viu, algumas pessoas que estavam nos apoiando falavam assim "ó, a polícia entrou na rua tal", aí desligava o som para os policiais passarem, quando eles terminavam de fazer a "bateção" deles e o trabalho deles, a gente voltava de novo, as crianças sentadas no chão esperando. Quer dizer, um trabalho que nós fazíamos o trabalho para que eles não tivessem o trabalho que eles têm hoje: o trabalho de prevenção. O trabalho de não deixar a molecada ir para a criminalidade. Então, nós fazíamos esse trabalho, e que dava certo, e que deu muito certo, como outros trabalhos estão sendo feitos hoje, mesmo que camuflado estão sendo feitos bastante trabalhos sociais aí que evita e que faz com que diminua a frequência deles dentro da comunidade. Aí muitos deles falam assim "ah não, é porque tá fechado com os bandidos". Não. O certo é o certo e o errado é errado. Quem trabalha com social não fecha com o errado. Muito pelo contrário. Quem trabalha com social quer que o social seja base para que os adolescentes não se percam, tenham o futuro brilhante dentro dos conformes que mandam a lei. Até hoje você pode ver isso aí que é fácil e é fato. Até hoje, eles ainda discriminam o nosso trabalho. Eu sei que aqui em Lauro de Freitas, em toda a Bahia, em toda Salvador, todo lugar que você for tem um grupo de rap fazendo o social. Tem um grupo de dança fazendo o social. Mas não tem o apoio, eles não querem que cresça. São eles que não deixam a gente crescer e fazer o certo. Então nós já tínhamos essa dificuldade há 20, 30 anos atrás.

W: Além de vocês, quais eram os outros grupos da época que você lembra? Isso eu tô falando de anos 80 e 90.

CM: Certo. Rapaz, agora para me lembrar... Na época tinha Break Bahia, tínhamos Teta e sua rapazeada...

W: Aí são grupos de rap ou de break?

CM: Grupos de rap e break. Então são b-boys e rappers, né? Tínhamos Velório Negro, muita gente da antiga que eu não lembro, mas já tinha muita gente. Inclusive, a maioria desses nomes que eu citei para você, foram pessoas que nós demos a oportunidade a primeira vez para subir em palco. Porque os primeiros grupos... o primeiro grupo mesmo a subir num palco com uma produção, com

percussão, com a mistura da percussão com o CDJ ou então com os pickups, com DJ, com os MC's... Na época, tinha um evento que acontecia dentro do Shopping Lapa chamado Vitrine da Música, e nós fomos... ficamos ali durante dois ou três meses na Vitrine da Música e convidando pessoas de dentro de vários bairros que eram rap. Nós procurávamos saber "pô, onde é que tem um grupo de rap?" Do São Caetano, do IAPI, da Caixa d'Água, da Liberdade, do Pelourinho... E nós convidávamos para que preenchesse o espaço ali junto com a gente e foi a partir daí que a gente teve e viu a noção do quanto era grande o cenário do hip hop em Salvador.

W: Isso aí mais ou menos em que ano?

CM: Ah, isso aí meado de 80, meado de 80 e até uma década mesmo, até o meado de 90. Depois, de lá para cá, vários grupos andaram sozinhos, né? Vários grupos, como tem hoje, vários grupos aí fazendo um som mesmo.

W: Você sente que, nessa época, a cena do rap era mais unida do que atualmente?

CM: Eu acho que sim porque tava todo mundo buscando espaço. Hoje, tem muita gente que, dentro do rap, se sente grandioso e que esqueceram as raízes, certo? Eu digo isso porque eu sofro isso na pele, porque tem muita gente que tá fazendo rap hoje que não sabe quem é Cesar Mayko. Quem foi Cesar Mayko, quem foi o Leões do Rap, quem foi o Break Cia. "Quem foi" não, porque estamos vivos. Quem somos nós... quem somos nós. Você já é a segunda ou a terceira pessoa que me procura de faculdades. O pessoal da faculdade de turismo, ano retrasado me procurou e fizeram um trabalho muito bom com essa história. Então, tem livros aí que já saíram com a nossa história, do Break Cia. A fundação... é... o mastro do rap na Bahia. Porque nós não somos nem a bandeira, nós somos o mastro do rap na Bahia. Porque tem pessoas hoje que me chamam de o Vô do Rap, eu não sou nem tão velho assim. [risos] Mas é porque a gente já tem quase 30 anos de hip hop. Então, hoje mesmo, tem muito grupo aí... tem programa de rádio, tem um programa de rádio mesmo, tem um programa na Rádio Educadora que os caras não tocam minha música. Eu já tive a humildade de mandar trabalho para ele, de chegar em eventos com ele no Pelourinho, dar meu CD e algumas pessoas ligar e ele falar que não tem a música de Cesar Mayko, não tem música do Leões do Rap, não tem música, a nossa música na discografia deles. Então não tem união. Eu sou o primeiro cara que tive um programa de rap aqui em Salvador, na Rádio Cidade, na época, que virou Jovem Pan. Rádios comunitárias, mais de 20 rádios comunitárias. Nós tínhamos um programa chamado Realidade da Vida. Realidade da Vida que também foi o nome do segundo CD do Leões do Rap, certo? E esse Realidade da Vida foi um programa que ficou durante dois anos sendo patrocinado pela prefeitura de Imbassahy, na época de Imbassahy. A música da campanha de Imbassahy foi minha e fomos nós, Leões do Rap, que atuamos e escrevemos a música de campanha de Imbassahy.

W: Isso em 98?

CM: 98. Aquele clipe, aquela atuação toda... Tá no YouTube, se você for procurar lá. O clipe de campanha de Imbassahy somos nós que estamos atuando ali. A letra, produção... tudo tem nosso nome. Então os que estão fazendo rap hoje, eles não respeitam a posição, a nossa posição como a raiz do hip hop em Salvador, Bahia. E assim, hoje, muita gente já saiu. Teve alguns grupos daqui que participaram também do Hutúz Festival. Mas depois... Leões do Rap participou do Hutúz Festival por três anos consecutivos, com clipes concorrendo com os grandes. Eu trouxe MV Bill aqui para cantar junto... MV Bill tinha o sonho de cantar com o Olodum. Quem trouxe fui eu, pra cantar no Terreiro de

Jesus, junto com a Banda Olodum. Eu trabalhei com MV Bill num projeto dele chamado Atitude e _____, no Rio de Janeiro. Dei aula de street dance durante dois anos, no Rio de Janeiro, na Cidade de Deus, dentro do projeto de MV Bill. E a galera nem pensava ainda em ir no Rio de Janeiro cantar, nem ir em São Paulo cantar. Quando Racionais veio para aqui eu já tinha cantado com Racionais em Campinas, em São Paulo. Já tinha cantado no centro de São Paulo, numa casa de show chamado projeto Radial Leste. E já tinha cantado com Racionais, com D2, com Thaíde & DJ Hum, com MC Pablo, com vários MCs do Rio de Janeiro e de São Paulo... E hoje, os caras sabem dessa história, mas não fazem questão de me levar pro evento. Hoje tem um projeto grande, no Pelourinho, patrocinado acho que pelo Governo do Estado e pela pela SEPRONI, se eu não me engano, por um órgão desse aí da Prefeitura, do Governo do Estado, e que eu nunca fui convidado. Vêm grupos de fora, eles pagam o cachê para os grupos de fora, mas eu nunca fui convidado. Então tem um desrespeito, é por isso que a gente não cresce. Eu acho que é isso. O que acontece na Bahia e eu acho que no Brasil todo, os negros, a força do negro tá na união. Mas se nós não nos unirmos, nós vamos ser sempre a escória. Você tá me entendendo? Tipo "vou botar ali para tapar aquele buraco", nunca vai ser, tipo, o cara cabeça de um evento. "Olha, eu tô trazendo aqui Racionais...", como faz em São Paulo Racionais MC's e os outros. Nós já temos condições de fazer grandes shows de hip hop aqui dentro, com nossos artistas do hip hop. Mas eles, até hoje, ainda precisam trazer pessoas de fora para fazer um grande evento de hip hop, para dar uma bilheteria. Sabendo que se botar um show comigo com os meninos aqui da Itinga, que é da antiga para caramba.

W: Fúria Consciente?

CM: Fúria Consciente! Porra, Fúria Consciente tem mais de 20 anos de história, cara. Eu conheço os caras desde moleque. Conheço aqueles caras, ali do Largo do Caranguejo há muitos anos que eu conheço eles. Inclusive, o Fúria Consciente subiu, se eu não me engano, foi em 2001 ou foi 2002, no palco do Vitrine da Música comigo, com o meu grupo, Leões do Rap. Eu outro dia vi uma matéria deles na TVE, deles, e porra eu fiquei maravilhado. Falei "porra, os caras não deixaram a peteca cair". Mas será que estão sendo respeitados? Porque também faz parte da história, lá atrás. Será que eles não estão tendo que se desbandar para fazer um evento para convidar eles mesmos? Hoje, tem vários eventos acontecendo na Bahia toda, negão, na Bahia toda. Tanto no centro, na capital, como nas cidades ao redor. Feira de Santana, Camaçari têm grandes grupos de hip hop. A história é grandiosa, mas como toda área, cultural, musical, social, tem as panelas. Só que essas panelas, eles esquecem que eles se fecham demais. E onde você tem a panelinha, aquilo ali vai circular ali dentro e vai chegar uma hora que você não tem mais nada para apresentar. Se você não abriu uma brecha para vir uma ideia de fora, né... De fora que eu digo, de dentro do nosso estado, mas das cidades, dos bairros vizinhos. Tô fazendo um evento aqui, por que que eu não vou convidar um grupo massa de lá de São Caetano ou do IAPI para vir cantar aqui, para que as pessoas também conheçam o trabalho dos caras? Não tá acontecendo isso, isso há muitos anos. Tem algumas coisas acontecendo aí, beleza, graças a Deus tem um grupo de rap, como tem esse aí onde você me encontrou, tem outros grupos também dentro do zap, mas precisa ser feito uma parada assim uma associação. Cadê a associação de hip hop da Bahia?

W: Já existiu em algum momento isso?

CM: Tem uma associação aqui dentro que não é da Bahia, que é a CUFA, de Bill, do Rio de Janeiro. Quer dizer, MV Bill criou isso no Rio de Janeiro e espalhou, está em vários estados do país e quem

tem a base aqui do hip hop é a CUFA, a Central Única das Favelas. Quer dizer, quando rola um grande evento, a CUFA que escolhe quem botar... Quer dizer, o pessoal que direciona de lá do Rio de Janeiro é que manda no cenário do Rap da Bahia, quer dizer, a gente fez o trabalho que fez, né. Eu saía, na década de 80, com minha rapazeada, com um microsystem no ombro, dançando do Cosme de Faria até... passávamos pela Sete Portas, Matatu, Sete Portas, Pelourinho, ali Aquidabã, Pelourinho, subíamos, Praça da Sé, íamos para o Castro Alves, Joana Angélica, Piedade, até chegar no Campo Grande, irmão. Toda sexta-feira, isso era religiosamente... diária. Era diária, toda sexta-feira, sexta e domingo, Leões do Rap convidava alguns grupos do subúrbio e de alguns lugares da Bahia pra fazer essa caminhada do rap e do break e fazíamos a roda... Em todo lugar, a gente armava uma roda e pedia uma grana, passava o chapéu para comprar o lanche, comprar as pilhas pra botar no microsystem, pra propagar o hip hop na Bahia... Hoje tem um nome que aprendeu tudo isso conosco e que tá lá dentro e que não convida os... como é que eu falo pra você? Dentro de um baralho, nós seríamos os áses do hip hop da Bahia. Mas tamos fora do baralho, entendeu? Mas, muita gente fala pra mim assim "pô, Cesar Mayko, caramba velho, vira e mexe você tá em evidência"... Porque mesmo que eles não queiram, eu vou buscar. Enquanto não vem até a mim, eu vou buscar. A minha história e o meu trabalho não foi um trabalho que foi feito que foi pra jovem chegar aqui e falar "porra, não, é de bebida é de uma fumada, é de uma pá...". Não, é uma história que tem uma consistência e que tem muita gente por fora que fala assim "não, esse trabalho, ele precisa ser visto". Hoje eu tô gravando uma minissérie chamada Balaclava, que vai pra Record agora a partir de abril. Então, eu sou ator da Record há 18 anos, então eu já gravei... eu fui o Cabelinho de Vidas Opostas. Já gravei duas... três novelas pela Record. Já gravei... tô num filme junto com Luiza Tomé, Marcelo Pereira, Roberto Melo. Então, o nosso trabalho não é só dentro do hip hop. Então, eu sou ator, cantor compositor, mas a base do meu trabalho é o hip hop. E, mesmo assim, as pessoas sabem que me levando para um evento, sabe que tá levando uma história uma carga grandiosa, positiva, para o evento. Mas eu não sei porque que eles não me convidam. Já aconteceu de eu estar aqui, saber que o evento é um evento bom e as pessoas... algumas pessoas que estão de fora que estão... fazem parte, mas estão de fora da produção e falam assim "Cesar Mayko, você não foi convidado para o evento tal?" e eu falar "não". "Porra, não mas toma aqui, um convite aqui. Você tem que aparecer, irmão. Mesmo que você não suba no palco, apareça para que as pessoas saibam que você faz parte dessa história, que você está presente ainda". E eu ir e às vezes as pessoas falarem assim "ah, tá tirado" porque me chamar em cima da hora, para eu subir no palco para dar canja... Eu não faço mais degrau para ninguém. Eu quero somar, eu tô aqui para somar como eu tô somando com você, como somarei com qualquer outra pessoa que venham e diga assim "pô, Cesar Mayko, seu trabalho vale a pena a gente colocar no meu, unir ao meu". Agora, não "porra, fique aqui porque eu preciso de você para preencher aquele buraco ali" para mim não... eu não faço mais esse papel, já fiz até para mostrar trabalho, certo? Mas hoje, a gente não faz mais. Mas não tem essa... como você perguntou, essa coisa de união não existe.

W: Onde vocês costumavam se reunir, fazer eventos? Quais espaços vocês ocupavam em Salvador?

CM: Pronto, nós nos reuníamos, a minha base, então, nossa base, a base do Leões do Rap, era no Centro Social Urbano do Luís Anselmo. Então, de 15 em 15, nós fazíamos um evento dentro do Luí Anselmo ou no final de linha do Cosme de Farias. Alguns comerciantes nos ajudavam a locar o som, a locar o palco e nós produzíamos, né? Então, fazíamos o lanche para a rapazeada que era convidada. É lógico que nunca conseguíamos, na época, fazer um evento só com hip hop, tínhamos que convidar alguns grupos de pagode, grupo de samba de roda, um grupo de capoeira para inserir no evento de

hip hop. Então nós fazíamos festivais de dança, festival de graffiti, festival de música, DJs e tal... Então convidávamos DJs de vários bairros e vários eventos... No Campo Grande, nós fizemos vários eventos ali no Teatro Vila Velha, porque chegou uma época que o trabalho, ele tava tão tão difundido, tão divulgado em Salvador que o pessoal da Fundação Gregório de Matos nos apoiava. Então, logo quando foi lançado aquele programa, não sei se você ficou sabendo, se você lembra, Boca de Brasa. Então nós éramos contratados pelo Boca de Brasa e levávamos nosso rap para vários bairros de Salvador, Bahia. Então era através desses veículos que nós colocávamos nossos eventos e difundíamos o trabalho.

W: Além de vocês... aí agora você como um observador. Do que você observava dos outros grupos que começaram a se movimentar a partir do trabalho de vocês, onde essa galera costumava se reunir e fazer os eventos deles? Era nos bairros?

CM: Geralmente dentro dos bairros deles. E aí convidavam outros e outros de outros bairros e assim como sempre foi feito porque o rap, cara, ele até hoje ainda não tem essa moral de alugar grandes espaços, a não ser que você fale assim "ah vou contratar um grupo pan de Rio de Janeiro, de São Paulo". Aí eles aqui aceitam, aí você tem que ter uma grande produção, uma produtora ou empresário que compre a ideia, aí vai pagar o cachê do artista renomado do rap, e aí você vai inserir alguns artistas de Salvador, Bahia. Mas o próprio rap da Bahia não tem ainda essa força de locar sozinho o... como é? Ali, a Concha Acústica, certo? Hoje, tá tendo um evento dentro da praça, eu acho que da Tereza Batista ou é da Quincas Berro d'Água, no Pelourinho, mas é porque tem um projeto da Prefeitura ou é do Governo do Estado, mas mesmo assim sempre eles trazem alguém de fora, né, porque não tem essa força financeira ainda, né, não tem essa força financeira, não tem uma gravadora, uma produtora que banque o trabalho do hip hop sozinho, entendeu

W: Ainda nessa época de anos 80 e 90 aí eu queria que você me trouxesse um pouco o perfil do público do rap. Quem era essa galera? Era homem? Era mulher? Era de que idade?

CM: A nossa... o nosso público, na verdade, era um público jovem, né? A galera dos colégios, das faculdades. Nós fazíamos muitos shows em faculdades, aqui, nos colégios. A galera das comunidades, principalmente, principalmente das comunidades. Nós chamávamos de som underground, né? Que era as coisas fechada e que a gente divulgava boca em boca, ou então fazia um flyer, fazia uns cartazes, aí um falava para o outro no colégio. Aí quem já tava fazendo uma faculdade ou uma universidade falava "pô, vai ter um evento de rap misturado com reggae, com rock". Era esse público, o público do rock era o mesmo público do reggae que ia pro rap, entendeu? Que se uniam. Esse era o nosso público.

W: E havia algum tipo de repressão nessa época? Você falou um pouco já sobre a polícia e tal, mas vocês sentiam que havia algum tipo de boicote, por exemplo, por parte das produtoras, das gravadoras, das emissoras de TV, enfim?

CM: Sim, sim, sim. Sempre teve, né? Porque nós colocávamos... fazíamos tudo direitinho, fazíamos ofício, às vezes queríamos... quantas vezes... nós tentávamos fazer um evento dentro do Cosme de Farias e tinha que fazer ofício, ofício para a Polícia Militar, ofício para a Prefeitura, ofício para colocar um banheiro público na rua... e às vezes não acontecia, "ah, não pode, não tem, não tá liberado, não tinha...", como é que se diz? "Não vai dar para liberar o ofício", e a gente tinha que adiar nossos eventos. Às vezes, a gente fazia na ousadia e aí vinha a repressão tanto da polícia como a própria

comunidade às vezes "ah, tá incomodando, não sei o quê...", aí ligava, falava que o som tava incomodando e chegava o pessoal e tirava tudo e mandava desarmar. E a gente perdia dinheiro porque o dono do som queria receber o dinheiro dele, o dono do palco queria receber o dinheiro dele, a pessoa que a gente convidava queria o dinheiro da kombi, na época, que não tinha nem van. Era kombi ou táxi. E nós perdíamos com isso. Quer dizer "ah, de onde você tirava o dinheiro?" Tipo, eu tinha minha profissão, sempre tive. Meus outros amigos também tinham, aí nós juntávamos 10 de um, 20 de outro, 30 de outro, juntava aquele dinheiro da produção, "vamos fazer? Vamos". Bancávamos tudo e perdíamos, às vezes.

W: O Leões do Rap, enquanto grupo, ainda existe?

CM: Não.

W: Deixou de existir quando?

CM: Desde 2004, quando nós voltamos de Paris. Nós fomos para Paris participar do festival do _____ e eu tive que ficar em São Paulo por causa de alguns trabalhos. A rapazeada, vieram para Salvador. Alguns seguiram, foram pro pagode, outros foram pro axé, outros continuaram no rap, como ainda tem hoje muitos grupos de rap aí de algumas pessoas que saíram do grupo. Outros, eu tenho dois parceiros, Alan e Fabão, que estão morando em praia de Mallorca, na Espanha... Então, cada um seguiu seu caminho, quando nós chegamos de Paris fizemos isso. E aí, de São Paulo, fui para o Rio, fiquei morando no Rio, como eu tenho uma vida já no Rio de 19 anos... vivo no Rio há 19 anos. Vou e volto, assim nessa pegada. E de lá para cá, cada um com seu trabalho. E aí eu tive que repaginar o meu trabalho e hoje estamos intitulado o meu trabalho como "o Gladiador do Gueto". Então é Cesar Mayko, o Gladiador do Gueto. Agora, eu estou no meu terceiro CD solo, que vai se chamar Identidade. Estamos terminando de produzir agora e... e é isso.

W: Na música... eu acho que é o principal, me corrija se eu estiver errado, mas acho que foi o principal clipe de vocês, que é o Somos Hip Hop, né? E aí teve um verso, acho que no refrão, que me chamou a atenção, que aí vocês falam "somos hip hop, precisamos de sorte". E aí eu queria que você me explicasse um pouco. Por que? Precisamos de sorte por quê? Em que sentido?

CM: Essa frase, na verdade, foi colocada e foi providencial mesmo, foi uma coisa para que as pessoas se ligassem que além do talento, além do entendimento da arte que nós temos, além do nível cultural que a minha rapazeada tinha na época, nós tínhamos que ter muita sorte porque nós bancávamos tudo com o nosso suor, mas mesmo assim nós tínhamos o azar de vir alguém e boicotar nosso trabalho e desfazer, desmerecer, não deixar acontecer. Então, nós precisávamos de sorte. Além de tudo que a gente já tinha, que nós já tínhamos como respaldo, nós tínhamos que ter sorte e essa sorte a gente... quando eu fiz, que essa letra é minha, quando eu fiz essa música, essa sorte, ela quer dizer o seguinte: que você, além de você ser conhecedor do que você tá fazendo, você tem que ter um axé muito forte, você tem que ter muita fé, você tem que ter muita força de vontade e tudo isso para mim engloba a sorte. Por isso, essa essa frase aí, "precisamos de sorte".